

Conheça Miles

um cupido especial



Jane May

Conheça Miles

um cupido especial

Tradução

Elizabeth Neilson

Aos meus pais.

Assim eles poderão parar de

imaginar

o que eu faço com os meus dias.

Todo conhecimento, a totalidade de todas as perguntas e de

todas as respostas, está contido no cachorro,

FRANZ KAFKA

Prólogo

Bob sorveu a última gota de cerveja, lançou a lata na lixeira, e errou.

— Não consigo entender — disse ele, despejando o conteúdo de outra gaveta de roupas na mala. — Sempre fui fiel a Jen. Nunca a traí uma única vez. — Então, olhando-me diretamente nos olhos: — E sabe qual é a parte mais frustrante?

Eu não fazia a menor idéia, porém sabia que ele responderia à pergunta de qualquer maneira. Como sempre.

— Você estava comigo. — Bob atirou os braços para o ar e bateu as mãos com força nas coxas. — Você conhece a história toda, mas não pode falar uma palavra.

Infelizmente, ele estava certo. Jurei silêncio eterno.

— Minha testemunha-chave não pode nunca me defender, porque minha testemunha-chave é, por acaso, sem querer ofendê-lo, parceiro, um *cachorro*.

Para ser exato, um bicho canino, cheirador de traseiros, levantador de perna e com joelhos para dentro.

Naquele preciso instante, eu teria trocado alegremente de lugar com um rato, morto ou vivo, apenas para que Jen e Bob ficassem juntos de novo.

Capítulo 1

Quando eles apareceram pela primeira vez no Cafofo, recusei-me a desperdiçar um pingo Qde energia para impressioná-los. Com que objetivo? Para que o mestiço com atitude pudesse sofrer outra colossal rejeição? De jeito nenhum!

Quanto à população geral, bem, iludiram-se pensando que tinham algo a oferecer.

Valeram-se de todos os artifícios imagináveis para chamar atenção. Latiram. Ganiram.

Uivaram. Pularam para cima e para baixo. O repertório completo daquelas gracinhas idiotas tipo, "me-leve-me-leve". Claro que, de vez em quando, um cachorro tirava a sorte grande e ganhava a liberdade. Todavia, encaremos a realidade: o acaso não está, exatamente, a nosso favor.

Era óbvio que uma soneca seria impossível diante de tamanha agitação, assim, por falta de algo melhor para fazer, decidi dar uma olhada na Carne Fresca, caminhando lentamente pelo corredor.

Pequenina e esfuziante, Jen assemelhava-se a um yorkshire terrier. Bob, de maxilares definidos, passadas firmes e confiantes, lembrava um boxer. Só que sem as orelhas tosquiadas. Julguei-os com o equivalente a seis e muitos anos de cachorro. Não jovens, certamente, porém longe de gastos.

Jen e Bob passaram uns poucos momentos corteses com cada interno: basset com problema

de gases, o poodle micro, vesgo e afetado, os pit bulls gêmeos e psicóticos, o pastor alemão sarnento, o dálmata surdo, e seguiram em frente, deixando para trás as esperanças esmagadas dos pobres imbecis de conseguir um bilhete para fora do Cafofo.

Típico.

Eu já vira essa espécie de gente antes. Não queria de fato um cachorro, queria apenas confundir a cabeça do animal.

Quando percebi, o casal estava parado diante da minha gaiola. Supus que se ficasse lá deitado, como um monte de cocô mole, eles dariam uma olhada na minha cara e iriam embora. Entretanto, Jen aproximou-se ainda mais, fitando-me com seus olhos penetrantes, a cabeça levemente inclinada para um lado, a face apoiada na mão.

— Oh, olá — ela falou, com um sorriso aberto e caloroso. Seria queijo o que eu farejava em seu hálito?

— E não é que você é um chuchuzinho!

Meu rabo, o qual, como uma outra parte de meu corpo, sempre demonstra ter vida própria, começou a balançar de um lado para o outro, em resposta ao agrado.

Bob me examinou de cima a baixo.

— Pequeno demais, Jen. Meu último cachorro, Bill, fazia cocôs maiores do que ele.

— Mas sempre achei que tamanho não importa.

Bob riu.

— Em se tratando de cama, não, não importa. Com cachorros, é outra história. Um cão simplesmente não parece um cão a menos que seja de um determinado tamanho.

Claro, pensei. Talvez eu não fosse alto o bastante para alcançar o nariz desse panaca, porém podia cravar meus dentes no seu pé!

Jen soltou o ar pela boca com força.

—

Você colocou defeitos em todos os cachorros que vimos. Creio que a idéia de possuímos um animal de estimação juntos, como um casal, representa um grau de compromisso que, evidentemente, você ainda não está preparado para assumir.

— Não tem nada a ver com isso, amor. Só estou sendo cauteloso. Adotar um cão abandonado pode ser um negócio arriscado.

— E tudo na vida não envolve enormes riscos? Relacionamentos, em especial?

— É. Só que não podemos fazer uma escolha impulsiva, da qual possamos nos arrepender depois — afirmou Bob.

Não é preciso ser nenhum gênio canino para entender que esse sujeito pretendia resolver seu negócio em um outro lugar. Levantei-me da minha almofada rota — cheio de ouvir tanta asneira — e estava a ponto de me retirar para o canto mais afastado da gaiola, quando a porta do Cafofo foi aberta.

A carcereira. Reconheci o odor de imediato e digamos que a criatura nunca cheirava a biscoitos frescos.

— Fiquem quietos! — ela gritou para a população geral.— Shhh! Chega! Eu falei, *chega!*

Todas as mandíbulas instantaneamente se fecharam enquanto a carcereira trotava na direção da minha gaiola.

— Olá. Meu nome é sra. Conklin. Noto que vocês conheceram nosso Miles.

Agucei os ouvidos e endireitei as costas. Vivia com esse novo nome tempo bastante para reagir de maneira instintiva.

— Quer dizer Miles, como em "Davis"? — Bob indagou, arregalando os olhos.

— Sim. De fato — continuou a carcereira —, sou uma grande fã.

— Bob também. Veja, amor. É um sinal!

— Não vamos tirar conclusões precipitadas, Jen. Ainda não sabemos nada sobre esse cão.

A carcereira, óbvio, aproveitou a oportunidade para desfiar seu discurso-padrão de vendas,

ou seja, um amontoado de besteiras.

— ...e Miles é bem-comportado, treinado para fazer as necessidades no lugar certo e, como todos os nossos internos aqui, na Associação Protetora de Animais, castrado.

Se eu era bem-comportado, por que precisei ser treinado?

— É um cachorro muito inteligente — prosseguiu a carcereira. — Todavia, sinto-me na obrigação de informar-lhes que Miles não é muito afetuoso com a maioria das pessoas.

Problemas de falta de confiança, sem dúvida.

— Ei, estamos em Nova York — interferiu Jen em minha defesa. — Todos nós temos problemas de confiança.

— Não posso discordar — comentou a carcereira, apertando os lábios. — Nem vou começar a falar sobre meu ex-marido.

Jen lançou um olhar intraduzível para Bob e este, por sua vez, fez uma careta, como se suas bolas estivessem sendo apertadas em um nó, ou algo semelhante.—

Continuando, é

possível que Miles tenha sofrido abusos?

— Receio que sim — respondeu a carcereira. — Foi encontrado vários meses atrás, no Bronx. O coitadinho estava encolhido sob o vão de uma porta, em um prédio condenado. Em péssimas condições, uma perna ferida, morto de medo. Tivemos um trabalhão para pegá-lo.

Bob mostrou-se chocado.

— Como pode alguém abandonar um animal assim? E ainda, no auge do inverno?

Havendo sobrevivido ao pior pesadelo de todo cachorro, estremeci à simples menção daquela palavra, *abandono*. A carcereira suspirou.

— Infelizmente esse tipo de coisa acontece o tempo inteiro. Apesar de nossos esforços para salvá-los, mais de quarenta mil animais de estimação continuam sendo sacrificados a cada ano na cidade.

Está vendo? — pressionou Jen. — Este é o motivo pelo qual não devemos comprar, e sim adotar um cão. Sei que você sempre valorizou pedigrees e tal, mas não é hora de dar aos menos afortunados uma chance?

Absolutamente correto!

Bob passou os dedos pelos cabelos inúmeras vezes, então cocou o queixo.

—Alguma idéia sobre a mestiçagem de Miles?

— Com certeza as orelhas grandes e os olhos são de chihuahua...

Minha mãe.

— O corpo comprido e as pernas curtas são características de basset.

Meu pai. Nunca conheci o canalha. Suponho que tenha sido um romance de uma noite só.

— O focinho preto faz lembrar um pastor alemão. Mas o rabo enrolado, com a ponta branca, é típico de basenji. Há algo de fox terrier, talvez. Ou, quem sabe, de corgi. Esse cão, sem dúvida, tem uma aparência incomum.. É um filho-da-mãe feio.

— Pois acho Miles muito bonito — disse Jen.

Bem, já fui chamado de muitas coisas, porém nunca, em minha curta vida, referiram-se a mim como "bonito". A pergunta, contudo, permanecia. Estaria Jen tentando me agradar, ou sendo sincera?

Jen estendeu a mão por entre as barras da gaiola. Cauteloso, aproximei-me e dei uma boa cheirada em seus dedos. Doce. Deslizei a língua pela palma úmida. Salgada.

— Faz cócegas. — Ela riu, afagando meu pescoço. —Aposto que você gostaria de sair dessa espelunca piolhenta, não?

Você nem imagina quanto, lady, pensei. Portanto, agora cabia a mim mostrar-lhe exatamente quanto. No momento que a carcereira abriu a gaiola, pulei os braços de Jen. Rindo de prazer, ela me abraçou apertado. Escalei suas tetas surpreendentemente volumosas até alcançar a boca, a qual lambi com ardor.

Será que eu, um eterno perdedor, tinha mesmo a possibilidade de conseguir uma nova família? Um novo lar? Uma nova vida? Meu coração começou a bater tão forte, que temi que todos no Cafofo fossem escutar.

Jen entregou-me a Bob.

— Acho que mais alguém também precisa de um pouco de amor.

No início, hesitei, só porque nunca havia beijado um homem antes. Não que houvesse qualquer coisa errada nisso. Porém, de algum modo, sabia que se não fizesse a coisa direito, minha única chance de trazer esse cara para meu lado seria arruinada. Atirei a cautela para o espaço e rapidamente deslizei a língua pelo queixo áspero do sujeito. Para minha surpresa, gostei mesmo do sabor almiscarado. Um beijo levou a muitos outros, até que o rosto dele ficou ensopado.

— Jamais o julgaria um bicho tão afetuoso — comentou Bob. — Tive um poodle, logo que me casei com Kathy. Inteligente, contudo nunca dava mais queima bicota, e muito de vez em quando.

— Você está se referindo ao poodle, ou a Kathy?

Bob virou-se para mim.

—Eis minha Jen. Espertinha, sim, mas sou completamente louco por essa mulher.

E nos meus breves minutos com ela, eu compreendia por quê.

Neste íterim, a carcereira, cuja cabeça estivera por pouco tempo (infelizmente, não permanentemente) enterrada na prancheta, empertigou-se.

—Srta. Levy, li aqui, no seu requerimento, que você nunca teve um cachorro.

— Apenas porque minha mãe era bastante alérgica e depois meu ex-marido, hum... ele não gostava de animais. Minha filha, Mia, jamais demonstrou interesse, ocupada demais com os estudos, os amigos, suas coisas. E eu estava trabalhando em período integral. Entretanto, sempre amei cães. Sempre quis um. Bob possuiu vários.

— Entendo. Então vocês dois estão morando juntos?

— Sim e não. Passamos a maior parte do tempo juntos. Ele tem um loft na região do centro financeiro, embora quase nunca o use. Bob está no meio de um divórcio... Não, não é bem assim. Tecnicamente, está no meio de uma separação, porque os papéis do divórcio ainda não foram assinados. Há uma infinidade de detalhes a serem resolvidos. Está demorando uma eternidade e...

— Jen, querida, não acha que é informação demais além do que a sra. Conklin necessita saber?

Em resposta, a carcereira bocejou, abrindo tanto a boca que podia-se rastejar lá para dentro e sobrar espaço para companhia.

— Desculpem-me. Um longo dia. Escutem, odeio pressioná-los sobre tomar a decisão de adotar Miles, mas o canil fechará em dez minutos.

Esperei alguém, qualquer um, falar. Ninguém pronunciou uma só palavra. Era um mau sinal.

Jen mordeu o lábio inferior, desapontada.

— Receio que...

Meu estômago se contraiu.

— ...estávamos na vizinhança e convenci meu namorado a entrar e dar uma olhada. De fato, não pretendíamos encontrar um cachorro tão cedo. Certamente não hoje...

Certamente não hoje. Certamente não hoje. Certamente não hoje. Certamente não hoje.

Aquelas palavras ecoaram em minha mente durante toda a noite, enquanto esse eterno perdedor permanecia deitado em sua gaiola. Cochilando e acordando.

Na manhã seguinte acordei, deprimido e num mal humor infernal. Não conseguia acreditar que um cachorro como eu, que, supostamente, deveria ser mais esperto, sucumbira tão fácil ao

charme de Jen e Bob. Sucumbira a toda aquela idiotice.

Precisavam de mais tempo para pensar melhor sobre esse negócio de adoção, dissera ele.

Prometeram voltar, dissera ela.

A verdade era que eu fora abandonado. Descartado. Jogado de lado como um osso ressecado.

Pois estava completamente errado, porque Jen e Bob voltaram. Fiquei tão excitado ao vê-los, que me atirei para frente, quase me entalando entre as barras da gaiola.

Mais tarde, com minha nova família a tiracolo, não andei, eu corri para fora do Cafofo, nem uma única vez parei ou olhei para trás, até chegarmos à calçada.

Então, gelei.

Não de frio. E sim de puro, abjeto, terror.

Ele estava a minha espera.

Parado na rua.

Rangendo os dentes podres.

O fedor de seu hálito logo inundou minhas narinas.

E lembrei-me do que tentara tão arduamente esquecer.

Mary, caída no chão, em uma poça de sangue. Os olhos da velha mulher abertos, porém vazios. A pele tão branca quanto os cabelos. Lambra seu rosto. Frio contra minha língua.

Cutucara-a com o focinho, ela não se mexera.

Latira para o homem sem parar.

— O QUE VOCÊ FEZ COM MINHA MARY? O QUE VOCÊ FEZ COM MINHA DONA?

O estranho erguera a faca, debochado.

— Feche essa sua matraca de merda, ou eu a fecharei para você!

Mas eu não lhe dera ouvidos.

Então ele se lançara sobre mim. E errara.

— *VOLTE AQUI, SEU PUTINHO!*

Atirara-me pela janela aberta de nosso apartamento no subsolo, aterrissando no beco.

No instante exato em que o caminhão de lixo passava...

E, como naquela ocasião, a liberdade já não tinha um cheiro tão doce.

Fitei o casal e prontamente dei meia-volta.

Desculpem-me, não vai dar.

— Aonde você está indo, amigão? — indagou Bob.

De volta para o Cafofo. De volta para minha pequena cela pulguenta. De volta para trás das grades, que o separariam de *mim*.

Delicada, Jen puxou a guia. Não me movi. Ela me tomou nos braços.

— Por que você está tremendo, lindinho?

Porque se você soubesse o que eu sei, estaria tremendo leite vara verde também!

Com razão, Bob concluiu que um longo passeio, pelo menos no momento, estava fora de cogitação. E chamou um táxi. Eu nunca havia andado de carro antes, muito menos de l. i x i, portanto não pude decidir se era uma coisa boa, ou ruim. () motorista, contudo, demonstrou possuir opinião bastante definida a respeito do assunto. Temendo que eu iria "urinar, defecar ou vomitar" nos "novos estofados de couro", sugeriu "transporte alternativo" e ordenou que procurássemos outro táxi!

Precisamente o que fizemos.

Jen segurou-me no colo ao nos precipitarmos rua abaixo. Nem aquele caminhão de lixo nem o estranho poderia me alcançar agora. Depois de me sentir um feixe de nervos até segundos atrás, comecei a relaxar. Olhei pela janela enquanto abríamos caminho no meio do tráfego. Nada e ninguém, me pareciam familiares nesta vizinhança. Nem os prédios, nem as pessoas. Não fazia a menor idéia para onde rumávamos, todavia tinha a sensação de que íamos na direção certa. Contudo, não estava tão seguro assim sobre meus novos pais adotivos.

— Ufa! Quem, na face da terra, ensinou esse fulano a dirigir? — sussurrou Jen, encostando a cabeça no ombro de Bob. — Steve Wonder?

— Nem me fale. Meu estômago acabou de dar uma cambalhota tripla.

—E pensar que o outro motorista estava preocupado com a possibilidade de o cachorro vomitar.

Os dois gemeram em uníssono.

Não compreendi a razão de tanto estardalhaço. Este cão não possuía motivo algum para vomitar. Este cão estava adorando a corrida.

De qualquer modo, muitos quarteirões e reclamações depois, o carro estacionou junto ao meio-fio. Bob desceu, seguido de Jen. Quanto a mim, recusei-me a me mexer, preferindo permanecer onde estava, seguro e aquecido.

— Não há nada a temer em Upper East Side, tolinho — disse Jen.

— Só se você se aventurar em um bar de solteiros em uma quinta-feira à noite — especulou Bob.

— Ou, imagino eu, se tentar impedir uma mulher de entrar na Bergdorf 's durante a liquidação semestral de sapatos.

Desnecessário dizer, este cão não entendeu a piada. Aparentemente, tampouco o taxista, que se pôs a buzinar.

— Não posso passar o dia inteiro aqui, sabe?

— Venha, queridinho.

Jen estendeu a mão para o interior do táxi, mas afastei-me.

— Você não quer conhecer seu novo lar?

Na verdade, eu queria sim. Muito. O taxista buzinou outra vez.

— Miles, por favor—ela implorou. — E sério, temos que ir.

Bob sacudiu o dedo para mim.

— Parceiro, vou lhe explicar uma coisa — o tom da voz não admitia controvérsia. — Este tipo de comportamento não vai funcionar.

Eu logo entendi que, se não parasse com aquela bobagem e entrasse na linha já, poderia muito bem voltar direto para o Cafofo.

Então, inspirei fundo e mergulhei na nova fase de minha vida canina.

Capítulo II

e acordo com minhas fontes confiáveis, dois quartos e dois banheiros em um andar alto Deram considerados o "ápice imobiliário de Manhattan". Quanto a mim, um pul-guento acostumado a um apartamento minúsculo, de frente para latas de lixo, tendo ratos e baratas como convidados assíduos, jamais pusera os pés, e muito menos habitara, uma moradia tão espaçosa e confortável.

Não precisara pensar duas vezes antes de me mudar para a casa de Jen e Bob. Isto é, o que haveria para não gostar? Contudo, garantir que meu aluguel não iria expirar exigiria sério empenho.

Desde o início, Bob deixara claro ser o cão alfa de nossa matilha e seus modos gentis, porém firmes, ganharam meu respeito. Naturalmente ele esperava que eu seguisse suas regras, e fiz todos os esforços possíveis para tal. Quando dizia "não", era não mesmo. Quando dizia "sentado", eu sentava. Quando dizia "sem choramingo", queria dizer sem choramingo.

Gostosuras deviam ser merecidas, não oferecidas de presente. Comida de gente destinava-se a... você sabe, gente.

Todavia, existia uma lei que eu, sem cessar, conseguia dobrar, quebrar, ou em geral, distorcer.

Tratava-se da inabilidade de guardar minhas opiniões para mim mesmo sempre que a campainha tocava. Embora meu desejo de proteger nossa toca de intrusos fosse apreciado, atacar entregadores, zeladores, ou quem quer que parecesse comestível, estava terminantemente proibido. Com exceção da "quase-ex-esposa" de Bob. Sem dúvida ele não a tinha em alta conta,

porque me fora concedida permissão para arrancar um "naco substancioso de seu traseiro gordo" a qualquer hora, em qualquer lugar. (Jen concordara ser uma decisão justa, considerando o "naco substancioso" que a fulana já removera da "conta bancária" do quase-ex-marido.)

Porque nunca morei com um homem antes, admito que me senti um pouco intimidado por Bob a princípio. Até perceber o quanto nós, rapazes, tínhamos em comum. Ambos gostávamos de nos esparramar no sofá da sala. Ambos rosnávamos quando irritados. Amávamos ser acariciados, não resistindo quando nos cocavam nas costas. Éramos inclinados a brincadeiras infantis. Desavergonhadamente, responsabilizávamos terceiros pelos nossos puns. Podíamos nos passar por completos idiotas quando nos cabia responder perguntas. E, o mais importante, simplesmente adorávamos Jen, a mulher que não apenas cuidava de nós com carinho, como também agüentava, e limpava, toda nossa sujeira.

Em instantes, encontrava-me mimado pelas atenções e companhia constante de Jen.

Recentemente ela perdera seu "emprego porcaria", o que julguei — pois o emprego era de 1.1 to um lixo —, uma coisa boa, para ela e, em particular, para este cão. Bob, porém, saía cedo para ir ao escritório e retornava tarde da noite, dando a impressão de que fora perseguido por uma gangue de dobermans!

De qualquer maneira, graças a alguns "investimentos inteligentes" (algo semelhante a acúmulo de reservas, acho), Jen decidira ficar em casa e tentar escrever seu primeiro romance. Uma tarefa quase tão impossível quanto pretender descobrir uma pulga enfiada no traseiro de um cão pastor. De olhos vendados. Com os dentes.

Logo estabelecemos uma rotina. Sentava-me no colo de Jen enquanto ela tomava café-da-manhã e lia o jornal. Deitava-me aos seus pés, em uma almofada macia, enquanto ela trabalhava à escrivania, brigando sem parar com o "maldito computador". Do mesmo modo, quando ela arrumava o apartamento eu, sem parar, brigava com o "aspirador de pó".

Quando Jen cozinhava, plantava-me na cozinha, colhendo, amiúde, saborosas recompensas.

Em especial porque, ao contrário de Bob, minha dona tinha coração mole. Principalmente no que se referia a partilhar sua comida. De acordo com nossa análise, o que o cara grandalhão não sabia, não podia aborrecê-lo.

Entretanto eu não aceitava muito bem a idéia de ser deixado sozinho. Não demonstrava a menor tolerância quando Jen sumia para passar algum tempo com alguém chamado "academia". Ou quando tinha assuntos a resolver na rua. Ou quando saía à noite para jantar com Bob. Que diferença fazia se fossem apenas umas "poucas" horas? Nenhum cachorro entende o conceito de tempo. Nunca entendeu. Nunca entenderá. Todos nós vivemos no aqui e agora. Não no " vejo-você-depois-bobalhão"!

Mas eis o que entendo muito bem. Ele, ela, ou eles, iam S-A-I-R sem o C-A-C-H-O-R-R-O. Algo totalmente inaceitável.

Então eu perambulava pelo apartamento, afundando na autopiedade, afogando-me na dúvida de que ela (ou eles) havia me abandonado, apenas para perdoá-la (ou eles), no instante em que ela (ou eles) retornava.

Meu comportamento era ridiculamente previsível.

Diferente do de outras pessoas que eu acreditava conhecer.

Não estava preparado para a primeira vez que os vi fazendo aquilo. Bob e eu havíamos acabado de voltar de nosso passeio noturno. Encontramos Jen recostada na cama e, exceto por várias velas bruxuleantes, o quarto estava escuro. Ela nos recebeu ronronando.

— Lingerie nova?

— O quê, essa coisa velha?

— Muito sexy.

Jen abriu os braços.

— Venha aqui, você.

Naturalmente concluí que o convite fora dirigido a nós dois.

— Desculpe-me, parceiro — disse Bob, colocando-me no chão. — Não sou chegado a *ménage à trois*.

Fale por si mesmo, pensei, pulando de novo na cama. Instalei-me entre ambos, todo inocente.

— Oh! — exclamou Jen. — Olhe só quem está aqui. Bob sacudiu o dedo.

— Eu não o mandei descer? Não sei. Mandou?

— Talvez ele esteja apenas confuso. Afinal, Miles acostumou-se a dormir conosco todas as noites.

— Então você quer que ele fique?

— Não vejo mal nenhum. Talvez o cachorro possa lhe dar algumas dicas sobre como caçar o que interessa.

Não me lembro de possuir uma única gota de sangue perdigueiro, portanto não captei o significado da tirada espirituosa,

— Todo mundo se acha engraçadinho — disse Bob. — Ok, amigo, assista e chore.

Não chorei, mas com certeza assisti. Foi tudo muito enfadonho. Beijos, carícias, nada que eu não os vira fazer antes. Isto é, até que Bob deslizou a cabeça entre as pernas de Jen. Para um cachorro, tal comportamento não parece exatamente incomum, porém, quando ela começou a gemer —como se estivesse sentindo dor —, fiquei preocupado. Precisava me certificar de que estivesse bem. Assim, esgueirei-me na cama e coleí a cara no rosto dela.

— Não, não, está tudo certo — Jen murmurou, entre beijos. — Estou bem... Ohhh... Você pode parar agora.

— Você quer que eu pare? — indagou uma voz abafada.

— Não, não você. O cachorro. Miles está ficando um tanto amoroso.

— Corta essa, amigo. Asseguro-lhe, sou capaz de cuidar disso do meu próprio jeito.

Por mais que confiasse em Bob, simplesmente não podia desgrudar de Jen. Resultado,

"minha presença não sendo mais necessária", acabei de volta ao tapete, descartado. Momentos depois, escutei Jen rir baixinho. Uma calcinha saiu voando pelos ares e aterrissou na minha cabeça. Uma cheirada revelou a quem a peça pertencia. Não resisti ao impulso de enterrar o focinho nas dobras do tecido, inalando o odor doce e levemente picante. Uma lambidinha aqui, uma mordiscadinha ali. Ok, talvez eu tenha me excedido um pouco.

A propósito, as coisas haviam ficado bastante turbulentas na cama. Estiquei o pescoço para enxergar melhor.

Bob deitado de costas. Jen sentada sobre ele, balançando-se para cima e para baixo.

Enquanto eu me esforçava para compreender como um cão alfa permitia a uma fêmea colocá-lo em tal posição submissa, o casal trocou de lugar. Ela de quatro, ele a montando por trás. Para frente e para trás moviam-se. Então entendi.

Jen e Bob estavam acasalando.

Eu vira cachorros fazendo isso. Diabos, eu mesmo o fizera uma vez, para horror da dona da cadela. Mas nunca observara humanos. Tudo era tão... bem, você sabe, animalesco. Naquelas alturas, com certeza, nenhum dos dois precisava de minha ajuda. Assim, decidi dar um trato na coceira.

Estava imerso em meus pensamentos sobre aquela maltês que vira outro dia, quando percebi dois pares de olhos fitando-me.

— Bob, ele está fazendo o que eu acho que está?

— Parece que sim, julgando pela minha experiência pessoal.

Em seguida, ambos puseram-se a rir histericamente. Embaraçado, minha concentração arruinada, quis levantar-me, porém meu pinto recusou-se a encolher. A maldita coisa ficou lá, dependurada, a ponta praticamente roçando o chão.

— Não posso acreditar! O pênis dele é quase tão comprido quanto o corpo! Caramba! Algo daquelas proporções poderia fazer qualquer homem sentir-se complexado.

— Então Bobby se sente ameaçado pela coisinha do pobre cachorrinho?

— Lembre-se de que você quase desfaleceu momentos atrás, portanto, duvido de que encontre qualquer defeito na minha aparelhagem.

— *Touché!* Falando sério. Miles foi castrado. Não deveria estar brincando consigo mesmo, deveria?

Por que diabos não?, pensei.

— Certa vez li que os sopranos romanos, mesmo sem testículos, aparentemente ainda eram capazes de ficar bastante excitados.

— Verdade? Com quem?

— Com o bando de fãs que procuravam seduzir os mais famosos sopranos nos idos dos séculos dezessete e dezoito.

— Muito interessante.

— Apenas mais uma amostra de informação inútil.

— De jeito nenhum. Considero-o longe de inútil, em mais de uma maneira.

— Agradecemos aos céus pela multitarefa.

Jen levantou-se, ensaiou uns passinhos de dança.

— Oh, puxa, agora preciso mesmo ir ao banheiro.

— O caminho está livre, parceiro — disse Bob, inclinando-se na beirada da cama. — Pode subir. Afinal nós, garanhões, temos que nos manter unidos.

Eu estava a ponto de me juntar a ele, quando Jen descobriu a bagunça.

— O que é isso? — Jen balançou a peça esfarrapada na minha cara.

Obviamente, não estava impressionada. Bob examinou a prova do delito.

— Roeu todo o fundo da calcinha. Miles deve apreciar seu gosto. Quem pode culpá-lo, se eu também aprecio?

— Não é nada engraçado! Essa calcinha custou caro.

Suspeitei de que "caro" levaria Jen a me fazer pagar caro pela ofensa.

— Você é um cachorro mau, mau!

Sinto muito. Não pretendia. Bem... em termos.

Meti o rabo entre as pernas. Será que a mulher-que-costumava-me-amar estava irritada o suficiente para me mandar de volta para o Cafofo?

Ou ainda pior, para a rua?

Fiquei lá, imaginando o pior, tão agitado que minha cabeça começou a girar. Engoli em seco para segurar o conteúdo do estômago, mas era uma luta que eu sabia a ponto de perder.

— Hum, Jen. Pelo visto ele vai vomitar.

— Não, não no tapete, Miles!

Tarde demais para me mexer e quanto mais controlar o que viria em seguida. Cravei as unhas no tapete e perdi o controle, não uma, e sim várias vezes. Se eu pensara estar com um problema antes, agora achava-me realmente encrencado.

Todavia, para minha surpresa, não foi este o caso.

Ternamente, Jen tomou meu corpo trêmulo nos braços e levou-me para o banheiro, onde limpou meu focinho com uma toalha úmida.

— Desculpe-me ter gritado com você.

E, de algum modo, eu sabia que ela sabia que eu sentia muito por acidentalmente-de-propósito, ter roído sua calcinha.

Sou um cachorro. Perdoar é o que fazemos.

Diferentemente, como não tardaria a descobrir, de algumas outras pessoas que conheço.

Capítulo III

s nuvens estavam baixas e pesadas como a barriga de uma cadela prenha. Eu sabia que Anada de bom iria resultar disso.

No início, foram uns poucos flocos de neve esparsos. Observei-os bater contra a janela de

nossa sala de estar e escorrer pela vidraça. Nada para fazer meu rabo dar um nó, pensei...

Então as nuvens explodiram!

Logo a cidade desapareceu, mergulhada em um redemoinho branco. O vento uivava lá fora, como milhares de cães tarados. Nem de longe um cenário convidativo para qualquer atividade ao ar livre. Todavia, poça ou dejetos no tapete de Jen estava fora de cogitação.

— Hora de seu passeio vespertino, gracinha — soaram as palavras que, com certeza, eu não desejava ouvir.

Jen me pegou antes que pudesse escapar para debaixo da cama. Gostando ou não, fui obrigado a permanecer imóvel enquanto ela me vestia um suéter e atava a guia.

— Olhe — disse Jen, colocando-me na calçada. — A neve não é linda?

Difícilmente! A porcaria entrava nos meus olhos. Colava-se nas minhas pestanas. Irritava meu focinho. Penetrava no meu pêlo. Grudava nas reentrâncias das minhas patas, lira fria. Molhada. Não me fazia feliz. Tudo o que eu queria era resolver o assunto o quanto antes e subir correndo para nosso apartamento quente e seco. Jen, infelizmente, continuou andando em direção à Primeira Avenida.

— Não podemos voltar para casa já — falou ela, em um tom de voz que não me inspirava confiança. — Você tem hora marcada com o dr. Greenberg.

Convenientemente, Jen negligenciou-se de me fornecer maiores informações. Porém, no momento em que entramos no prédio estranho, entendi a razão de tamanha reticência. A casa desse "dr. Greenberg" tinha um cheiro tão acentuado de limpeza que os olhos ardiavam e lacrimejavam. Pior ainda, eu podia escutar cachorros, sem dúvida em gaiolas no fim do corredor, ganindo. O local recendia a lembranças do Cafofo.

De repente, a idéia de ficar com meu corpo enterrado na neve me pareceu muito mais atraente do que me meter neste lugar.

Por que Jen me levava ali? Seria por que eu destroçara sua calcinha? Por que começara uma

briga com um filhote golden retriever? Ou por que rosnara para aquela velhota que empurrava o carrinho de supermercado?

A mulher-que-costumava-amar-seu-cachorro precisou me arrancar da porta da frente.

Quando me tomou no colo, eu tremia tanto, que por pouco não escorreguei dos braços que me seguravam.

Jen anunciou nossa chegada a uma criatura magricela, atrás de uma escrivaninha, cujas tentativas de me adular caíram em ouvidos moucos. Pediram-nos para aguardar em uma sala com várias outras pessoas de ar deprimido, acompanhadas de seus animais de estimação, igualmente deprimidos. Pelo menos eu não estava sozinho em minha desgraça.

Jen sentou-se em uma cadeira e, gentilmente, massageou meu pescoço.

— Por favor, tente relaxar — insistia em dizer. Como se fosse possível!

Um fulano de barba hirsuta, e um vira-lata peludo adormecido aos seus pés, estavam aboletados diante de nós. Eu não sabia se era o cão, ou o homem, ou ambos, que soltavam puns sem parar, lembrando-me daquele caminhão de lixo, no antigo bairro.

— Seu pobre cachorrinho parece um pouco apavorado — ele comentou.

— Está nervoso — explicou Jen. — É a primeira visita de Miles ao veterinário.

O Barba Hirsuta sorriu para mim.

— Não se preocupe, pequenino. Você vai gostar do dr. Greenberg.

O diabo que vou, pensei.

— Desculpe-me — falou uma mulher.

Ela e seu poodle micro, preto e gordo, ostentavam colares de minúsculas contas brancas e tinham a mesma atitude afetada. Ah, sim, não só as orelhas do poodle estavam enfeitadas com laços, como as unhas das patas davam a impressão de terem sido pintadas.

— Posso lhe perguntar qual é a raça do cachorro? NÃO, NÃO PODE, rosnei para mim mesmo. Entretanto, Jen respondeu.

— Ele tem sangue de chihuahua.

— Vira-latas são os melhores — opinou Barba Hirsuta.— O Casey, por exemplo, é uma mistura de bichon e labrador. Difícil imaginar, é verdade. No auge da paixão, o bichon deve ter subido em um banquinho, ou qualquer coisa semelhante.

A piada sobre aquele triste inocente aparentemente pretendia soar engraçada.

— Obrigada, eu precisava escutar algo divertido — riu uma senhora de óculos escuros, segurando um yorkshire terrier tão apertado contra o peito, que imaginei se a figura raquítica conseguia respirar.

— Sabe, minha Honey Bee tem um tumor maligno e talvez venhamos a sacrificá-la.

— Lamento — murmurou Jen.

— Pois meu marido não. Temos mais cinco yorkshire em casa. Juro que se minha conta bancária não fosse polpuda, ele já teria me deixado anos atrás.

— O meu me deixou — interveio a Mulher Poodle. — E agora estamos em uma disputa horrorosa pela custódia de minha Colette...

Embora ninguém manifestasse interesse, a mulher não fechou a matraca.

— ...Meu ex nem sequer gostava de cachorros, quando o conheci. Convenci-o a comprar um filhote, e ele caiu de amores. Não temos filhos. Colette tornou-se nosso bebê. Ela ia para todos os lugares conosco. Europa, Hamptons, Palm Beach, todos os lugares. Agora nenhum de nós dois deseja entregá-la ao outro.

— E quanto à custódia conjunta? — indagou Jen.

— Totalmente inaceitável. O papai de Colette está levando mulheres vulgares para seu apartamento e não posso permitir que meu bebê fique exposto a toda aquela... devassidão.

Colette sente-se bastante desconfortável. Não é, minha querida?

A cadela lançou um olhar vago para a dona, então bocejou.

Supus que ninguém sabia o que dizer a seguir porque, de repente, o silêncio invadiu a sala. Até

que uma gata — por sorte presa em uma sacola — começou a miar como se estivesse dependurada pelo rabo.

— Por favor, controle-se, Sappho — encorajou-a o dono.

Não pude decidir se a pessoa em questão era macho ou fêmea. Exibia a voz profunda, a constituição física e as roupas típicas de um homem, porém exalava aquele cheiro caracteristicamente feminino. De qualquer forma, o gato dele/ dela, recusou-se a ouvi-lo/La e guinchou ainda mais alto, sem interrupção.

A boa notícia?

Jen e eu não fomos obrigados a agüentar aquele barulho por muito tempo. A má notícia?

Éramos os próximos da fila a ver o tal veterinário...

Gostando ou não, descobri-me debatendo-me em uma mesa escorregadia, esperando o pior.

A porta abriu-se e entrou o homem, com mais pêlos no rosto do que na cabeça redonda.

— Olá, sou o dr. Greenberg — ele anunciou.

O sujeito examinou o corpo da minha dona de alto a baixo. Diabos, por pouco não caiu de quatro e cheirou-lhe a bunda.

— Olá. — Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo. — Sou Jen Levy. Muito prazer em conhecê-lo.

Uma opinião em nada partilhada por esse cão que vos fala.

— E este deve ser Miles.

Naquele instante, quase desejei ser um outro qualquer.

O homem aproximou-se e estendeu os dedos sob meu queixo. Aspirei o odor de café em seu hálito e uma combinação de patas de cachorro e queijo em suas mãos. Ele prometeu não me machucar e não me restou outra alternativa senão oferecer-lhe um voto de confiança. Apesar de firme, seu toque era delicado e ele parecia saber o que estava fazendo. Tudo ia muito bem, até o fulano resolver enfiar um espeto no meu ânus para "tirar minha temperatura."

Desde quando eu lhe dera permissão para "tirar" qualquer coisa que me pertencia?

— Absolutamente normal — ele falou, retirando o objeto ofensivo.

Diferentemente desse maluco, pensei.

— Como é o humor de Miles em geral?

—Maravilhoso conosco, mas receio que não seja tão gentil com terceiros.

— Não se trata de um comportamento incomum em animais resgatados. Poderia estar relacionado a algo do passado. Todavia cachorros pequeninos, em especial machos alfa, freqüentemente desenvolvem complexo de Napoleão. Sua tolerância em relação a alguém mais alto — seja humano ou canino —, é, perdoe-me o trocadilho, pequena. São também protetores com aquilo que julgam lhes pertencer. No caso, você. Presumo que seja solteira, certo?

—Na realidade, não. Tenho um namorado firme. De fato, adotamos Miles juntos.

— Então o cão os considera sua família, sua matilha? Com certeza, pensei.

— Creio que sim. Por que a pergunta?

— Se no futuro vocês dois vierem a se separar, saibam que alguns cães, em particular aqueles com personalidade semelhante a de Miles, tendem a não aceitar pacificamente a entrada de novas pessoas em suas vidas.

— Acredito estarmos em um relacionamento a longo prazo.

— Como em um casamento?

Impossível traduzir a estranha expressão do rosto de Jen.

— Sem dúvida.

O veterinário suspirou fundo, balançando a cabeça.

— Casamento não é como deveria ser. Enfrento um divórcio pavoroso de uma doce namoradinha, que se revelou um monstro. Quando achei que a coisa se encerrara, ela, ou melhor, seu advogado sádico, decidiu me torturar ainda mais e agora minha esposa está

exigindo... — O veterinário endireitou os ombros e cerrou os lábios, como para evitar que quaisquer outras palavras escapulissem.

— Peça-lhe desculpas pelo desabafo antiprofissional. Como é fácil imaginar, nos últimos tempos este é assunto bastante desconfortável para mim.

— Não se preocupe, compreendo. Sou divorciada e, no momento, meu namorado está no meio de uma separação complicada.

— Oh, envie ao pobre homem meus pêsames. Bem, voltemos ao verdadeiro motivo de sua vinda à clínica. Precisamos apenas nos certificar de que Miles não tem vermes e então poderão ir para casa.

Naturalmente me pareceu uma grande idéia e ofereci total cooperação. Como um idiota, permaneci imóvel, enquanto o veterinário me espetava uma agulha. Resultado: uma dor horrenda no traseiro!

Pelo cheiro do que estava dentro do tubo fino, concluí que o filho-da-mãe roubara um pouco do meu sangue. E o pior, Jen não se mostrava nem um pouco preocupada!

— Você foi um bom menino — ela murmurou, coçando-me carinhosamente atrás das orelhas.

Pois o "bom menino" mal podia esperar para dar o fora dali, porém, conforme aprendi, não era permitido partir antes de "pagar a conta." Depois de tudo o que acabara de passar, tal regra não fazia o menor sentido para mim.

Todavia, mantive-me firme, aguardando — impaciente, devo acrescentar. Então um cachorro entrou, saltitante. Posando de amigável, como todo maltês. Afinal, é como costumam agir. Ele e o dono vestiam casacos iguais, listrados, e ambos tinham rabos longos, brancos e peludos. Brotando de partes diferentes do corpo, claro.

Tudo ia muito bem até o maltês avançar o sinal, ficando perto e íntimo demais.

TIRE SEU FOCINHO DA MINHA BUNDA!

Minha explosão o surpreendeu tanto, que o merdinha quase caiu de costas. Jen me tomou nos braços.

— Desculpe-me.

Opinião dela, não minha.

— Não tem problema — respondeu o dono do maltês. — Trumman fica ansioso quando depara com solteiros atraentes. Compartilho o sentimento.

O sujeito ajoelhou-se e sorriu para mim.

— Qual é seu nome, gracinha? Arreganhei os dentes.

— NÃO É DA SUA CONTA!

De novo, Jen desculpou-se. Evidentemente embaraçada.

— Quando levei Truman para casa, ele tampouco era muito amigável com quem quer que fosse. Provou-se um estorvo na vida social de seu papai. Odiava todos os meus namorados.

— Suponho que seja melhor Bob e eu permanecermos juntos para sempre, não é, Miles?

Pena que ela não cumpriu a palavra.

— Espero que você tenha se lembrado de deixar suas botas perto da porta da frente — gritou Jen, do quarto.

Mas Bob já havia cruzado metade do tapete.

— Droga! — Ele retirou os sapatos molhados e deu meia-volta. — Não conte a Jen.

Como se esse cão pudesse fazê-lo.

Segui-o até a cozinha. Bob apanhou uma garrafa da geladeira, tirou a tampa, jogou a cabeça para trás e sorveu a bebida em um único e longo gole.

— Burrp! — Algumas batidas vigorosas no peito.—Desculpe-me!

— Uau! Ouvi o arrotto do quarto!

— Não me culpe. Foi Miles!

Mais uma piadinha à custa do cachorro. Ainda bem que eu os amava muito, ou correria o

risco de me enfurecer.

O casal se abraçou e beijou. Como sempre, mostravam-se felizes de verem-se.

— Com fome?

Pode apostar que sim, pensei.

— Não. Pedimos comida chinesa.

— Achei mesmo ter sentido o gosto do frango do General Tao.

— Para ser exato, *kung po*. — Bob bocejou várias vezes. — Puxa, estou exausto.

— Então leve esse seu lindo traseiro para a cama.

— Parece-me boa idéia.

Bob precisou fazer uma parada no banheiro antes. Observei-o descer o zíper da calça, puxar o pênis para fora e urinar no vaso. Embora já o houvesse visto executar esse truque antes, sempre me impressionava. Sua mira era perfeita.

Ele se aconchegou a Jen. E eu, claro, aninhei-me entre os dois.

— Como foi o andamento do livro hoje?

Jen franziu o cenho.

— Você sabia que existem quatro rachaduras no teto, sobre minha escrivaninha?

— Vê? O dia não foi de todo perdido.

— E quanto a você? O cliente continua enlouquecendo-o?

Terrivelmente. Num minuto, ele adora; no outro, muda de idéia. Estou desconfiado de que talvez seja esquizofrênico. Por fim, esta noite, no último momento, Connie apareceu com uma nova abordagem, e ele adorou. O pessoal do estúdio ainda estava trabalhando na revisão dos esboços quando saí. Farei a apresentação amanhã cedo.

— Connie, hein? Vi uma foto dela na *AdWeek*. Muito atraente.

— E muito jovem.

— Se fosse mais velha, haveria motivo para preocupação? — A voz de Jen soou um tanto

forçada.

— Querida, não comece.

— Mas é apenas uma pergunta retórica. Relaxe.

— Uma pergunta que pode se transformar em uma armadilha.

— E então?

— Não. — Bob sacudiu as mãos no ar. — Se ela fosse mais velha, não haveria motivo para preocupação.

— Não há necessidade de ser tão cínico.

— Você está com um humor azedo esta noite. Vai ficar menstruada?

As narinas de Jen dilataram-se, como se ela quisesse mordê-lo. Bob revirou os olhos, como se quisesse se enfiar debaixo das cobertas. Nunca os tendo visto se comportar daquele modo um com o outro, senti-me desconfortável. Meu estômago deu uma cambalhota. Não sabia o que fazer.

— Os homens adoram usar a menstruação como desculpa para tudo, não?

— Oh, puxa, lá vamos nós. Querida, ouça, tive um dia realmente longo e estressante, portanto não é a melhor hora para iniciarmos uma briga.

— Não estou iniciando briga nenhuma!

Minhas orelhas caíram. Com certeza não era essa minha impressão.

— Jen, por favor, modere o tom de voz. Você está perturbando nosso amiguinho aqui.

Abaixando a cabeça, ela suspirou.

— Sinto muito. Você tem razão. Estou agindo como uma cadela na TPM.

Obviamente uma raça da qual eu jamais ouvira falar!

— Desculpe-se com o cachorro também.

— Sinto muito, Miles. — Jen deu um tapinha na minha cabeça.

— O que você acha, parceiro? Devemos deixá-la escapar assim tão fácil?

Sim.

Um cachorro pode não esquecer, porém sempre perdoa aqueles que ama. Pelo visto, Bob também. Ele ergueu um braço, convidando-a a se aconchegar junto ao peito. Uma coisa leva à outra e... Bem, a "briga" estava oficialmente encerrada.

-Bob?

— Hum-hum?

— Você está dormindo?

— Espero estar logo — ele resmungou.

— Te amo.

— Também te amo.

Seguiu-se o silêncio e supus que ambos tinham pegado no sono. Exatamente o que eu pretendia fazer.

— Bob?

— Hum?

— O que aconteceria se nós terminássemos? Quem ficaria com a custódia do cachorro, e o resto das coisas?

— De onde surgiu essa história?

— Da clínica veterinária. Ouvi uma conversa na sala de espera. Uma senhora está se separando. O dr. Greenberg também está se divorciando e...

— Jen, querida, escute — Bob a interrompeu. — Terminar não vem ao caso, está bem?

Especialmente agora, porque não planejo ir a lugar algum, quero apenas dormir.

Capítulo IV

la tentou toda posição possível e imaginária. De costas. De bruços. De um lado. De outro.

E Joelhos encolhidos até o queixo. Pernas esparramadas para todo canto. Sob as cobertas.

Sobre as cobertas. Se continuasse assim, nem ela, nem eu, iríamos conseguir dormir naquela

noite. Quanto a Bob, bem, ele apenas permaneceu deitado lá, mal movendo um músculo, roncando tão alto quanto uma centena de buldogues gordos e asmáticos.

Jen saiu da cama, na ponta dos pés. Escutei a porta da geladeira abrir e fechar. Esperei-a voltar e, quando não apareceu, resolvi investigar. Encontrei-a no sofá da sala, enrascada em um cobertor. Segurava uma bebida com ambas as mãos e tomava pequenos goles, os olhos vagos fixos na tevê, o volume tão baixo, que me perguntei como poderia ouvir. Alguma coisa estava errada.

— Ei, você — ela murmurou, o hálito cheirando a leite morno. — Não fique preocupado.

Estou bem. Estou mesmo.

Ou seja: nada mais longe da verdade.

— DROGA!

Ele irrompeu na sala, os cabelos desgrenhados como uma espécie de cão pastor selvagem.

— O que você está fazendo no sofá?

Dormindo, até você nos acordar rudemente, pensei.

— Tive cólica. Vim para cá e imagino que acabei pegando no sono. — Jen bocejou e espreguiçou. — Algum problema?

Sim, cães curiosos também desejavam saber.

— Você esqueceu de armar o maldito despertador. Agora restam-me vinte minutos para tomar banho, fazer a barba e chegar ao escritório a tempo para a reunião. Merda! Eu sabia que deveria ter ficado no meu apartamento.

— Lamento, porém...

— Você não anda exatamente muito ocupada esses dias - ele a acusou, ríspido.

—

Desculpe-me, mas por acaso lhe pedi para fazer sexo?

Ignorando a pergunta, Bob rumou para o banheiro. Ouvimos a porta bater com força.

Jen apoiou a cabeça nas mãos e suspirou tão fundo, que tive a impressão de que nunca mais iria recuperar o fôlego.

Ela estava no quarto, arrumando-se para me levar para o passeio matinal, quando Bob entrou rastejando, rabo entre as pernas. Parecia-se comigo, quando faço alguma asneira monumental.

— Eu não pretendia descontar em você, amor. E que tenho estado sob muita pressão ultimamente. Trabalho. Kathy. O maldito divórcio. Uma gama de emoções que não têm nada a ver com você. Por favor, desculpe-me.

Jen resmungou um débil "sim", que soou-me como um "não."

Um buquê de flores chegou para ela naquela tarde.

Rosas cor-de-rosa.

Suas favoritas, disseram-me.

Capítulo V

Observei cada um de seus movimentos. Como ela, cuidadosamente, passava creme nas pernas e nos braços, para que brilhassem como se estivessem cobertos por uma fina camada de suor.

Como fazia caretas diante do espelho, lembrando-me de um shihtzu dentuço que conheci certa vez.

Como ficava frustrada com os cabelos, quando, como um filhote teimoso, recusavam-se a cooperar.

Como não conseguia decidir o que vestir. Como um cachorro tirando todos os brinquedos do cesto.

Como caminhava cautelosa pela sala, usando aqueles feios sapatos de salto alto, que a deixavam ainda muito mais alta do que eu.

— Pronta? — indagou Bob, levantando-se do sofá.

— Tão pronta quanto posso estar sem uma cirurgia plástica radical, imagino.

— Não seja absurda. Você está linda.

— Todos esses elogios o levarão...

— A cama, talvez?

— Discutiremos a viabilidade de seu pedido durante o jantar, sr. Masters.

Bob ajudou-a com o casaco antes de vestir o seu próprio. Aguardei alguém buscar meu suéter e a guia. Em vão.

Mesmo sem dizerem uma palavra, eu sabia o que aqueles dois pretendiam.

— Alguém não parece muito feliz.

O que ele esperava? Que este "alguém" ficasse superfeliz de ser deixado para trás?

— Nunca pensei que cachorros pudessem nos inspirar tamanho sentimento de culpa.

— Será que sua mãe o esteve treinando em segredo, querida?

— No nosso aniversário de namoro? Sua capacidade de escolher o momento errado é realmente assombrosa, Bob.

Horas antes, eles haviam saído do apartamento sorridentes. Brincando um com o outro.

Com certeza o caso mudara de figura.

— Só descobri hoje à tarde e não quis lhe contar agora à noite. Também, foi você que, de alguma maneira, me arrancou a informação.

— Não é certo esconder as coisas assim.

Revirando os olhos, ele balançou a cabeça como se o pescoço fosse elástico.

— Eu não estava escondendo nada. Já lhe falei. Apenas não queria estragar nossa noite.

— Pois estragou...

Ela roeu uma unha. Então outra.

— Além do mais, tenho que ter a liberdade de lhe fazer perguntas. De que vale um relacionamento, se o casal não se comunica?

Bob sentou-se na cama e tirou os sapatos.

— É, mas você precisa entender que minhas respostas podem nem sempre ser aquelas que você gostaria de ouvir. Observe como está reagindo de modo exagerado.

Bufando, Jen fitou o teto, como se houvesse algo bastante interessante lá em cima.

— Vejamos se entendi direito. Agora que terminou com o namorado, Kathy, não mais que de repente, está achando defeito no acordo financeiro?

— Os advogados estão nos custando muito dinheiro. Não demorará até Kathy se render ao bom senso e assinar os papéis.

— Sim, quando lhe for conveniente. Esse processo vai se arrastar e arrastar, para que ela o torture.

— Creio que conheço minha esposa melhor do que você. Todavia, qual é a pressa? Não é como se estivéssemos correndo contra o relógio, como se estivéssemos para ter um bebê, por exemplo.

— O que você não consegue compreender é que enquanto continuar casado, enquanto continuar se referindo àquela mulher como sua, sua... esposa, continuarei me sentindo como se estivéssemos apenas tendo um caso.

— Tolicice. Como você pode dizer isso? Estamos constantemente juntos. Não nos encontramos às escondidas pela cidade, não nos ocultamos em cantos escuros, sob o vão da ponte Williamsburg. Nunca a fiz passar por minha prima de segundo grau, uma parente maluca, que mora em um trailer em Boise. Sempre senti orgulho de tê-la ao meu lado, Jen.

O esboço de um sorriso iluminou o rosto até então emburrado de minha dona.

— Mas eu queria poder me concentrar exclusivamente no nosso relacionamento, sem ter que me preocupar com o maldito divórcio quando nos vemos.

Bob levantou-se, puxou Jen para cama — quase caindo em cima de mim, aliás —, e beijou-a na barriga.

— Se é assim, suponho que terei que me esforçar ainda mais para distraí-la, não?

— Você está sugerindo que façamos sexo para fazer as pazes?

Ele parecia estar propondo uma solução temporária para um problema bem maior.

Capítulo VI

Quando Sophia, a "melhor amiga" de Jen apareceu a nossa porta pela primeira vez, a fiz passar maus momentos. Afinal, como ser afável com alguém que não apenas movia o corpo esguio feito uma gata, mas também cheirava a uma? Ainda assim Sophia, em uma jogada inteligente, conseguiu me conquistar. Manteve distância até que eu estivesse no ponto, e pronto para me aproximar. Nos meus próprios termos.

Claro, o fato de a mulher, a exemplo de Jen, revelar-se uma boba na hora de partilhar a comida, ajudou bastante. Nesta noite em particular, jantamos hambúrguer de peru e arroz integral.

— Sabe, queridinha — disse Sophia, ajeitando os cabelos encaracolados que iam até a cintura —, você tem, espertamente, evitado o assunto porém, cedo ou tarde, precisaremos conversar sobre o que a está afligindo.

— Por que entediá-la com a mesma velha história, que você já se cansou de ouvir?

—

Ei, Bob não está em casa. Somos só nós, meninas.

Correção: duas meninas, um menino. O que era eu? Ração moída?

— Deixe-me servi-la de um pouco mais de vinho, e você pode destravar a língua.

A sugestão não me soou muito agradável. — Bem... — Jen sorveu um demorado gole do cálice cheio. — Quando achei que Kathy ia assinar os papéis...

— Não me diga, a vaca aprontou de novo.

— Exato. Acredito que todo mundo deve investir em seus relacionamentos. Não se pode somente se aproveitar do que se tem. Todavia, às vezes as coisas acontecem, até nas situações

mais positivas. Somos apenas humanos.

De jeito nenhum, pensei.

— Entretanto, com toda essa bosta pairando sobre nossas cabeças...

Uma imagem pouquíssimo atraente, pensei, olhando para o teto.

— ...é realmente desconcertante. Sinto-me como se estivesse com uma dor de dente

teimosa. A dor não é forte o suficiente para interferir na rotina, porém o impacto é perceptível.

Venho enfrentando problemas para me focar no livro. Estou ganhando peso. Sinto-me carente, vulnerável, características que não se aplicam a mim. Talvez fossem reações normais cinco anos atrás, logo após meu divórcio, mas não agora.

— Escute, querida. Já trilhei essa estrada antes. Avisei-a sobre os riscos. O caminho para a felicidade pode ser acidentado. Meu namorado provou-se um desastre, portanto estou melhor sem o imbecil. Ele me fez um favor reconciliando-se com a esposa. Já Bob trata-a bem. É divertido, inteligente, atencioso. Chegou a lembrar-se do aniversário de namoro, sem precisar de indiretas. Olhe só os brincos maravilhosos que lhe deu de presente. O homem realmente parece levar a relação a sério e é devotado a você.

— Verdade — concordou Jen, girando o líquido dentro do cálice. — Contudo, admito haver ficado um pouquinho desapontada por não encontrar um anel de noivado na sopa ontem à noite.

Conhecendo-a, é possível que você o tenha engolido! Jen ensaiou um sorriso melancólico.

— Falando

sério,

contei-lhe

que

ele

está

absolutamente

decidido sobre o assunto e talvez os problemas com o divórcio não passem de uma desculpa para escapar a um compromisso. Seria uma maneira de manter a rota de fuga desimpedida e...

Sophia a interrompeu.

— Epa, calma aí. Tenho certeza de que Bob não é nenhum santo, todavia, sejamos justas.

Você precisa compreender o ponto de vista dele. Considerando o pesadelo vivido para obter o divórcio, é natural que a idéia de subir ao altar novamente não o entusiasme muito. É uma reação normal. Pelo menos ele está sendo honesto com você e consigo mesmo, não disfarçando os próprios sentimentos no estágio atual. Creia-me, queridinha, é uma qualidade admirável em um representante do sexo oposto. Quem sabe, quando tudo for resolvido, ele tenha uma visão diferente da coisa.

— Sim, porém... Ando tão ansiosa ultimamente que, desse jeito, acabarei afastando-o se, e quando, ele tiver uma visão diferente do assunto.

— Então, talvez, você necessite tirar umas férias dessa relação, antes que aconteça algo trágico. Por que não se distancia durante algum tempo? Será uma oportunidade para se reorganizar, recuperar algum controle sobre sua vida.

— Como?

— Para começar, saia da cidade. Você vem falando em ir a Londres, visitar Mia.

— Sinto mesmo falta da minha garotinha.

De alguma forma, não gostei nada daquilo.

—As passagens estão realmente baratas nessa época. Por que não embarcar em uma viagem? Assista a algum show. Coma comida ruim nos *pubs*. Perca-se no metrô. Flerte com algum britânico distinto. Dê uma olhada nas *jóias* da família.

— Você está se referindo àquelas ocultas pelos cavalheiros, ou às verdadeiras, expostas na Torre de Londres?

— Se a decisão fosse minha, você sabe quais eu escolheria. Aquele sotaque sempre me deixa excitadíssima.

— E o que não tem esse efeito em você?

Naquela altura, como não fazia a menor idéia sobre o que as duas estavam falando, achei melhor tirar uma soneca no sofá.

— Passagem reservada — disse Jen, desligando o telefone. — Hotel reservado. Agora só falta decidir o que levar.

Claro que ela ia encher uma caixa grande, talvez também uma mala, com todo tipo de porcaria.

Exceto, pelo que eu logo iria descobrir. . o cachorro.

Capítulo VII

li está ótimo, obrigado — disse Bob. O táxi parou junto ao meio-fio.

A

— Sentirei saudade. — Inclinando-se, Jen tornou a beijá-lo.

— Eu também.

— Não, não sentirá. Estará ocupado demais. Olhei para ele.

— Então não sentirei saudade. Olhei para ela.

— Não sentirá? Olhei para ele.

— Claro que sim, sua maluquinha. Olhei para ela.

— Você promete? Bob ergueu a mão.

— Sim, palavra de escoteiro.

Olhei para ela.

— Mas você falou que nunca foi escoteiro.

Aonde diabos estava indo essa conversa?, perguntei-me. O taxista buzinou várias vezes, sem dúvida pensando a mesma coisa.

— Senhora — gritou o homem. — Não posso ficar aqui parado.

— É melhor você ir antes que o sujeito tenha um ataque. Eu te amo, querida.

— Eu também. — Jen beijou o topo da minha cabeça. — Eu também te amo, Miles.

— Típico — riu-se Bob. — O namorado ganha um "eu também", porém o cachorro merece um "eu te amo."

De novo a buzina.

— Senhora, *por favor!*

— Faça um bom vôo e me telefone quando chegar.

E assim Jen foi-se, deixando cão e dono plantados na esquina.

Eu simplesmente não conseguia entender. Como iríamos tocar a vida sem ela?

Bob levou-me até a entrada de um prédio estranho, em um quarteirão estranho, em uma parte estranha da cidade. Sem nenhum porteiro à vista, ele precisou de uma chave para entrar. E então de outra chave para chamar o elevador. No instante em que ouvi aquela geringonça tinindo, retinindo, rangendo e chacoalhando, dei meia-volta.

Desculpe-me, de jeito nenhum.

— Relaxe, parceiro — disse ele, pelejando para abrir a porta do que parecia uma gaiola gigante, adequada para carregar matilhas de cães, gatos e humanos supernutridos ao mesmo tempo. — Esse velho elevador de carga ladra, mas não morde.

Apesar da débil tentativa de apelar para um "humor canino", Bob não pôde me convencer a entrar por vontade própria.

—

Imagino que serei obrigado a carregá-lo, hein?

Lancei-lhe um olhar que dispensava quaisquer outras explicações.

Após lenta e agonizante subida, as portas se abriram para uma sala tão espaçosa, com pé direito tão alto, que fiquei com cãibra no pescoço só de olhar para cima.

— Sinta-se em casa. — Bob colocou-me no chão frio.

"Casa", todavia, ficava em Upper East Side. "Casa", com certeza, não era esse lugar frio, estéril.

— Ok, sei que você está um pouco confuso. O negócio é o seguinte. Aqui é onde costumo passar algum tempo. Sim, estou quase sempre com Jen, porém, quando não, venho para cá. Entendido?

Farejei o ar. Bolorento, empoeirado. Entretanto, impossível negar, o cheiro de Bob recendia em todo canto.

No meio da sala, um sofá negro e escorregadio como uma serpente exalava um odor animal (felizmente, não canino).

Havia ali o maior aparelho de tevê que eu jamais vira. Uma cama, mais larga do que a que tínhamos em casa. Mesa e cadeiras que não combinavam entre si. Uma planta seca. E janelas imundas a ponto de mal se enxergar lá fora.

Fitei-o como se dissesse, nós viemos, eu vi, agora vamos dar o fora.

— Ora, tenha dó. Minha esposa levou o que possuíamos de melhor. Exceto minha coleção de CDs de jazz. Aliás, creio que é hora de apresentá-lo ao gênio do qual você herdou o nome. Miles Davis.

Antes de decifrar o significado daquelas palavras, a sala tornou-se tão cheia de sons, que pareceu encolher. Escutei a melodia gemer, sussurrar, avolumar-se de modo crescente e arrebatador, que me penetrou pelos ouvidos e chegou-me às entranhas. E então a coisa mais estranha e mística aconteceu. Sem aviso prévio, atirei a cabeça para trás e comecei a uivar com toda a força de meus pulmões caninos.

Naquela noite, como disse Bob, "uma nova estrela nasceu".

Só o cheiro fez minha boca encher d'água. Meu corpo inteiro ardia por um bocado. Mas eu sabia que a regra inflexível de Bob nunca seria afrouxada. Tive que ficar sentado, observando-o se empanturrar.

Mordida após mordida e após mordida.

Estava quase me afogando em autopiedade e saliva, quando, para minha enorme surpresa, ele me ofereceu um pedacinho do filé.

— Para não correr o risco de ser chamado de hipócrita por lhe dar comida da mesa e por fingir não consumir carne vermelha, vamos manter essa ligeira infração entre nós, rapazes, Ok?

Ótimo. Claro. Como quiser, pensei, enquanto devorava a gostosura.

— Como você pode sentir o gosto de qualquer coisa, se come tão depressa?

Jamais tratou-se de sabor. Tudo gira em torno do cheiro. De que outra forma nós, cachorros, agüentaríamos comer a mesma ração sem graça dia após dia?

Bem, depois do jantar, Bob jogou os pratos na pia e desapareceu no banheiro, com um livro.

Embora tivesse prometido sair logo, sua "pesquisa" durou uma eternidade a mais do que o suposto. Em reconhecimento a minha paciência (e houvera alguma escolha?), entretemo-nos com uma brincadeira. Ele lançou a bola e corri para pegá-la, completamente esquecido de quão escorregadio era o assoalho. Resultado final?

Esborrachei-me contra a parede.

E permiti que esse pequeno desastre me desanimasse? Com os diabos, não! Não este cão.

Sacudi-me, agarrei a bola e a devolvi ao meu dono. Outra vez deixei que o calor da brincadeira levasse a melhor. Bam! Outra trombada! Essa ainda pior que a anterior. Foi neste instante que Bob concluiu ser mais seguro nos acomodarmos no sofá.

Acabamos adormecendo defronte da tevê. Eu estava instalado entre as pernas de Bob quando ele expeliu gases com tal força, que os pêlos das minhas costas eriçaram e meus ouvidos vibraram. A explosão deve tê-lo acordado também, porque sentou-se de chofre.

— Duas horas? — resmungou, limpando o fio de baba no canto da boca. — Droga.

Bob mexeu no controle remoto, tirou as roupas, largou-as no chão e rastejou para a cama.

No momento em que afundamos sob as cobertas, a realidade me atingiu.

Onde estava Jen?

Uma das mãos fortes de Bob puxou-me para junto de si. Como se lesse minha mente, ele falou:

— Eu sei, parceiro. Sinto saudade dela também.

Seria sonho ou um telefone estava tocando?

— Jen — escutei Bob dizer.

Jen?

Arrastei-me para fora das cobertas. Olhei ao redor do quarto, porém não a achei em lugar algum.

— ...Como foi o vôo? E o hotel? Entretanto é uma localização perfeita. Harrod's fica logo na esquina... Tem razão, é perigoso...

Não gostei daquilo. Jen estava em algum lugar perigoso?

— ...Não se preocupe. Tudo em Londres está tão ridiculamente caro que, acredite-me, você não vai querer comprar nada... Ele está ótimo. Bem aqui.

Sorrindo para mim, Bob me deu um tapinha na cabeça.

— Junto com as líderes de torcida do Dallas Cowboy. . Esqueça, não é importante.

Assim que Bob desligou o telefone, imaginei que voltaríamos a dormir, mas não. Ele acendeu a luz e fui atingido pelo som da tevê. Tive a sensação de que não era o começo de um dia maravilhoso.

O local que Bob chamava de escritório de Bob ficava a uma curta distância. Tradução: uns vinte quarteirões. Uma senhora semelhante a um pássaro, sentada à escrivaninha, cumprimentou-nos quando saímos do elevador.

— Bom dia, chefe — ela chilreou.

— Bom dia, Betty. Gostaria de apresentar-lhe Miles.

— Ei, olá, bonito.

Estaria essa pardoca tentando me amolecer, ou algo assim?

— Ele é o novo diretor de arte?

— Saiba que o futuro desta agência repousa nessas patinhas criativas.

— Posso afagá-lo?

Não se você valoriza seus dedos.

— Não se você valoriza seus dedos — respondeu meu dono, como se houvesse lido minha mente.

A sala de Bob, ensolarada, espaçosa — embora um tanto cheia de bugigangas —, tinha janelas que iam do chão até o teto em três paredes. Não tardei a descobrir que se eu me

empoleirasse no sofá grumoso, podia atormentar todo mundo que passasse na rua, lá embaixo.

Havia um problema, porém. Nem uma única pessoa olhou na minha direção, não importando quão alto eu latisse. Não sendo o tipo que desiste facilmente, continuei tentando chamar a atenção de alguém, de qualquer um. Mas logo disseram-me que esse tipo de comportamento era "considerado inaceitável em um ambiente de trabalho". O que eu entendi como: feche a maldita matraca.

Portanto, fui obrigado a me contentar em montar guarda — silenciosamente, o que para mim é um tormento —, enquanto Bob brincava com o computador. Embaralhava papéis sobre a escrivaninha. Bebericava café, comia *doughnut*. Tudo estava muito bom e tranqüilo, até...

Ouvi passos no corredor.

Em seguida a cabeça de uma moça apareceu à porta.

— Desculpe o atraso, chefe. O trem...

Antes que a criatura dissesse mais uma palavra, eu, claro, saltei de meu posto.

QUEM A CONVIDOU!

Ela guinchou, por pouco não caindo de costas. Bob cornai até mim e me arrancou do tapete.

— Fique quieto!

MAS EU NÃO CONHEÇO ESSA PESSOA!

— Essa é Laura, minha assistente. Ela comanda minha vida, assim não posso me dar ao luxo de perdê-la.

Mas...

A gritadeira levou a mão ao peito.

— Uau! Que maneira vigorosa de iniciar a manhã!

No meio daquela comoção, alguém mais entrou no escritório. Um homem tão alto que parecia um prédio com pernas e cabeça.

— Que diabos está acontecendo aqui? — o prédio berrou.

Eu estava prestes a latir de novo, quando certos dedos se fecharam firmemente ao redor de meu focinho antes que escapasse um mísero *au-au*.

— Esse é o cão de guarda do chefe.

— Aquele que você pegou no canil público?

— E — respondeu Bob. — Ao vivo e em cores.

— Um terror, eu diria.

— acredite-me, ou não, na realidade Miles é adorável, depois que passamos a conhecê-lo.

— Claro. E isto leva quanto tempo? Uns cinco, dez anos?

— Miles apenas é bastante criterioso em relação às pessoas.

— Parece-se com você, hein, Bob?

— Obrigado, Brad. O que me lembra por que nos tornamos sócios.

— Por que sou a única pessoa sã nesta agência, talvez?

— Certo. No que eu estava pensando? — Bob virou-se para mim. — Se eu o puser no chão, você será bonzinho?

Lambi-o no rosto para selar o acordo.

Mal minhas patas tocaram o assoalho, outro homem surgiu. Esse tinha longos cabelos no queixo e cheirava como um border collie molhado.

Nunca gostei de border colhes.

Em um átimo, corri, cravei os dentes em um dos sapatos do fulano (quase rachando um canino no processo), dei meia-volta e voei para junto de Bob.

O homem permaneceu incólume, embora muito confuso.

— Que diabos foi isso? CONTROLE DA MULTIDÃO!

— Miles!

Bob me mandara não latir. Não falara nada sobre morder.

— Ainda bem que estou usando minhas biqueiras de aço hoje — riu-se. — Sei que você

não gosta do meu visual, chefe, mas precisava instigar seu cão para cima de mim.?

— Desculpe, JT. Miles é ferozmente territorial. Há uma hora no escritório, e já se considera dono do lugar.

— Bem, o papai dele é — comentou a gritadeira. — Provavelmente ele acha que isso lhe confere autoridade para agir como quiser.

Exatamente. A moça era muito mais inteligente do que eu imaginara a princípio.

— Eca, Laura. Por favor, não se refira a mim como o "papai" do cachorro. É antropomorfismo demais para meu gosto.

— Desculpe, chefe. Não acontecerá outra vez.

— Talvez não tenha sido boa idéia trazer Miles para o escritório. E melhor levá-lo de volta para casa.

Abanei o rabo. Estava mesmo pronto para escapulir dessa espelunca e retornar ao nosso lar.

De fato, esperava que Jen já estivesse nos aguardando.

— Pois creio que você deveria deixá-lo ficar aqui, chefe — disse o dono do queixo cabeludo.

— Mesmo depois de Miles tentar mordê-lo, JT?

— Sim. Pelo menos todos nós teremos a desculpa perfeita para manter distância da sua sala.

A primeira decepção aconteceu quando voltamos para o *loft* de Bob.

A segunda, quando percebi que Jen não estava lá.

E a terceira, quando Bob anunciou que iria sair. Sem mim.

— Pare de emburrar. Não tenho escolha.

Opinião dele. Não minha.

— Você não pode andar por aí assustando meus empregados, parceiro. Ok, alguns até me irritam, mas não é motivo para mordê-los. Apenas eu estou autorizado a fazê-lo.

Diferentemente de meu dono, não achei graça alguma na piada.

Ele ligou a tevê, para me fazer "companhia". Entregou-me meu novo osso, o qual me recusei a tocar. Coçou-me atrás das orelhas e me deu um tapinha nas costas.

Sem dúvida sentia-se culpado.

Mesmo assim, saiu.

Fiquei furioso. Para começar, derrubei a lixeira do banheiro. Vazia, exceto por uns poucos papéis. Destrocei-os de imediato.

Então tentei atacar a lata de lixo da cozinha, porém a maldita era pesada demais para virar.

Tentei iniciar uma briga com uma barata, mas ela limitou-se a deitar-se de costas, de patas para o ar. Suponho que tivesse coisas mais interessantes com o que se ocupar.

Não estava com vontade de roer sapatos.

Nem meias.

Nem móveis.

E as cuecas de Bob, com certeza, não me apeteciam.

Não havia nada a fazer, salvo ficar por ali e sentir pena de mim mesmo.

Pulei na cama. Empurrei os travesseiros, arrumei as cobertas em uma bola grande e me aninhei bem no meio. Cochilei e acordei até, finalmente, escutar o elevador subir, rangendo.

Vacilante, Bob aproximou-se da cama e debruçou-se sobre mim.

— Ei, parceiro!

Espirrei várias vezes.

— Desculpe. Devo cheirar a uma destilaria. Uau, estou quebrado!

Ele não parecia alguém que estivesse quebrado, porém cheirava a alguém que estivera entornando uma garrafa.

Bob resmungou algo sobre urinar. Aliás, eu estivera esperando a noite inteira para sair.

Segui-o até o banheiro. Apoiando uma mão na parede, ele se equilibrou, expelindo muitos gases enquanto mirava o vaso (mal). Sem dar descarga, cambaleou para a cama e desabou feito um

saco de batatas.

Plantei-me sobre sua barriga e o fitei. Duro.

Desculpe-me, mas você não está se esquecendo de algo?

— Cara, é maravilhoso ficar na horizontal.

Seus olhos fecharam-se.

Oh, não, não ouse! Pus-me a lambê-lo nas faces. Nenhum movimento.

ACORDE!

Bob levou um dedo à boca.

— Shhh! Sem barulho.

Puxei-o pela manga. VAMOS SAIR!

Resmungos.

VAMOS SAIR!!!

— Oh, droga, esqueci-me de levá-lo para seu passeio, não?

Corri direto para a porta, para não deixar dúvidas.

— Estou indo. Agüente firme!

Sentando-se na beirada da cama, Bob apoiou a cabeça entre as mãos e então tornou a deitar-se.

— Será que não posso descansar só um...

NÃO! Lati outra vez.

Como esse homem conseguiu me levar para um passeio jamais saberei.

O telefone estava tocando quando voltamos. Bob apressou-se a atendê-lo, porém, de alguma maneira, acabou de cara no chão.

A secretária eletrônica recebeu o chamado.

Desculpe-me, não posso atendê-lo. Você sabe o que fazer. Deixe tua mensagem.

-Bob?

Aquela voz soava exatamente como a...

— Onde está você? — escutei Jen perguntar, com uma pontada de pânico. — São três horas da manhã no seu horário e...

Bob rastejou até a cama e agarrou o fone.

— OI, MENINA...

O som de sua voz reverberou pelas paredes.

— Você está aí.

— ESPERE, DEIXE-ME DESLIGAR ESSA MALDITA MÁQUINA.

Ele pelejou com a maldita máquina.

— DROGA... LEVANDO O... DROGA... ESPERE AÍ...

Mais peleja.

—

Ok, desculpe. Fui levar o cachorro para passear. . Ofegante? Não percebi, mas no momento estou com dificuldade para perceber qualquer coisa... Com Tony... Sim, tomei alguns... *Claro* que ele agiu como de costume. Como assim, ele é uma influência negativa? Tony ama as mulheres. Simplesmente não pode se conter. . Eu? Eu nunca, jamais olhei para qualquer outra mulher, exceto você. Uau, a cama está girando. Ouça, querida, preciso dormir. Tenho um café marcado às nove horas da manhã, uma reunião com uma megera. Talvez a plástica dela despenque e a ridícula tenha que cancelar o encontro...

Ele riu e bateu a mão no colchão várias vezes.

— Claro que sinto saudade. Miles também... Queríamos que você estivesse aqui conosco, agora. Certo, Miles?

Ele não fazia idéia do quanto.

Capítulo VIII

UEM DIABOS É ESSE? Bob me pegou antes que eu tivesse chance de me arre-meter

Qcontra o sujeito careca, de ombros largos, que acabara de sair do elevador.

— Sossegue, criatura insignificante! — ele berrou, com uma voz tão forte quanto o corpo.

— Por que os pequeninos sempre têm as maiores bocas?

PORQUE PRECISAMOS DE ESPAÇO PARA NOSSOS CANINOS AFIADOS EXTRAS,
CRETINO!

— Estou certo de que as pessoas perguntam o mesmo sobre você, Tony.

O grandalhão mostrou o dedo médio para Bob e então colocou uma caixa redonda e chata sobre o balcão da cozinha.

Uma fungada, e eu soube o que havia dentro.

Pizza. Com camada dupla de queijo e lingüiça, sem dúvida.

Salivei só de pensar em conseguir um bocado. Lancei um olhar para Bob. Bati as pestanas.

— Sim, claro, seu espertinho. Sei o que você quer.

Poderia alguém me culpar?

— Agora seja bonzinho — ele falou, pondo-me *no* chão —, e vá dizer olá para meu amigo Tony.

Bem. Ótimo. Que seja. Se Bob gostava dele, o fulano não podia ser de todo mal.

Cauteloso, aproximei-me. O grandalhão tinha um cheiro picante, graças ao "frasco de colônia" que, segundo suas próprias palavras, derramara acidentalmente sobre si. E quando sorria, havia um buraco do tamanho da ponta de um dedo no meio de uma das bochechas. Um ânus extra, talvez?

Quando ele se abaixou para ficar ao meu nível, ouvi seus joelhos estalarem.

— Então o que você me diz, Godzilla? Por que não paramos com a encenação e ficamos amigos?

Dei vários passos atrás enquanto considerava a oferta. De jeito nenhum queria me precipitar.

— Miles, dê uma chance ao pobre idiota. Ao contrário do que possa pensar toda a população feminina de Manhattan, Tony é, na realidade, um homem decente.

— Sim. E amável também. Até lhe trouxe um agrado especial.

A notícia captou minha total atenção. Observei-o tirar algo do bolso. Novo aroma, entretanto eu sabia que o gosto seria tão bom quanto o cheiro.

— Você lhe trouxe uma orelha de porco?

— Sim. Meu cachorro era louco por esse couro digerível.

Como se aproveitando a deixa, fiquei nas patas traseiras e pus-me a pular para cima e para baixo, um sorriso estúpido na cara. Mas quem se importava com minha triste figura?

— Pelo visto a coisa tem um efeito similar em Miles — comentou Bob. — Agora, sente-se para Tony.

Sentei-me, porém não "para Tony", e sim para Bob. Contudo, o que ele não sabia não podia magoá-lo.

Com a "orelha de porco" firmemente presa na boca, corri para achar um lugar seguro onde escondê-la. Sem muitas alternativas, a cama pareceu-me a melhor. Meti-me lá embaixo. Considerando a poeira e o lixo, era óbvio que ninguém costumava limpar ali com frequência. Enfiei a orelha de porco em um cantinho e me reuni aos rapazes, agora sentados no sofá.

Enchendo a pança.

No ritmo que devoravam a pizza, estava claro que não sobraria uma migalha para o cachorro.

— Então, Tony, quantos quilos você tem levantando ultimamente?

— Quase uns duzentos.

— Maldito! Você é um filho-da-mãe forte.

Olhei de um para o outro. Que mal faria dar uma mordiscada no filho-da-mãe?

— A propósito — disse Tony. — Vi uma antiga paixão sua na academia outro dia.

— Quem?

— Libidinosa Linda.

Os homens riram em uníssono.

— Ouvi falar que ela teve um bebê. Já recuperou a forma?

Fitei Bob. Fitei Tony. Por que fingiam que eu não estava ali?

— Digamos que Libidinosa Linda poderia arrumar emprego de lutadora de sumo.

— Ai! Ela tinha um corpo espetacular.

— Eu sei.

— Seu mentiroso. Você nunca me contou que havia transado com ela.

— Não transei. Apenas sexo oral. Aquela garota seria capaz de arrancar a rolha de uma garrafa grande de Dom I Vignon com a boca.

Os dois brindaram com suas garrafas de cerveja e tomaram longos goles, seguidos de vigorosos arrotos.

— Ainda não entendo por quê, depois de ser casado com aquela cadela horrenda, você queira se comprometer de novo. Nova York é um verdadeiro mercado livre de vaginas. Você não gostaria de experimentar algumas das melhores que a cidade tem a oferecer?

Falando em "experimentar" eu ainda não ganhara nada...

— Já o fiz. Lembre-se, eu tinha mais de trinta anos quando me casei. Não tenho mais paciência para sexo ocasional. Especialmente quando tenho uma namorada que, apesar da sensibilidade às vezes exacerbada, é maravilhosa.

— Relacionamentos são trabalhosos demais, na minha opinião.

— Caramba! Você chegou aos quarenta e seis anos e praticamente só teve casos passageiros.

— É muito mais fácil ter um cachorro. — Tony olhou para mim e sorriu. — Um homem pode ser francamente afetuoso, doce, sensível e derramar-se em atenções sem quaisquer

expectativas. Um cachorro nunca o arrastará até a Tiffany's apenas para olhar os anéis. Ou ficará chateado se você se esquecer de trazer flores no aniversário de três meses de namoro.

— Ou dará uma bronca só porque você se esqueceu de abaixar o assento do vaso sanitário.

— Cara, sinto falta de ter um cão.

— Por que não pára de se lamuriar e arranja um?

— Com meu horário maluco, não seria justo. Mas admito que adoraria ter um grande e velho golden retriever como Hogan outra vez.

— Hogan em homenagem a "Bantam" Ben?*

— Simplesmente um dos maiores jogadores de golfe do século XX. Ei, falando em golfe, ouvi uma piada divertida outro dia. Você sabe o que é uma tacada Rockefeller**?

* Bantam é uma espécie de frango, menor que o tipo padrão, mas cujos machos costumam se tornar gaios de

briga. Ben Hogan, golfista americano, recebeu esse apelido por ser baixinho e aguerrido (N. da T.).

** Nelson Rockefeller, vice-presidente americano, morreu engasgado (N. da T.).

Bob deu de ombros.

— É quando a bola chega até o buraco e então... morre. Os dois gargalharam.

— Uma piada velha, que trai a nossa idade, hein?

— Sim. Os jovens de hoje não a entenderiam.

— Falando em jovens, parece que vai começar um jogo.

— Aposto cem dólares que o Penn derrota o B.C.

— De jeito nenhum. O armador deles é péssimo. Aposto aceita.

Com suas barrigas egoisticamente cheias, convidaram-me para me juntar a ambos no sofá.

Ao pular, esbarrei na embalagem de pizza, aberta sobre a mesinha de centro, e a derrubei no chão. Todo feliz, preparava-me para lambe o queijo grudado no fundo, quando Tony, rudemente, tentou puxar a caixa de sob minhas patas.

SAI PARA LÁ!, rosnei.

— Ei! Isso não foi simpático!

— Talvez Tony deva tomar de volta aquela orelha de porco que lhe trouxe de presente.

Indeciso se tratava-se, ou não, de uma manobra inteligente para me obrigar a me mexer, preferi não esperar até alguém cumprir a ameaça. Corri para debaixo da cama e apanhei o que me pertencia por direito. Então, com a orelha de porco firme entre minhas patas, plantei-me diante dos rapazes e pus-me a roê-la o mais rápido possível, nunca tirando os olhos dos dois.

— QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FAZENDO? — Bob berrou. Não era óbvio?

— NÃO! NÃO! IDIOTA ESTÚPIDO! VOCÊ É CEGO?

E então compreendi que meu dono não estava latindo para mim, mas brigando com a TV.

— SIM! — Tony gritou. — MAIS UMA CESTA! Já posso sentir o dinheiro esquentando meu bolso.

— Não tão depressa, Tony. Connor recuperou a bola outra vez. CORRA!

CORRA, DESGRAÇADO! ISSO MESMO! SIM! Quem disse que caras brancos não sabem pular?

Sentei-me e observei-os.

Agiam como cães raivosos.

Ganiam. Urravam. Uivavam. Batiam os pés. Sacudiam os punhos. Só faltava correr atrás do próprio rabo e espumar pela boca.

Depois de toda aquela encenação, Bob ainda perdeu a aposta.

E, como eu não tardaria a descobrir, perderia muitíssimo mais.

Capítulo IX

Corri pelo apartamento inteiro procurando Jen. O cheiro dela (embora não fosse fresco), Cestava em toda parte — na cama, no sofá, no tapete, na cadeira da escrivaninha, no chão da cozinha. Onde diabos estava ela?

Bob, todavia, continuou a aguardar planta após planta. Todo calmo e contido. Como se não houvesse nada errado.

— Terminamos — ele falou, deixando o regador de lado e caminhando em direção à porta.

— Vamos.

Mas este cachorro não tinha intenção alguma de partir.

— O que acabei de dizer?

Não faço a mínima idéia.

Olhei pela janela, fingindo prestar atenção em alguma coisa realmente importante. Como aquele pombo, fazendo cocô no telhado do outro lado da rua.

— Ah, sim, estou entendendo. Você esperava encontrar Jen em casa, não?

Como se fosse preciso ser um gênio para responder a pergunta.

— Receio que ela continuará longe por vários dias ainda. Você não pode permanecer sentado aqui, aguardando-a, sabe?

A despeito da minha opinião sobre o assunto, fui arrancado do chão, carregado para fora do apartamento, levado para dentro do elevador, arrastado através do saguão e colocado sobre a calçada. Não me sentia feliz.

— Está um dia lindo demais para ficar tão irritado, parceiro.

Dei-lhe as costas.

— Uau, o pequenino pisando duro! Ouça, tenho uma idéia. Vamos ao Central Park. Você nunca esteve lá antes.

Sem saber o que era "parque", não demonstrei o menor interesse em ir até lá.

— Não seja teimoso. — Bob tentou me persuadir a avançar. — Todos os cachorros amam o parque.

Imagino que ele se esquecera de que eu não era como todos os cachorros.

Marchei atrás de meu dono, muito, muito devagar. Cabeça abaixada, orelhas caídas, rabo entre as pernas, mal erguendo as patas a cada passo. Puxando a guia na menor oportunidade para dificultar a jornada ainda mais.

— Chega de drama, parceiro. Só falta mais um pouquinho.

Escutei a mesma besteira quarteirão após quarteirão, após quarteirão até... atravessarmos a Quanta Avenida e...

Bob não mentira.

Este cão estava prestes a se apaixonar pelo Central Park em mais de uma maneira.

Eu não sabia para onde olhar primeiro. Nunca havia visto tantas árvores em um só lugar antes. Muitas tão altas quanto prédios. Não aquelas coisas magricelas, moribundas, encravadas nas calçadas, mas árvores grandes, gordas. Luxuriantes e cheias de vida. Cada qual explodindo em uma gama de aromas que eu jamais experimentara. Os pêlos dentro de minhas narinas encaram, atentos. Meus olhos lacrimejaram. A boca do meu estômago se contraiu. Minha cabeça girou. Era óbvio: eu estava adorando.

A maior parte do chão era coberta por um tapete macio, perfumado. "Grama", Bob o chamou. Esfreguei-me nele, experimentei algumas folhas, e as cuspi.

E havia algo mais que o Central Park possuía em grande quantidade: *cachorros*.

Toda raça. Macho. Fêmea. Todo formato. Todo tamanho. Orelhas pontudas. Orelhas caídas. Rabos peludos. Rabos pequenos e grossos. Corpos compridos, pernas curtas. Corpos atarracados, pernas compridas. Dentuços. Beiçudos. Amigáveis. Nojentos. Arrogantes. Estúpidos.

O que significava que existia um território imenso para demarcar.

Este era *meu* parque agora.

Seguimos por um percurso que nos conduziu a uma trilha cheia, não de carros, mas de gente. Corredores. Caminhantes. Andarilhos. Ciclistas. Patinadores. Enfim, o tráfego humano básico.

Antes que me desse conta, Bob começou a me puxar para o meio da confusão.

— Teremos que mexer nossos traseiros para conseguirmos atravessar essa trilha — disse

ele.

De jeito nenhum, pensei, obedecendo-lhe.

O vento uivava em meus ouvidos e agitava meus bigodes enquanto, habilmente, driblávamos a multidão. Mal alcançamos o lado oposto em segurança, e Bob teve outra idéia brilhante. Passear perto do lago o qual, logo descobri, era a maior pia que jamais vira.

Dei meia-volta. Desculpe, não vou. De forma alguma.

— Do que você está com medo?

Será que a palavra á-g-u-a fazia algum sentido para ele? Aparentemente não, porque Bob insistiu em tentar me empurrar para frente. Então, saído de lugar nenhum, um labrador preto avançou na nossa direção.

— Volte aqui, Lucy! — gritou o dono da cadela, perse-guindo-a. — Não *ouse* entrar naquela água!

Foi exatamente o que Lucy fez, claro. A propósito, antes ela do que eu. Em qualquer dia.

— Eu nunca deveria ter soltado a guia — lamentou-se o sujeito. — Ao primeiro sinal de elevação da temperatura, ela sempre corre direto para o lago. Lucy! O que lhe falei? Saia daí agora mesmo! Fora! Agora!

Todavia o labrador recusou-se a permitir que qualquer coisa atrapalhasse sua diversão.

— Sua Lucy parece estar aproveitando — riu-se Bob.

— Com certeza. Mas depois fica com um cheiro horrível. Serei obrigado a lhe dar um banho ao chegarmos em casa. Uma tarefa não tão fácil, acredite-me.

O fulano andou até a beirada da água e inclinou-se tanto para frente, que perguntei-me se não iria mergulhar também.

— LUCY! VENHA! AGORA!

A cadela, enfim, nadou até a margem. Com aquele sorrisinho malicioso, típico dos labradores, sacudiu-se inteirinha perto do dono.

Suponho que não fosse tão idiota assim.

Bob e eu passeamos junto à orla do lago durante algum tempo antes de tomarmos outro caminho que nos conduziria, segundo me explicou, a um "túnel". Para mim, o lugar se assemelhava a um grande buraco cavado no chão. Na realidade, um buraco úmido, escuro e horripilante. O fedor de urina humana e animal estava em todo canto. O som de nossas passadas reverberava pelas paredes. Senti-me asfiziado, vulnerável. Um alvo fácil. Acelerei o passo. Mais rápido. Mais rápido. Não parei até que a luz do dia beijou-me o rosto novamente. Foi naquele exato instante que a vi...

Saracoteando na minha direção, os longos pêlos brilhan-do sob o sol. Grandes olhos negros. Lindo focinhozinho úmido, comprido e anguloso. Curva gentil da coluna. Patas da frente um pouquinho viradas para fora.

Ela cheirou meu traseiro. Cheirei o dela.

Juro, a mais bela dachshund de pêlo longo que eu jamais vira.

— Acho que alguém se encantou com minha Chloe — falou a mulher atada à guia, abaixando-se e dirigindo-se a mim. — E quem é você, gracinha?

O cão que ama sua cadela.

Julguei melhor não enfurecer a dona da dachshund, portanto, não rosnei.

— Miles — respondeu Bob. — Isto é, meu cachorro chama-se Miles.

— Ele é terrivelmente adorável.

Cutuquei a dachshund. Ela me cutucou de volta.

— Meu amigo gostou da sua cachorrinha. Ela deveria sentir-se lisonjeada. Miles não gosta de muitos cães.

— Chloe é assim também. Bastante exigente em relação ao sexo oposto. Como eu.

Enquanto isso nós, cães, começamos a brincar. Rodeamos um ao outro sem parar, até nossas guias se entrelaçaram. Em um esforço para separar-nos, Bob e a mãe de Chloe, acidentalmente,

bateram suas cabeças.

— Ai!

— Você está bem?

A mulher massageou a têmpora.

— Sim. E você?

— Claro. Afinal, não há nada dentro da cabeça dos homens exceto ar quente, certo?

—Minha avó Katherine costumava dizer que se você bate a cabeça na de um rapaz, significa que estão destinados a se envolverem romanticamente um dia.

O rosto de Bob enrubesceu. Ele estava encabulado.

— Nunca escutei isso antes. Mas duvido que minha namorada se mostraria muito satisfeita com o prognóstico.

— Sua namorada? E onde está ela neste dia espetacular de primavera? Por favor, não diga que se encontra dentro de casa.

— Na verdade, está bem longe. Visitando a filha, em Londres.

— Sortuda! Amo Londres. Passei algum tempo lá, em um show.

— Você é atriz?

— Hum-hum.

— Será que já a vi em algum lugar?

— Pequenos papéis. Trabalhos para a tevê, comerciais, teatro. Meus pais ficariam mais felizes se eu recuperasse o bom senso e arrumasse um emprego de verdade. Encontrasse um marido. Começasse uma família. E não necessariamente nessa ordem.

— Difícil acreditar que uma moça como você ainda não tenha sido fisgada.

A mulher afastou uma mecha de cabelos da face.

— Obrigada, mas com certeza não é fácil nesta cidade. Toneladas de zeros à esquerda.

— Infelizmente são tipos como esses que dão a nós, bons moços, péssima reputação.

— Pena que você esteja fora do mercado.

— É, bem... — Desajeitado, Bob consultou o relógio. — Droga, precisamos ir embora.

— Lamento — disse a mãe de Chloe. — Os cachorros estavam se divertindo tanto.

— Sim, porém você sabe como é. O fim de semana está terminando e ainda tenho muita coisa para fazer.

Que monte de mentira, pensei.

— Em qual direção vocês estão indo, rapazes?

— De volta à entrada da rua Sessenta e Seis.

— É nosso caminho também.

Feliz por passar mais tempo com Chloe, trotei em frente, parando apenas de vez em quando para rosnar para qualquer um — quadrúpede ou não —, que se atrevesse a chegar perto dela.

Na realidade, estava tão perdido de amor que nem sequer notei termos deixado o parque para trás e retornado à Quinta Avenida.

— Tenho que tomar um táxi para o centro — disse Bob.

— Posso lhe dar meu cartão? Talvez você descubra um amigo simpático para me apresentar.

Bob leu em voz alta.

— Valerie Valmont. Ótimo nome artístico.

— Na realidade, é Valerie Hollingsford.

— Também um bom nome. Ah, eu sou Bob. — Pausa. Uma cocada na cabeça. — Ah...

Masters.

— Algum parentesco com Masters e Johnson*?

— Nem de longe.

— Pena. Oportunidade perdida para uma noite de conversa fascinante.

Eu jamais havia visto meu dono tão sem palavras antes, evidentemente desconfortável sob a

própria pele, remexia-se como se precisasse ir ao banheiro.

— Foi um prazer conhecer vocês dois.

—

Igualmente. Aproveite o restante da tarde, Valerie.

Quando estávamos a ponto de atravessar a rua, sentei-me no chão, decidido.

— Que engraçadinho! Ele não quer abandonar a namorada.

Bob encerrou a discussão em instantes.

* William Masters e Virgínia Johnson foram os pioneiros na condução de pesquisas no campo da sexualidade

humana (N. da T.).

Em um átimo, estávamos dentro de um táxi, rumando para o centro.

Sem Chloe.

Ele não compreendia quão apaixonado eu estava? Nem sequer se importava?

— Vamos manter isso tudo apenas entre nós — disse Bob, guardando o pedacinho de papel no bolso.

Mas ele sabia que eu sabia. E este cachorro nunca diria uma palavra.

ECapítulo X

sperei no tapete. Esperei no sofá. Esperei em um dos banheiros e então no outro. Ainda nenhum sinal deles. Retomei à sala de estar. Sentei-me na cadeira grande durante algum tempo e olhei pela janela. Levantei-me. Voltei para o quarto. Pulei na cama. Rearrumei os travesseiros. Não conseguia ficar confortável. Pulei no chão. Vaguei pela cozinha. Apanhei migalhas do capacho. E quando estava a ponto de abandonar as esperanças de que, um dia, tornaria a vê-los, meus donos entraram pela porta da frente.

— Miles! — Jen gritou, enquanto eu me atirava em seus braços abertos. Ela me beijou na testa e me abraçou apertado. — Senti tanta saudade de você.

— Sentimos saudade de você também — disse Bob. — Muita. Certo, parceiro?

Lambi-a no rosto, no pescoço, nas orelhas. Minhas ações falavam muito mais alto do que quaisquer palavras, Jen caminhou pela sala, radiante.

— Vejam todas essas rosas cor-de-rosa. Será que devo ficar desconfiada? Vocês rapazes fizeram alguma coisa errada enquanto estive fora?

Homem e cão se entreolharam, com ar vago

— Imagino que não — ela falou, abraçando Bob. — Novamente, obrigada pelas flores. São adoráveis. Como você.

Arranhei-a de leve na perna. Ei, e quanto a mim? Ola!

— Você está com ciúme? Quem, eu?

— Ei, você. Cheguei primeiro. Essa aqui é minha mulher.

— Oh, é mesmo?

— Talvez a dama gostaria de uma demonstração? Então Bob tomou Jen no colo. Deu um passo atrás, algo vacilante.

— Desculpe. Comida inglesa.

— Sem problema.

Recuperando o equilíbrio, ele a carregou para a cama. Antes mesmo de tirarem suas roupas, começaram a fazer aquilo.

Havia um limite para um cachorro assistir antes de se sentir. . bem, um pouco inquieto.

Assim, decidi me divertir comigo mesmo até a coisa estar terminada.

A vida voltara, mais uma vez, ao normal.

Pelo menos no momento presente.

Capítulo XI

em certeza de que não quer vir conosco? — Não, vão vocês, rapazes. Irei para uma aula de T *spinning*.

— Outra vez? Você está tendo alguma coisa com Lance Armstrong, ou algo parecido?

— Sim, claro. —Jen riu.—Vamos combinar de nos encontrarmos para um *brunch* no Café

Medi. Assim poderemos nos sentar do lado de fora, com Miles. Mas antes de você levantar-se dessa cama, tenho um pedido rápido a lhe fazer.

O "pedido rápido" demorou um pouco mais de tempo do que antecipei. E dizem que *cachorros só têm sexo na cabeça*.

Falando no assunto, não consegui chegar ao Central Park rápido o bastante. Cheirei arbustos, troncos de árvores, porções de grama, pernas de bancos, latas de lixo e postes.

Nenhum sinal de Chloe. Andamos aqui e ali. Descemos uma colina. Subimos uma colina.

Passeamos às margens do lago. Nenhum sinal de Chloe. Deixei minha marca em todo canto, caso ela estivesse me caçando também. Quando estava prestes a desistir, um cheiro familiar, embora tênue, bafejou meu focinho. Decolei, arrastando Bob comigo em direção a um grupo grande de cães perambulando a esmo. Brincando. Correndo atrás um do outro. Evidentemente divertindo-se a valer.

E lá, bem no meio, a própria, minha querida...

CHLOE! CHLOE! CHLOE!

Ao som da minha voz, ela voou para mim. Logo estávamos agarrados, como manchas em um dalmata. Ela beijou meu focinho e eu, virando-me no mesmo instante, meti o rosto entre suas pernas.

— Seja um pouco mais sutil, cara.

— Oh, deixe o pobre menino em paz. —A dona da cadela acabara de unir-se a nós. — Você não vê que Miles está apaixonado?

Sim, eu estava. Total e tão completamente quanto um cão castrado é capaz.

Neste íterim, um dogue desaforado havia avançado e conseguido distrair a atenção de

Chloe. Ansioso por impedi-lo de roubar minha garota, atirei-me para a frente — esquecendo-me de que minha guia, diferentemente da deles, continuava presa a meu dono. Tudo o que consegui

foi morder o ar. Senti-me embaraçado, frustrado e furioso.

— Por que não solta Miles? — a mãe de Chloe perguntou. É, POR QUE DIABOS NÃO?

— Eu soltaria, mas receio que Miles possa fugir.

Bob endoidecera? Que cachorro, em sã consciência, iria querer voltar para a vida que levava nas ruas? Temendo, a cada passo, descobrir-se face a face com um certo estranho, cheio de más intenções?

Todavia meu respeito pela inteligência de Bob restaurou-se no momento em que ele resolveu desprender a maldita guia.

— Estou confiando em você, parceiro. Por favor, não me decepcione.

Hipótese absurda...

Depois de eu mandar o dogue sumir, Chloe e eu estávamos livres para brincar. Corremos em círculos, em uma ardente perseguição mútua, levantando poeira atrás de nós.

Desfrutando o máximo de nossas vidas caninas, até a "polícia da guia" aparecer. Foi uma luta arrebanhar os cães que se recusavam a cooperar. Inclusive Chloe e eu.

— MILES! VENHA AQUI. AGORA!

Julgando pelo tom de Bob, eu sabia que se não mexesse o traseiro imediatamente, estaria frito.

Falando em traseiros, ele não demoraria a levar um chute no próprio.

— Com licença, Vai — ele falou, pegando o celular. — Preciso atender essa chamada. Ei... ainda não saímos do parque. Desculpe, não percebi a hora. Ele estava se divertindo tanto... Sim, nós tiramos as guias... Hein? Não, não há ninguém aqui...

Por que a mentira? Estávamos com Chloe e a mãe.

— ...Claro que ainda queremos encontrá-la, bobinha. Chegaremos ao Café Medi tão depressa quanto nossas seis pernas possam nos levar...

— Espero não tê-lo metido em uma encrenca, Bob.

— A culpa é minha. Simplesmente perdi a noção do tempo.

— Em outras circunstâncias, perder a noção do tempo poderia ser uma coisa boa.

Bob fingiu não ouvi-la, embora eu soubesse que a tinha ouvido sim.

— Bem, precisamos ir.

Fingi não ouvi-lo, embora ele soubesse que eu o ouvira muito bem.

Porque recusei a me mover, acabei debaixo do braço de Bob, como se fosse um cachorro gay. Com certeza não era essa a imagem que eu gostaria que minha cadela tivesse de seu garanhão.

— Vejo-a na segunda-feira, Valerie. Nove e meia, no escritório.

— Estarei esperando ansiosa.

Ela encostou o braço no dele e o manteve lá durante alguns segundos. Como se não quisesse deixá-lo partir.

Um café ao ar livre, conforme não tardei a constatar, era um lugar onde as pessoas comiam em mesas, do lado de fora, mas não na calçada, como o nome sugeria. Jen já estava sentada quando chegamos. Dava a impressão de um pouco irritada.

— Desculpe o atraso — Bob falou, um tanto ofegante.

Um beijo e tudo parecia perdoado.

Quanto a mim, estava exausto depois do exercício feito naquela manhã. Enrodilhei-me aos pés de minha dona, com a firme intenção de tirar um cochilo — plano impossível, como logo percebi, devido à agitação constante — cães, gente e o cheiro contínuo de comida, vindo de toda direção.

E então eu a vi. Trotando quarteirão abaixo, na nossa direção. Pulei nas quatro patas. Se não fosse pela guia, teria estado ao lado da dachshund em um piscar de olhos.

CHLOE!

No mesmo instante Chloe respondeu ao meu chamado e arrastou a dona para nossa mesa.

— Olá, Bob! Olá, Miles! Que surpresa agradável deparar com vocês duas vezes, no mesmo dia.

São exatamente esses os meus sentimentos, pensei, enquanto montava a dachshund.

— Não é assim que se deve tratar uma dama — repreendeu-me Jen, puxando a guia.

De onde eu vim, é sim!

— Receio que minha Chloe seja uma namorada desavergonhada, portanto, cabe-lhe parte da culpa.

A dona da cadela atirou a cabeleira para trás e, lentamente, deslizou a ponta da língua pelos lábios.

— Esses dois cãezinhos apaixonados divertiram-se muito brincando no parque hoje de manhã.

Erguendo as sobrancelhas, Jen fuzilou Bob com o olhar.

— Oh, é mesmo?

Bob cerrou os dentes e balançou a cabeça.

— Onde estão rrúnhas boas maneiras? Jen, esta é Valerie. Valerie, esta é Jen.

Minha dona resmungou um débil "oi."

— Bob mencionou que você acabou de voltar de Londres. É minha cidade favorita em todo o mundo.

— Minha também. Imagino que tenhamos gostos similares. Não, querida?

De repente, o ar tornou-se pesado.

— Bem, precisamos correr — disse a mãe de Chloe, rompendo o silêncio. — Minha garotinha tem hora marcada para escovar o pêlo, e já estamos atrasadas. Espero ver vocês, rapazes, no parque em breve.

Choraminguei ao observá-las desaparecer no fim da rua. Com pena, Jen me tomou no colo.

— Você se importa de me dizer o que significou isso tudo?

— Nada.

— Nada? Não estamos falando de um dos episódios de *Seinfeld*. Isto está longe de ser "nada". E, se quer saber, o cachorro não é o único encantado.

— Jen, não seja ridícula,

— Mas a moça é absolutamente deslumbrante. E jovem. Acho que ainda nem chegou aos trinta. Com aquele corpo rijo! Por que você não ficaria interessado?

— Talvez pela simples razão de te amar? Essa idéia nunca lhe passou pela cabeça?

Pelo jeito não, porque Jen insistiu no assunto, como se Bob não houvesse pronunciado uma única palavra.

— Não é de se estranhar que você tenha se atrasado.

— Mas os cachorros estavam brincando.

— E, aparentemente, os adultos também.

— Ora, vamos, amor.

Ela deu de ombros.

— Talvez eu esteja restringindo seu estilo de vida. Talvez você sinta necessidade de variar.

Percorrer os bares com seu amigo Tony.

Bob gemeu e passou os dedos pelos cabelos, como que para desembaraçar-se da confusão em que se metera.

Jen continuou esfregando o nariz, como se cheirasse problema.

— Isto é, talvez eu seja apenas sua mulher de transição. A maioria dos homens divorciados nunca acaba ficando com a outra. As estatísticas não estão a meu favor.

— Calma aí. Eu já havia deixado Kathy, quando nós nos conhecemos.

— Não. Você estava ocupando o quarto de hóspedes, porém ainda moravam sob o mesmo teto.

— Mas aluguei o *loft* logo depois.

— Porque me recusei a dormir com você enquanto morassem na mesma casa. Caso se recorde, mantivemos um relacionamento platônico durante mais ou menos uns três meses, antes da consumação. Ou será que se esqueceu, sr. Masters?

— Para sua informação, advogada, anos antes de eu chegar a saber de sua existência, já pensava seriamente em me separar de Kathy.

— Entretanto, de alguma maneira, ela não conseguiu pôr na cabeça que você falava sério. Lembro-me de você me contar que Kathy o acreditava mental e temporariamente desequilibrado e jurara que você voltaria correndo para ela assim que recobrasse o juízo. Bob levou a mão de Jen aos lábios e beijou-a.

— Lá se vai sua teoria, não?

Não tente me amolecer. — Ela puxou o braço bruscamente. — Seu problema é que, em relação às mulheres, você yende a ser gentil demais. E, agindo assim, em geral lhes transmite mensagens contraditórias.

— Porque tenho a fantasia de ser um homem sociável e agradável. Comportei-me desse modo mesmo com Kathy, até ela se enfurecer comigo. Quanto a você ser a tal "mulher de transição," escute, sei da sua paranóia sobre homens mulherengos. Todavia não sou o seu pai. E, com certeza, não sou o seu ex-marido.

— Mas preciso saber se você realmente quer ficar comigo. Sei que não existem garantias na vida, só que...

— Tudo se resume a confiança, não?

— Eu sei, eu sei. Porém, já é duro o suficiente lidar com esse divórcio e ainda por cima ter que me preocupar com outra mulher.

— Ei, exceto as minhas outras quatro esposas em Utah, você não tem absolutamente nada com o que se preocupar.

— Muito engraçado, Bob. Muito engraçado.

Entretanto Jen não estava rindo.

Capítulo XII

en puxou os lençóis da cama, jogou-os no cesto de roupas sujas e remexeu nos bolsos de Juma calça jeans.

— Ah, então foi aqui que veio parar meu cartão de crédito — resmungou para si mesma.

Apanhou outra calça. Checou os bolsos. Retirou um pequeno pedaço de papel. Seus olhos se arregalaram enquanto o lia.

— FILHO DE UMA CADELA!

Minhas orelhas caíram, meu rabo meteu-se entre as pernas. Acontece que eu era filho de uma cadela. Por que ela estava brava comigo?

— Eu sabia. Eu sabia que existia alguma coisa entre aqueles dois!

Bob deu um tapinha no ombro de Jen.

— Ei, você não me escutou entrar?

Ela não disse nada. Simplesmente continuou lá, parada, picando os vegetais furiosamente.

Ele tentou beijá-la nos lábios, mas Jen virou-se tão depressa, que acabou beijando o ar.

—Você está chateada porque me atrasei um pouco, certo?

Nenhuma resposta.

— Tive que fazer algumas paradas.

Então Bob lhe entregou as flores que estivera escondendo atrás das costas.

Os olhos de minha dona se estreitaram, como se pretendesse arrancar-lhe o nariz fora.

— Rosas cor-de-rosa? Qual o motivo? Um presente para *a* placar sua culpa, talvez?

— De modo algum. Recebi ótimas notícias hoje. Pelo visto Kathy, enfim, concordou com os termos do divórcio. E está pronta para assinar os papéis quando retornar de Paris.

Nenhuma reação.

— Bem, eu estava na Quinta Avenida à tarde, e sendo nosso aniversário de um ano e um

mês de namoro, pensei no quão paciente e maravilhosa você tem sido durante toda essa fase difícil. — Bob entregou-lhe uma caixinha que cabia na palma da mão. — Eis um pequeno sinal de meu reconhecimento.

— Tiffany's — Jen falou, quase tropeçando em mim.

Trêmula, abriu a caixinha. Fitou o conteúdo, fechou-a, e colocou-a de volta sobre o balcão.

— É um lindo colar. Muito obrigada.

Um abraço destituído de entusiasmo em Bob. Um tapinha nas costas.

— Quem sou eu? Seu tio Ernie por acaso?

Jen fingiu não ouvi-lo, embora soubesse que eu sabia que ele escutara cada uma das palavras.

— Ok, o que está havendo? Você está agindo de maneira estranha desde que cheguei em casa.

Pois ele deveria ter passado o dia inteiro com ela! Jen retirou um pedaço de papel do bolso e entregou-o a Bob.

— Creio que isso é seu.

— O cartão de Valerie Valmont?

— Exato. Portanto, deixe-me repetir a pergunta — a voz soou aguda e tensa. — O quê, precisamente, está acontecendo entre vocês dois?

— Absolutamente nada.

— Pois parece *muita coisa* para mim.

Bob fitou os próprios pés. Balançou a cabeça. Soltou o ar pela boca.

— Se você quer mesmo saber, contratei Valerie para aquele comercial que acabamos de filmar.

— Ela é atriz?

— E boa atriz, de fato.

— Hum-hum...

— Você não entende. O relacionamento que tenho com ela...

— *Relacionamento?* Várias semanas atrás ela não significava nada. Agora você tem um *relacionamento* com aquela mulher?

Eu conhecia os sinais. As coisas estavam esquentando entre eles. A pergunta era: o que eu podia fazer para esfriar a situação?

Nas palavras de Bob — nada!

— Você me permitiria terminar, pelo amor de Deus?

Jen revirou os olhos.

— Minha associação com Valerie é estritamente profissional. Nada mais, nada menos. Ela é uma moça simpática e é um prazer trabalharmos juntos. Ponto. Fim da história.

Mas não era o fim.

Na realidade, a coisa estava para se transformar em um pesadelo.

Capítulo XIII

Bob e eu saímos da loja de ferragens. Ele havia comprado um punhado de porcaria da qual, aparentemente, "não precisava" e eu conseguira vários biscoitos grátis, algo de que, aparentemente, precisava o tempo inteiro.

Bem, quando começamos a andar pelo quarteirão, a mãe de Chloe correu na nossa direção.

Dentes brancos brilhantes. Largo sorriso no rosto. Tetas balançando. Braços sacolejando.

— Eu estava pensando em você, Bob!

— Por favor, não me diga que o cheque foi devolvido.

— Nada do gênero. Na realidade, usei parte do dinheiro para comprar um novo sistema de *home theater*.

Ela continuou a matraquear sobre coisas estúpidas, nunca falando do paradeiro de minha preciosa dachshund.

ONDE ESTÁ CHLOE?, indaguei, porém não obtive resposta. Que grosseria, pensei. E

tornei a latir. Mais alto.

ONDE ESTÁ CHLOE?

Bob tinha uma expressão tola e vaga na face.

— Não sou nenhum especialista em animais de estimação, mas acho que isso tem a ver com sua cadela. A propósito, onde está a megera de quatro patas?

Inclinei a cabeça, para não perder uma única palavra.

— Deixei-a em casa, enquanto fui à aula de yoga. O que explica porque estou tão horrorosa e suada.

— Você parece ótima para mim.

— Você é gentil demais.—A mãe de Chloe apoiou o peso do corpo em um pé, depois no outro. — Escute, será que eu poderia lhe pedir um enorme favor?

— Depende de quão enorme, acho.

— Você está livre no momento?

Bob remexeu nas moedas que trazia no bolso.

— Como é?

— Relaxe. Estou me referindo a sua agenda lotada.

— Oh... Entendo. Não. Isto é, sim. Tenho algumas horas livres. Jen está no cabeleireiro, e Miles e eu estávamos apenas andando por aí. Matando tempo.

— O negócio é o seguinte: preciso de ajuda para instalar o equipamento de som e sou terrível para entender manuais de instruções. Receio acabar estragando alguma coisa. Suponho que você seja o tipo do cara habilidoso que andei procurando.

— E seu namorado? Não pode ajudá-la?

— Não tenho namorado, lembra-se?Bob não respondeu.

— Ouça, moro apenas a algumas quadras daqui. Sei que não serão necessários mais que

uns poucos minutos. Vamos, como você pode repudiar uma donzela em apuros?

— Por favor, basta de culpa! — Bob atirou as mãos no ar. — Rendo-me.

Não me impressionei nem um pouco com o prédio. Nada de toldo na entrada. Nada de porteiro. Nada de elevador. Nada de flores frescas no saguão. Engraçado como eu — um reles vira-lata da parte errada da cidade — passara a apreciar tais regalias.

Porém esse prédio tinha escadas. E muitas.

Todavia, no momento em que ouvi Chloe latir e inalei seu cheiro, subi os degraus correndo.

Praticamente de dois em dois. Um feito e tanto para alguém do meu tamanho, poderia acrescentar. Entretanto, quando a porta do apartamento foi aberta, eu não estava, de jeito de nenhum, preparado para quem, ou o quê, estava lá para nos receber. Uma psicopata rosenta, de dentes arreganhados.

Aquela não podia ser a mesma dachshund de pêlos longos pela qual me apaixonara.

— Chloe! — censurou-a a dona. — Comporte-se! Este é Miles. Seu namorado do parque.

Mas ou ela não se lembrava (o menos provável), ou não dava a mínima (o mais provável), porque se eu não houvesse ido da frente, a maldita cadela teria me arrancado a orelha!

E que agradecimentos recebi por lhe dar espaço (sendo aquele o território dela), e não revidar? Nenhum. Cadela miserável, com rei na barriga!

Lancei um olhar a Bob que dizia, viemos, vimos e agora vamos dar o fora daqui!

Mas ficamos.

Um erro fatal da parte dele.

A mãe de Chloe fora tomar banho e, felizmente, levara a amiguinha fedorenta junto. Bob, cercado por uma pilha de caixas, tinha "trabalho a fazer." Quanto a mim, bem, o tédio logo se instalou. Considerei tirar um cochilo no sofá, porém o cheiro da dachshund estava entranhado nas almofadas. Já era ruim o suficiente ter que lidar com a rejeição. Com certeza não precisava me deitar nela. No momento em que Bob virou a cabeça, só para realmente enfurecê-la, soltei

uns pingos de xixi, para que Chloe se lembrasse de mim. Rá, rá, rá!

Vaguei pela sala pequena, um tanto entulhada, e avistei um osso de couro cru, parcialmente escondido sob a poltrona. Em um átimo, furtei-o. E, no átimo seguinte, Bob me confrontou — Largue agora. Isso pertence a Chloe.

Correção: *pertencia* a Chloe.

E então, como que pressentindo a situação, a cadela irrompeu sala adentro. Dispensável esclarecer, nada satisfeita.

— Melhor devolver o osso a ela. Achado não é roubado.

— O que acabei de dizer, senhor? Não faço a menor idéia.

Bob chegou perto, muito perto. Olho no olho. Mais nenhuma palavra tornou-se necessária.

O homem estava falando sério. Não tinha outra escolha senão devolver a gostosura roubada. Imediatamente.

Chloe, osso preso entre as mandíbulas gananciosas, fugiu para localizações desconhecidas, quase colidindo com a dona, que acabara de entrar na sala. Cabelos compridos soltos. Saia curta e exígua. Era óbvio que ela se arrumara com cuidado. Bob deu uma olhada e quase tropeçou nos próprios pés.

— Desculpe ter me demorado tanto — ela balbuciou.

— Ah... na realidade, seu *timing* foi perfeito. Terminei neste momento. Você agora está totalmente equipada para sexo.

— Como é?

Bob fez uma careta.

— Som. Você agora está totalmente equipada com um aparelho de som.

— Que maravilha! Jamais poderei agradecer-lhe o bastante.

— Ei, apenas conectei o som. Nada de mais.

— Para mim, sim.

À medida que ela se aproximava, ele se afastava na direção da porta.

— Bem, meu trabalho aqui está terminado e...

— Espere! Você não me mostrou como o sistema funciona.

Atenta, ela parecia engolir cada uma de suas palavras, enquanto eu aguardava, impaciente, para dar o fora dali.

De repente a música começou.

A mãe de Chloe pôs-se a mover os ombros, seguidos do resto do corpo. Muito devagar.

Balançando as mãos de um lado para o outro, como se estivesse flutuando em uma banheira cheia de água. Os olhos fixos em Bob. Boca ligeiramente entreaberta, a ponta da língua deslizando pelos lábios.

Devido a minha experiência com Jen, eu conhecia todos os sinais. Essa fulana queria trepar.

O queixo de meu dono havia caído até os joelhos e se desintegrado.

— Ok, então — ele falou, a voz incerta.

— Desculpe. — Ela riu, inclinando-se para frente e praticamente esfregando a bunda no rosto dele. — Marc Anthony me enlouquece. Não consigo me controlar.

Bob consultou o relógio e cocou o nariz com tanta força que receei ver o troço cair.

— Uau! Está na hora de irmos.

Naturalmente, no segundo em que ouvi a palavra mágica, I-R-M-O-S, eu já estava do lado de fora.

— Só mais um pouquinho. Tenho uma garrafa incrível de Sancerre na geladeira e...

— Val, não posso. — Bob pegou as sacolas de compras.

— Sim, pode. Você deve. — Ela empinou os seios e manteve-se firme. Não aceitaria um "não" como resposta.

— Amanhã é meu aniversário, você sabe.

— Ora, Val. Não tente me enganar.

— Estou falando a verdade. Quer ver minha carta de motorista?

— Não é preciso. — Bob suspirou. — Ok, uma rapidinha e então irei embora.

Ela arregalou os olhos.

— Uma rapidinha?

— Tomarei um drinque rápido.

— Maravilha!

Maravilha uma ova, pensei, enquanto Bob lutava para me arrancar da porta.

— Agora — ela anunciou, retornando com copos e uma garrafa —, se vocês, cavalheiros, vierem por aqui, poderemos tomar nosso vinho no terraço.

— Não reparei em terraço nenhum — murmurou Bob para mim, quando a seguimos até um quarto.

Ela apontou para algo dependurado na parede.

— "Sim", é a resposta para a pergunta que você provavelmente gostaria de fazer. Aquele é meu retrato.

Bob agitou-se, o rosto vermelho.

— Oh, é tão engraçadinho o modo como você enrubesce. Tão típico de menino.

— Suponho que parecer um menino, na minha idade, seja uma coisa boa.

— Meus pais tiveram um chilique, quando posei nua.

— Posso ver por quê. A pintura é um tanto, ah, um tanto provocante.

— Oh, não seja pudico. Pelo menos você sabe que sou loura natural.

— Não vou nem entrar nesse assunto, Val.

Ela empurrou uma porta de vidro e sorriu.

— Sua escolha, não minha.

O "terraço", logo descobri, era um espaço ao ar livre, cercado por paredes altas e coberto por um céu sem nuvens. Podia-se cheirar a cidade. Quase degustá-la. Todavia, não se

enxergava nada dali. Bastante frustrante, se querem minha opinião.

Enquanto isso Chloe — que estivera longe da ação até o momento —, reapareceu de súbito. Com aquele maldito osso ainda preso entre os dentes. A tonta plantou-se em um canto do terraço. Para me provocar, sem dúvida. Imaginei que a melhor maneira de retaliar seria marcando o território dela como meu. Bob, contudo, deve ter lido meus pensamentos.

— Não, Miles — ele gritou. — Você não pode urinar aqui.

Isto, claro, não fez sentido algum para um cão acostumado a cuidar de suas necessidades ao ar livre.

— Bem, tenha um feliz aniversário, Val.

A mãe de Chloe chegara mais perto de Bob.

— Você sabe que eu gosto de você, Bob. Ele se afastou.

— Também gosto de você, Val. Ela se debruçou sobre ele.

— Na realidade, considero-o maravilhoso. Ele deu um gigantesco passo atrás.

— Obrigado, você também.

(Essa era uma das conversas mais estúpidas que jamais ouvi!)

— E realmente uma pena que tenha namorada. Jogando a cabeça para trás, ele esvaziou o copo.

— Falando nela, preciso mesmo ir para casa.

Casa? Corri para Bob, abanando o rabo. É! VAMOS EMBORA!

Jogando a cabeça para trás, ela esvaziou o copo.

— Claro, certo, que seja. Tolice da minha parte. No que eu estava pensando? Será que ganho um beijinho de aniversário antes de você ir embora? Vou estar completamente sozinha amanhã.

— Não vejo mal nisso, suponho.

Bob direcionou os lábios para a bochecha da mulher, mas ,a fulana o enlaçou pelo pescoço e colou a boca na dele.

— Opa, calma aí!

— O que há de errado?

Isso foi muito mais que um beijinho

— Por acaso você não gostou?

— O beijo... esqueça o beijo. Valerie, você sabe que estou seriamente envolvido com alguém.

— Sim. Mas você a ama?

— De fato, sim. Muito.

A mulher desabou sobre uma cadeira e apoiou a cabeça nas mãos.

— Como uma boba, pensei que havia algo muito especial acontecendo entre nós. Você parecia tão interessado em mim.

Bob deu-lhe um tapinha nas costas, como costumava fazer comigo depois que eu deixava um "depósito" substancial na calçada.

— Escute, Val, você é uma garota linda, com muito a oferecer. Quem não iria querer estar com você? Sinto muito. Não foi minha intenção incentivá-la, ou magoá-la, ou...

A mulher começou a gemer, como gata no cio. Naturalmente, em um segundo, Chloe estava ao lado da dona, deixando o osso para trás. Considerando a situação delicada, resolvi que não seria legal tomar o osso de volta.

Atendendo a pedidos, saímos sozinhos do apartamento e descemos correndo os seis andares, não parando até chegarmos à calçada.

— Uau, cena desagradável — disse Bob, arfando. — Ela me beijou. Nada de mais. Não retribuí o beijo. Bem, um pouco. Isto é, sou apenas humano. Certo?

A última vez que cheguei, ele era. Embora estivesse agindo de modo tão arredo quanto uma barata.

De qualquer modo, estávamos seguindo adiante quando a mãe de Chloe correu ao nosso encalço.

— Bob, espere! Você esqueceu sua carteira.

— Oh, droga. Deve ter caído do meu bolso. Obrigado.

Ela o segurou no braço.

— Espero que você perdoe meu comportamento imaturo. Costumo ficar um pouco esquisita antes de meu aniversário. Só quero que saiba que o acho o máximo. E se um dia romper com sua namorada, prometa me telefonar.

Depois de roçar os lábios nos dele, ela deu-lhe as costas e desapareceu.

A merda estava a ponto de bater no ventilador.

Capítulo XIV

Bob e eu a encontramos enrodilhada na cama. — Esgotada de tanto fazer

compras? Nenhuma reação.

Pulei na cama e me aconcheguei a ela. Nenhuma reação. Lambi-a nas faces. Salgadas.

— Miles e eu lhe trouxemos lindas rosas cor-de-rosa. Nenhuma reação.

— E algumas das primeiras cerejas da época. Nenhuma reação.

Gentilmente, Bob a tocou no ombro e tentou, em vão, virá-la.

— Você está bem? Amor, fale comigo.

Ainda nenhuma reação.

Enfim Jen ergueu a cabeça. Seus olhos estavam inchados e muito molhados.

— Você está dormindo com ela, não está?

— Do que você está falando?

— Eu o vi... essa tarde. Com aquela mulher. A expressão de Bob se anuviou.

— Droga! Não é o que você pensa. Eu tinha deixado minha carteira na casa dela, e Valerie, bem, ela estava me devolvendo, e...

— Por quê? Porque você a deixou cair no tapete enquanto transavam?

Eu sabia como era transar. Bob nem sequer chegara perto de montar naquela mulher.

— Você está totalmente equivocada, Jen. Nada aconteceu entre nós.

— Então que você estava fazendo no apartamento daquela mulher?

— Ela precisava de ajuda para instalar o sistema de som.

— Entendo...

Por um instante pensei que ela acreditara nele. Eu estava errado.

— Quão estúpida você acha que eu sou? Posso cheirar vinho no seu hálito. E quanto a esse batom na sua boca? Embora reconheça que a cor combina bastante com seu tom de pele. Canalha! Não posso crer que confiei em você!

Ela jogou-lhe um travesseiro. Minha deixa para escapulir para debaixo da cama, em busca de refúgio. Nunca a vira agir assim antes e fiquei apavorado.

— Por favor, acalme-se — ouvi Bob dizer, em um tom controlado. — E me escute.

Eles atiraram palavras um para o outro. A tensão tornou-se tão sufocante ao meu redor, que mal podia respirar.

Ouvi sons dos passos de Bob e a porta da frente bater. Devagar, rastejei para fora de meu esconderijo e pulei na cama, perto de Jen. O rosto dela estava enterrado no travesseiro. Agora que ela se metera em um buraco tão fundo, como EU poderia arrancá-la de lá?

O telefone tocou. A secretária eletrônica respondeu. Ninguém deixou mensagem. De novo e de novo. Mas não desta vez.

— Jen!

Reconheci imediatamente a voz de Bob.

— Por favor, atenda. É, ATENDA!

— Você está aí?

ELA ESTÁ BEM AQUI!, lati na esperança de que ele me ouvisse, e ela escutasse.

— Amor, por favor, fale comigo.

FALE COM ELE JÁ!

— Vamos esclarecer as coisas. Estou lhe dizendo, não há motivo para isso. Nenhum motivo. É absolutamente ridículo. Por favor, não faça assim conosco...

Não faça assim comigo, pensei. Egoistamente.

— Estou ao celular. Por favor, retorne a ligação.

Mas ela nunca retornou. Apenas permaneceu enrodilhada na cama, chorando.

Não muito tempo depois, o telefonou voltou a tocar.

— Sei que você está aí. Perguntei a Alberto. Você não saiu do apartamento em nenhum momento. Por que não nos encontramos em um território neutro e conversamos enquanto tomamos um drinque, ou algo semelhante? Calmamente. De cabeça fria. Estarei no Maré Alta, esperando. Por favor, venha. Eu te amo.

— Você, com certeza, provou seu amor essa tarde, não? — Jen gritou para o ar.

Ela levantou-se da cama. Foi ao banheiro. Olhou-se no espelho. Jogou água no rosto.

Assoou o nariz várias vezes. Regressou ao quarto. Vestiu um suéter largo. Cobriu os cabelos com um boné de beisebol, enterrando-o na cabeça de tal forma que mal se viam seus olhos.

Então ela apanhou a guia. Eu sabia o que isso significava, e nenhuma palavra foi necessária.

Eu quase podia ouvir sua mente trabalhando enquanto caminhávamos. E havia uma batalha rugindo lá dentro. A cada passo à frente, ela dava dois atrás. Porém, de repente, atravessou a rua e começou a andar mais depressa. Mais depressa e mais depressa, até que eu quase não conseguia acompanhá-la. Não me importei. Sabia que estávamos indo encontrar Bob.

De súbito, Jen parou.

— Que diabos estou fazendo?

Não era óbvio?

E então, sem mais nem menos, ela deu meia-volta e conduziu-me de volta para casa.

— Jen, Jen, meu amor. (bip). Quero que saiba que fiquei totalmente alto no Maré Alta.

(bip). Que tal a aliteração? Na verdade, alcoolizado seria melhor. Entendeu? Alto devido ao álcool, (bip). Suponho que você não tenha sido a única a se afogar em mágoas hoje. (bip-bip). Espere um segundo. Deixe-me corrigir essa declaração. São exatamente dois minutos depois da meia-noite. (bip-bip). Portanto, tecnicamente, não é mais hoje, hein? Ontem foi horrível, certo? Maldição, acho que a bateria do celular está acabando (bip-bip-bip!). Você nunca teve a intenção de vir até aqui, não é?...

apítulo XV

assim Bob, de malas nas mãos, estava prestes a atravessar a soleira da porta. Eu

Esimplesmente não conseguia entender.

— Não, parceiro, você tem que ficar aqui e tomar conta de Jen. Não sei quando, ou se, voltarei.

Cada vez que eu ouvia alguém no hall, esperava que fosse ele.

Não era.

Cada vez que eu ouvia o elevador esperava que fosse ele.

Não era.

Cada vez que passeávamos na rua, esperava vê-lo.

Não via.

Jen vagava pelo apartamento. Eu vagava pelo apartamento.

Ela fitava fixamente o computador. Eu a olhava fitando o computador.

Ela assistia muito a tevê. Eu a observava assistindo muito a tevê.

Comida a interessava pouco. Comida me interessava pouco. E, acredite-me, vindo de nós

dois, era um péssimo sinal.

Mas então comecei a pensar. Se eu não tivesse encontrado Chloe, Bob não teria encontrado aquela mulher. E, se ele não tivesse encontrado aquela mulher, Jen não o teria feito partir.

E nossa matilha estaria reunida, como deveria.

Como poderia eu, um dia, transformar o que estava errado em novamente certo?

Capítulo XVI

ophia, de alguma maneira, convenceu Jen a encontrá-la para o *brunch* em um café ao ar livre. Essa fora a melhor notícia que eu tivera em dias, principalmente porque o convite me incluía também.

— Pobrezinha, você está com um aspecto horrível — disse Sophia, ao ver a amiga.

Os cabelos de Jen estavam desgrehados, o rosto pálido e encovado, como se houvessem lhe chupado todo o ar. As pálpebras caídas, como as de um basset. Mas, não. Talvez ela não estivesse em sua melhor forma, todavia estava longe de parecer horrível.

— Miles — perguntou Sophia —, você não tem tomado conta de sua mamãe?

Eu estivera tentando, porém não era fácil. Embora odiasse admitir, um cachorro tem seus limites.

— Boa tarde, senhoras — cumprimentou o garçom. — E elegante cavalheiro.

Eu sabia que o peste tentava ser simpático, contudo não me lembrava de haver lhe dado permissão para se dirigir a mim.

CAI FORA, rosnei.

Jen balançou o dedo, avisando-me para me comportar.

Sophia riu.

— É, seja gentil com nosso atraente garçom. — A mensagem era clara: não morda a mão de quem pode alimentá-lo.

— Também tenho um lulu irascível, igualzinho a esse, em casa — falou o homem, agora perto demais.

E ESTOU SÓ COMEÇANDO!

— Miles, o que eu lhe disse?

Todo inocente, bati as pestanas. Ok, então os cachorros não são conhecidos, exatamente, pela capacidade de prestar atenção por longos períodos.

— Vocês já tiveram tempo de consultar o cardápio?

— Com certeza queremos dois Mimosas* — afirmou Sophia. — Também gostaria de Ovos Benedict, acompanhados de lingüiça e batatas fritas. Não me olhe assim, Jen. Pretendo me livrar de todas essas calorias mais tarde. Se é que me entende.

Jen sacudiu a cabeça.

— *Você é uma peça, Soph Bem, vou querer omelete de claras e vegetais. Com azeite, não manteiga, por favor. E sem torradas, por favor. Ou batatas. E um café au lait. Leite desnatado, por favor. Bem, bem clarinho.*

* Drinque feito de champanhe e suco de laranja (N. da T.).

— Em outras palavras, ela quer uma "pitada" de café no leite.

— Entendi. — O garçom rabiscou algo no papel.

— Desculpe-me o trabalho.

— Sem problema. Isto é Nova York. Todo mundo está sempre fazendo dieta. Voltarei já com os drinques.

— Obrigada — as mulheres responderam em uníssono.

Com o garçom, finalmente, havendo largado da minha pata, tive tempo de me concentrar em outras coisas. Em especial, atormentar quaisquer cachorros que se ativessem a passar junto de nossa mesa. A maioria tinha o bom senso de não se meter comigo. Outros não eram tão inteligentes assim. Em particular um labrador negro e barulhento. Não me restou outra

escolha senão dar-lhe uma lição. O grandalhão covarde e choroso voltou correndo para seu dono provando, mais uma vez, que tamanho não é documento.

Então espiei uma cadela bastante familiar, rebolando pela rua afora. Meu estômago se contraiu.

— Oh, não. Jen gemeu.

— Qual é o problema?

— É aquela mulher.

— Que mulher? Oh, merda, *aquela* mulher. Onde está ela?

— Por favor, tente disfarçar — sussurrou Jen. — Está vendo aquela loura de pernas compridas, na esquina?

— Com a dachshund?

— Hum-hum.

— Não esperava que ela fosse tão... bem...

— Eu sei. Estonteante.

— Dê-lhe mais alguns anos. Logo estará enrugada feito um maracujá, com as tetas, agora empinadas, passando do umbigo.

O esboço de um sorriso ergueu os cantos da boca de Jen, e ela deixou escapar um risinho.

Apenas para abafá-lo.

— Ainda não consigo acreditar em tudo o que aconteceu. Lá estava eu, absorvida no divórcio dele, preocupando-me sobre quando os papéis seriam assinados. Preocupando-me sobre quando tudo finalmente chegaria ao fim. Tentando apoiá-lo enquanto tentava manter minha cabeça acima d'água. Confiando nele.

Sophia abaixou-se e me olhou bem nos olhos.

— Bem, sr. Miles, você estava lá com Bob. Por que não nos conta o que houve entre ele e aquela mulher?

Eu o faria, se pudesse. Mas não posso. Mesma velha história. Dia diferente.

— Talvez Bob realmente estivesse falando a verdade.

— Já não sei mais o que pensar, Soph. É tão estranho não tê-lo em minha vida...

V-a-z-i-o foi a palavra que veio a minha mente canina.

— ...Talvez você tenha razão. Talvez uma mudança de ares me ajude a clarear as idéias.

Talvez sirva para clarear minhas idéias e me permita pensar racionalmente, em vez de emocionalmente...

— Então você virá comigo?

— Sim. Eu adoraria.

— Há apenas um pequeno problema. Não são permitidos cães.

Agucei os ouvidos.

— Droga. O que faço agora?

— Vamos pensar a respeito. Temos Jason, o cara gay que limpa meu apartamento.

— Ele toma conta de seu gato quando você se ausenta por longos períodos, não?

— Sim. Ele também cuida do cachorro do meu chefe. Posso perguntar-lhe se estará disponível no próximo fim de semana.

— Quanto ele cobra?

— Sessenta, setenta dólares por dia.

— Fora do meu alcance. Além do mais, tenho que me preocupar com a questão de responsabilidade. Miles não é exatamente confiável no que diz respeito a estranhos invadindo seu território.

Com muitos bons motivos, pensei.

— E a clínica do veterinário? Eles devem oferecer alojamento.

- Acho que sim. Porém, para ser sincera... — Jen abaixou a voz, como se não quisesse que eu ouvisse o que iria dizer. — Tenho medo de como Miles reagiria. Pode ficar traumatizado,

sozinho em uma gaiola por três noites. Ele está acostumado a dormir na minha cama, debaixo das cobertas. Acostumado a correr pelo apartamento. Não quero que pense que sua mamãe o abandonou. O rompimento já foi difícil o suficiente para ele.

De repente, desejei ser surdo, além de mudo.

— Para alguém que nunca teve um cachorro antes, não demorou muito para você se transformar em uma neurótica apaixonada por animais. Bem-vinda ao clube, gracinha.

— Então — falou Jen, dando um tapinha no alto da minha cabeça. — Parece que você e eu ficaremos em casa no feriado do Memorial Day.

Certamente eu não tinha problema algum com isso.

— Bem, existe uma outra opção...

— Sophia, conheço-a tempo suficiente para ler seus pensamentos. Não vou lá.

Ir aonde, imaginei. Ótimo. Mais uma coisa com a qual me preocupar.

— Não seja uma anta obstinada. Você e Bob adotaram esse cachorro juntos, como um casal...

Um fato que Jen, convenientemente, parecia haver esquecido.

— ...portanto, de certo modo, as responsabilidades são partilhadas. Além do mais, você mesma me contou que ele adora Miles.

— É verdade.

— Sem dúvida Bob estará mais do que disposto a...

— Ei — interrompeu-a Jen. — O que a faz pensar que ele iria aceitá-lo?

— Queridinha, confie em mim. Algo me diz que Bob agarraria a oportunidade com ambas as mãos.

Capítulo XVII

Quando o vi aguardando no saguão, quase arranquei o braço de Jen. Ela largou minha guia e Qpulei no colo de Bob. Tantos beijos, tanto tempo perdido.

— Depois de todas essas semanas, tive medo de que você

houvesse se esquecido completamente de mim, parceiro.

Dê ao cachorro um pouco de crédito! Quando amamos alguém, nunca nos afastamos.

Diferentemente de outra, às vezes menos inteligente, espécie que eu conhecia.

Falando da qual... Minha dona ficou lá. Inquieta. Até finalmente murmurar um débil "olá."

— Olá — disse Bob. — E bom vê-la, Jen.

— Ah... bem... hum... aqui está a comida de Miles, alguns de seus brinquedos e um osso de couro.

Notei quão astuciosamente ela evitou estabelecer contato visual ao lhe entregar a sacola.

Estendeu o braço o mais longe possível do corpo, como se Bob sofresse de um caso sério de sarna.

— Agradeço-o por aceitar cuidar de Miles, atendendo ao meu pedido tão em cima da hora.

— Fico feliz em ajudar. De verdade, sempre que precisar. Jen hesitou, então virou-se para sair.

— Tenho que pegar o trem.

— Posso deixá-la em algum lugar?

— Não, está tudo ok. Obrigada.

O que havia de errado com ela? Não estava nada Ok! Bob hesitou, então virou-se para sair.

— Parei o carro em fila dupla. É melhor eu ir. Jen hesitou uma vez mais.

— É, eu também.

As palavras saíam da boca deles como enormes blocos de gelo. Derreter a parede que se erguera entre os dois seria muito mais difícil do que eu jamais imaginara.

Bob estacionou rente à calçada, tocou a buzina e uma dachshund de pêlo longo acompanhada de uma mulher de cabelos longos correram para o carro.

— Oi, Miles — ela falou, pondo a cabeça na janela. Seria uma piada?

— Você se lembra de mim?

COM OS DIABOS, SIM! NOSSA MATTLHA AINDA ESTARIA REUNIDA, SE NÃO FOSSE VOCÊ!

Recusei-me a permitir que ela, ou sua cadela, chegassem perto e muito menos que *entrassem* em nosso carro. Bob, evidentemente, perdera o bom senso humano, portanto, cabia a mim assumir o controle da situação.

— Esse comportamento é inaceitável — disse ele, frustrado.

O SEU TAMBÉM!

Nunca eu havia rosnado para ele antes, porém estava tão aflito que não conseguia pensar direito.

E, com isso, Bob me tirou do assento da frente, de dentro do carro, e, para meu horror, convidou aquela mulher e Chloe para tomarem meu lugar! Não podia acreditar no que acabara de acontecer. Será que ele ia me abandonar bem ali, na calçada?

Felizmente, não. Mas, ainda pior, fui obrigado a partilhar nosso carro com *elas*. Empoleirei-me no colo de Bob, dando as costas às duas. Pensei que, se as ignorasse, talvez desaparecessem.

E, em vez disso, Jen estaria sentada ao meu lado.

O trânsito estava pesado. O que significava, basicamente, parar, andar, ir em frente aos trancos e barrancos, tão rápido quanto um cachorro constipado é capaz de defecar. Entretanto, não me incomodei. Havia muita coisa com o que me distrair olhando pela janela. O mesmo não aconteceu com Chloe. Ela vomitou sobre a calça branca da dona. Duas vezes. Aquela mulher — na falta de opção — teve que usar jornal para limpar a sujeira. Isto é que chamo de humor canino!

Mal cruzamos o "túnel do centro" (uma experiência que testou meus nervos), rastejamos até um prédio baixo, que cortava toda a rua. Um sujeito esquisito meteu a cabeça para fora da porta e estendeu a mão. Se Bob não houvesse me contido, o merdinha imbecil teria levado uma

mordida.

Pelo visto, não é educado atacar o "coletor de pedágio", e sim lhe dar seu dinheiro.

Humanos. Vá entender.

O trânsito, enquanto isso, não desafogara nem um pouco. Na realidade, estava paralisado agora. Provavelmente se eu saísse e desse uma mijadinha, quando retornasse, o carro estaria no mesmo lugar. Em vez de ouvir os humanos resmungarem e gemerem, segui o exemplo de Chloe e cochilei.

Ao acordar, as coisas tinham melhorado. Árvores, não prédios, margeavam a estrada. E, ainda melhor, havia muito mais espaço entre os carros. Podíamos andar em uma boa velocidade.

Bob baixou a janela. Pus a cabeça para fora, franzi o focinho e suguei o ar. Quanto mais depressa ele dirigia, mais aromas flutuavam na minha direção. Estava me divertindo muito até alcançarmos outro congestionamento. Ou seja, ninguém iria a lugar algum tão cedo. Como disse Bob:

— Bem-vindo aos Hamptons.

— Chloe, Miles, acordem! — a mulher gritou. — Chegamos em Southampton.

Chloe, a tola estúpida, começou a latir. Sentei-me de chofre. Pisquei os olhos. Tentei me recompor. Uma coisa estava clara, já não estávamos na cidade de Nova York.

As calçadas. As vitrines. As construções pequenas e atarracadas. Nada me parecia familiar.

Não vi um só ônibus ou caminhão expelindo gases.

Nada de buzinas tocando. Nada de sirenes berrando.

O ar tinha um cheiro limpo, fresco, e um sabor salgado.

As pessoas, cães inclusive, passeavam preguiçosamente. Relaxados, não irritados. Muitos deles sorriam!

Tudo parecia tão... antinatural.

— O que está achando de Southampton? — Bob me perguntou. — Bonita, hein?

Talvez, mas o lugar ainda causava arrepios a este cão urbano.

— Onde devo ir agora, Val?

De volta para o lugar ao qual pertencemos, pensei.

— Vire à direita aqui, na travessa Jobs, e então siga em frente...

Para Upper East Side.

— ...na segunda placa, dobre à direita. O chalé de meus pais fica à esquerda, quase no fim da rua.

— Perto do mar?

Na realidade, a menos de oitocentos metros.

— Sorte sua.

— Meus avós compraram a propriedade muitos anos atrás, quando o mercado imobiliário não era tão insano quanto hoje. Chegamos, entre aqui.

Eu podia escutar o ruído da terra debaixo de nós — pop-pop-pop. Lembrava-me alguém mastigando um punhado de ração. Arbustos floridos gigantesco ladeavam o caminho estreito.

E lá na frente, bem no meio do gramado, erguia-se uma construção de ótimo tamanho, acolhedora, como se estivesse nos dando as boas-vindas.

— Val, você chama isso de chalé? Ela riu.

— Comparado com as mansões ao redor, sim.

O carro parou, e todos desceram apressados. Exceto eu. Apesar da insistência de Bob, de que o "campo" era seguro, discordava. Afinal, iríamos ficar com aquela mulher. Ela trazia a palavra "problema" estampada no rosto de expressão esnobe.

Teria me contentado em permanecer exatamente onde estava, se, de fato, não precisasse urinar. Bob deve ter lido minha mente. Gentil, tirou-me do banco dianteiro e me colocou sobre o gramado. O qual agüei no mesmo instante. Ou melhor, ensopei.

Chloe avançou e, brincalhona, inclinou-se diante de mim. Como não estava disposto a fazer papel de bobo, agindo como um palerma covarde, aceitei o convite. E, como nos velhos tempos, começamos a nos perseguir mutuamente. Em círculos e em círculos e em círculos. Rolando na grama. Pulando em cima um do outro.

Até que um esquilo peludo e gordo chamou minha atenção. Apoiado nas patas traseiras, as bochechas estufadas, tagarelava sem parar.

QUEM DIABOS VOCÊ PENSA QUE É?

Chispei, mas o bostinha trepou em uma árvore e, por mais alto que eu latisse, negou-se a descer.

— Mal acabou de chegar aqui — disse Bob, rindo —, e você já está aterrorizando os nativos. Vamos, valentão. Preciso levar a bagagem para dentro da casa.

Você não vê que estou ocupado?

— Vamos. Agora.

Continuei ali, recusando-me a sair.

— QUE FOI QUE EU DISSE?

Mais nenhuma palavra foi necessária. A caçada terminara.

Tão logo cruzamos a soleira da porta, Chloe retomou a velha rotina. Como se houvesse se esquecido completamente de que, minutos atrás, estiváramos brincando. E nos sentáramos juntos em um carro por muito mais tempo. Como se todo esse drama já não me irritasse o bastante, fomos obrigados a seguir aquela mulher por um *tour* pela casa. Bob agia como se estivesse interessado, porém eu o conhecia tanto quanto a mim mesmo.

Garanto-lhe: não estava.

— Seu quarto fica neste corredor — falou a mulher. — É um dos meus favoritos. Tem uma linda vista para a piscina e o jardim. Estarei algumas portas adiante, se precisar de qualquer coisa. Ou se acordar com medo no meio da noite.

Bob me deu um tapinha nas costas. De um jeito másculo.

— Não quando tenho um confiável cão de guarda ao meu lado. Além do mais, duvido que seus pais apreciariam amassos sob esse teto.

— Bem, isso não será problema. Mamãe e papai mudaram os planos na última hora e não virão este fim de semana.

— Quer dizer que não teremos companhia?

— Não se preocupe. Sua virtude não ficará comprometida. — E então ela sorriu um sorriso no qual eu não confiaria enquanto possuísse forças para abanar o rabo. — Não tentarei nada indecoroso.

Não se dependesse de mim. Não mesmo.

A cadela disparou na frente. Orelhas e pêlo flutuando na brisa. Bostinha exibida.

Permaneci imóvel, a cabeça praticamente enfiada no traseiro.

— Ele nunca esteve na praia antes — explicou Bob.

— É só areia, Miles — disse a mulher.

Assim como você é uma pedra no meu sapato, pensei.

Porém, com Bob gentilmente me incentivando, enfim arrisquei alguns passos. Minhas pernas pareceram afundar no chão. Se mal conseguia me sustentar, como poderia andar? Notei que Chloe, mais uma vez, estava com a vantagem. Pois iria tolerar que essa bola de pêlo estúpida me humilhasse? De jeito nenhum! Arreganhei as patas, distendendo a membrana ao máximo para me firmar, e dei um passo minúsculo. Então outro. E outro. E outro. A areia escorregou entre meus dedos. Fresca. Macia. Fazendo cócegas. Tão logo me convenci de que a terra não me engoliria, comecei a trotar mais depressa, então mais depressa ainda, até me lançar em uma correria desabalada. O vento uivava em meus ouvidos. Uma película tênue e salgada cobriu meu focinho. Quando dei por mim, não só havia alcançado minha adversária, como a deixara muito para trás.

ADIVINHA QUEM RI POR ÚLTIMO AGORA?

— Ei, ligeirinho, espere por mim!

Detive-me, aguardando Bob.

— Eu sabia que assim que se acostumasse, você iria gostar da praia. É sensacional aqui, não?

Abanei o rabo, concordando.

— E o oceano — ele inspirou fundo. — Tem um cheiro fantástico.

Imagino que Bob se referia àquela massa de água a nossa frente, que se estendia até onde a vista de um cachorro podia enxergar. Ficamos na areia úmida, vendo as ondas se agruparem em feixes, desmoronarem, mortas de cansaço, e então, em uma explosão súbita de energia, precipitarem-se para a praia. Como se para nos arrebataram com suas garras espumantes. Bob e eu éramos astuciosos demais para permitir que tal coisa acontecesse.

O mesmo não se aplicava àquela mulher.

Ela ficou encharcada.

Mas, infelizmente, não foi arrastada pelas ondas.

Quando, enfim, ele se deitou naquela noite, ignorei-o.

— Ah, me poupe. Tive que levar Val para jantar.

Besteira, pensei. Uma desculpa ridícula para o abandono.

— Vamos. Você estava exausto após todo o exercício de hoje à tarde.

Ótimo. Aproveite-se de um cachorro quando ele está arriado.

— Além de tudo, achei que não se importaria. Então, sir, você me conhece menos do que pensa. Ele me aconchegou.

— Beijo?

Não.

Ele cocou minhas costas. Esfregou meu pescoço. Procurou, de verdade, me bajular.

— Por que você ainda está com tanta raiva?

Fitei-o fixamente. Seria Bob, um dia, capaz de entender que havia algo realmente errado com essa cena? Ele e eu deitados nesta cama. Neste quarto estranho. Nesta casa estranha. Sozinhos. Sem ela.

E então, como se, finalmente, lendo meus pensamentos, Bob falou:

— É esquisito para você estar aqui sem Jen, não é?

Lambi-o no rosto. Assim ele soube que eu sabia. Era sim.

Capítulo XVIII

Bob ergueu a cabeça do travesseiro, espiou pela janela aberta e fechou-a.

— Sirenes e alarmes de carros nunca nos incomodaram na cidade, mas basta um bando de pássaros hiperativos para nos arrancar de um sono profundo — ele comentou, com um muxoxo.

Suspirei e rastejei para debaixo das cobertas. Quando algo, ou alguém, se intromete entre mim e meu sono reparador, não acho graça nenhuma. Virei-me para me aconchegar ao corpo quente de Jen, em busca de conforto. Então lembrei-me de que ela não estava ali.

Nenhum de nós dois conseguiu voltar a dormir.

— Merda. Vamos dar uma corrida. — Ele vestiu short e camiseta.

Ouvi Chloe latir baixinho de um quarto no fim do corredor enquanto descíamos a escada na ponta dos pés e saíamos pela porta da frente.

A praia ficava a poucos metros da casa e estava completamente deserta. Bob despreendeu minha guia no momento em que chegamos à areia, e ambos disparamos.

Se o odor do oceano fora forte ontem à tarde, acentuara-se ainda mais agora, sob a névoa matinal.

E ao longo da orla a areia estava entulhada de toda sorte de gostosuras. O que significava paradas freqüentes para marcar como meu todo e qualquer item particularmente fedorento. Na

realidade, estava a ponto de rolar sobre os restos de um peixe quando vi um senhor

manquejando na nossa direção, furiosamente sacudindo os braços no ar.

— Ei, um momento! Um momento!

Arremessei-me contra o intruso, porém Bob me segurou antes que eu pudesse dar uma mordidela no tornozelo do velhote.

— Você não leu aquelas placas?

— Placas?

— Esta área é uma reserva ambiental para maçaricos-de-bico-torto. — Um dos dedos rugosos apontava de lá para cá.

— Maçaricos-de-bico-torto?

Que diabos seria isso, perguntei-me.

— Malditos veranistas — o velho resmungou. — Não sabem nada a respeito de nada.

Maçaricos-de-bico-torto são aves costeiras em extinção. E não podemos ter esses malditos cães perturbando o lugar onde se reproduzem.

— Sinto muito, senhor. Foi um descuido de minha parte.

— Se eu pegar seu animal sem guia outra vez, não terei outra escolha a não ser denunciá-lo à Secretaria do Meio-ambiente.

O 'animal', enquanto isso, desejava ardentemente permissão para cuidar do velhote de uma vez por todas. Mas o animal não conseguiu o que queria.

Quando entramos na cozinha, aquela mulher estava sentada à mesa, bebericando de uma xícara. Chloe empoleirada em seu colo.

— Ora, bom dia.

Correção: estava bom até eu ver ambas.

— Vocês levantaram cedo.

— É — concordou Bob. — Como você conseguiu dormir com o barulho dos pássaros?

— Depois de todos esses anos, a gente se acostuma.

— Falando em pássaros, tive um desentendimento na praia, com um dos moradores locais.

— Por acaso ele usava meias pretas, bermuda branca e óculos com as hastes coladas com fita adesiva? Gritou com você sobre os maçaricos-de-bico-torto?

Bob assentiu.

— Ellsworth Brown, *Neto*. Dinheiro antigo. Um maluco! Berra com todo mundo. Com ou sem cachorros. Acho que não tem nada melhor para fazer com a própria vida.

— Não seja tão crítica, talvez ele tenha se excedido nos modos, mas o velho Ellsworth está certo. Eu nunca havia percebido como são muitas as espécies ameaçadas de extinção. Jen costumava realizar um trabalho voluntário para o Sierra Club e...

— Se não se importar — ela o interrompeu —, não estou nem um pouco interessada em saber o que sua ex-namorada costumava fazer.

Passamos a tarde à beira da piscina, a qual, na minha opinião, não era nada além de uma banheira grande. E tão pouco convidativa quanto.

Aquela mulher, cujas tetas pareciam a ponto de saltar do top a qualquer instante, estava estirada, lendo um livro. Chloe, enrodilhada sob a espreguiçadeira, roía um de seus mordedores. Bob, sentado defronte das duas, debruçava-se sobre um jornal. Quanto a mim, instalei-me em um lugarzinho entre as pernas dele, com o sol batendo nas minhas costas.

A exceção dos sons das árvores farfalhando ao vento, do gorjeio dos pássaros e do barulho distante de algum avião ocasional voando lá em cima, tudo era quietude. Na realidade, eu estava a ponto de cochilar quando Bob levantou-se, decidido a dar um mergulho. Segui-o até a piscina. Ele meteu um pé na água e a espalhou ao redor.

— Não está muito fria? — indagou a mulher.

— Não. Gostosa e morna.

E assim, sem mais nem menos, ele pulou. Encharcando-me no processo. Não sendo eu o

tipo de perder oportunidades, corri até aquela mulher e sacudi o excesso. Ela guinchou quando as gotas atingiram sua pele nua. Imagino que não teria apreciado meu gesto. Não que este cão tivesse a intenção de agradá-la. Voltando à piscina, observei Bob deslizar pela água. Braços movendo-se acima da cabeça, pés agitando-se atrás. Ao chegar à parede, contudo, ele desapareceu sob a superfície. Eu estava à beira de ter um ataque, quando o vi emergir e começar a fazer o percurso inverso. Bob repetiu a rotina, para lá e para cá, tantas vezes que perdi a conta. O que me levou a crer que, definitivamente, o cara possuía algum sangue de cão português nas veias.

Então, ouvi a pergunta fatal.

— Que tal entrar, parceiro?

Ah, obrigado, mas não.

Porém Bob, claro, já havia resolvido. Carregou-me — agarrado a ele como um filhotinho à teta da mãe —, direto para dentro d'água.

— Está vendo? Não é assim tão ruim, certo?

Evidentemente sua opinião, não a minha.

Bob me desgrudou de si e afastou-se, para que eu pudesse nadar.

Tradução: afundar feito uma pedra.

Todavia, para meu completo espanto, minhas pernas dianteiras e traseiras sabiam exatamente o que fazer e me empurraram, através da água, direto para os braços abertos de Bob. Ele ficou muito impressionado.

Aparentemente, meu estilo cachorrinho agradou. Fazia sentido, considerando o óbvio.

Bob e aquela mulher decidiram "grelhar" ao ar livre. De algum modo, concluí que o plano envolvia consumo de comida, portanto, uma boa idéia.

— Que tal cachorro-quente além de hambúrguer? — ela perguntou, segurando um garfo muito grande e muito afiado enquanto me olhava bem nos olhos.

Quase engoli a língua. Deveria correr? Deveria me esconder? Eu sabia que a anta ficara irritada porque eu havia mordido Chloe na coxa. Mas não tivera alternativa. A cadela tentara roubar *minha* comida, do *meu* prato. Fizera por merecer.

Bob apanhou outra garrafa de cerveja.

— Não me lembro quando foi a última vez que comi cachorro-quente.

Será que eu escutara direito? Como podia Bob — o homem que supostamente me amava —, mesmo que de brincadeira, falar em servir seu suposto melhor amigo como prato principal?

A mulher colocou um troço comprido e grosso, que mais parecia meu pinto — embora não cheirasse absolutamente como tal — em um espeto.

— Um cachorro-quente saindo para o cavalheiro de camisa havaiana.

Acho que a educação de um cachorro nunca tem fim.

Passos no corredor. Passos familiares. Odores familiares.

A porta foi aberta devagar. De soslaio, observei-a, na ponta dos pés, entrar em nosso quarto pouco iluminado, a cadela em seus calcanhares.

O QUE VOCÊ QUER?

— Bob — ela sussurrou. — Você está acordado?

Ele se mexeu. Roncou. Murmurou alguma coisa que não fui capaz de entender.

Ela se inclinou, estendendo a mão em direção ao ombro dele. Um movimento inaceitável.

Rosnei. Chloe rosnou de volta. Então enfrentei a parada e pus-me a latir alto. A disputa de poder, claro, acordou Bob. Ele se sentou tão de repente, que quase me jogou para fora da cama.

— Valerie? Algo errado?

Fuzilei aquela mulher com o olhar. *Ela* era o que estava errado ali.

— Não, não. Estava apenas pensando em você e me perguntando se...

Ela despiu o robe e ficou lá parada, o luar ressaltando suas tetas brancas. Diferentemente de Jen, quase não havia pêlos entre suas coxas.

— ...se você não gostaria de companhia. Por um instante, Bob perdeu o fôlego.

— Eu, ah, puxa, não tenho certeza sobre o que dizer. Por que ele não podia mandá-la sumir e pronto? Onde estavam suas bolas? Diferentemente de mim, eu sabia que Bob ainda possuía um par.

— Talvez você não goste do que vê.

— Não. Isto é, sim, gosto. Gosto muito. Demais. Você é... você é linda.

— Uma sugestão. Por que não me meto sob as cobertas e improvisamos?

Ela ergueu a ponta do cobertor. Avancei, para afastá-la.

— Miles, você tem que sossegar! Porém isso é tão errado...

Pois bem, receio que não haja outra alternativa. Assim um cachorro, com os melhores interesses do dono em mente, foi banido para o chão. Condenado a dividir o tapete com aquela dachshund traiçoeira. Enquanto Bob fazia o impensável, convidando, de livre e espontânea vontade, a inimiga para sua, ou melhor, nossa cama.

— Uau, sir — ouvi-a dizer com um risinho. — Pelo menos uma parte sua está bastante feliz de me ver.

Aquela mulher se aconchegou a ele. Isso era quase doloroso demais de assistir. Ninguém, exceto Jen, devia tocar, quanto mais pôr a boca, em Bob. Olhei para Chloe. Ela me olhou. Tive a impressão de que tampouco estava satisfeita com o arranjo. Ambos suspiramos, unidos em nossas misérias, e desabamos no chão. Para esperar. E esperar. Até que cessassem todos os gemidos, resfolegos e arquejos.

— Desculpe, Vai. Não creio que esteja escrito nas estrelas esta noite.

— Quer parar de se desculpar? Está tudo bem. De verdade. Não há pressa.

— Obrigado por ser tão compreensiva. Você é muito doce. Tão doce quanto um pit bull com hidrofobia, pensei.

— Tudo bem se eu dormir aqui com você? Antes dormir com uma centena de baratas!

— Deixe-me perguntar ao meu parceiro antes. — Bob debruçou-se na beirada da cama. — Vai e Chloe podem dormir conosco esta noite?

Sorte dele não ter o dom de ler minha mente!

— Miles diz que tudo bem.

Era em momentos como aqueles que a incapacidade de falar o que eu realmente pensava me enlouquecia de frustração.

Afastei-me o máximo possível daquela mulher e de Chloe, quase caindo da cama, sabendo que seria uma noite terrivelmente longa.

Conforme havia antecipado, pouco dormi. Como poderia, com um olho aberto?

Desnecessário dizer que estava com um humor de cão.

Assim, quando Bob começou a rolar na cama com aquela mulher logo cedo, o dedão dela invadiu meu espaço e, "acidentalmente," entrou na minha boca. Fui criticado. Mas valeu a pena.

Resultado: lá estava eu, desta vez sem Chloe, de volta ao tapete. Obrigado a esperar enquanto o colchão rangia mais alto e mais alto. Preocupe-me, achando que a cama iria desabar em cima de mim a qualquer instante.

— Mais força! Mais depressa! — ela finalmente gritou.

- OH-SIM-OH-SIM-SIIIIIM!

Segundos depois, escutei o rugido animalesco de meu dono.

Julgando a partir de experiências prévias, a temporada de acasalamento provavelmente acabara. Pulei na cama. De propósito, pisoteei a barriga daquela mulher, enfiei meu traseiro no seu nariz e deslizei para perto de Bob. Cheirei-lhe o rosto. Lambi sua bochecha. Cheiro errado. Gosto errado. Perguntei-me se uma chuveirada poderia, um dia, lavar a merda na qual ele se metera.

Estava nublado e frio lá fora, por conseguinte, não era um "dia de praia". Eu não conseguia entender o que uma coisa tinha a ver com a outra, mas que remédio?

Aquela mulher decidiu que seria divertido dar um passeio. Fazer algumas compras. Parar para almoçar. Não encontrei problema algum com o programa, principalmente porque me incluía.

— Imagino que todo mundo teve a mesma idéia que a gente — Bob resmungou, enquanto nos arrastávamos pela estrada. — O trânsito está horrível.

Chloe latiu duas vezes, concordando.

— Estou começando a achar que sua cadela não gosta do jeito como eu guio.

— Bem, quanto a mim, não tenho reclamações. Horas atrás, você me guiou até a completa loucura com absoluta precisão.

Os dois riram, e fiquei com a sensação de que se houvesse compreendido a piada, não teria gostado.

Bem, após uma longa jornada, entramos em uma estrada larga, ladeada de prédios altos como árvores e grudadinhos. Os galhos quase se tocando, como se imersos em uma conversa profunda.

— Alguém vai sair daquela vaga ali! — guinchou a mulher.

Bob virou o volante, quase me derrubando do colo. E estava iniciando a manobra quando uma mulher, em um carro pequenino, roubou o espaço bem debaixo de seu nariz.

FILHA DA PUTA!

Ele se debruçou sobre a janela e gritou:

— Desculpe-me, mas o que pensa que está fazendo?

A mulher o ignorou totalmente. Fingiu que não estávamos ali. Nem mesmo eu, um reles cãozinho bobo, engoli o velho golpe. Todos nós a observamos descer do carro e saracotear para longe, a cabeça empinada como uma poodle esnobe.

— Talvez, afinal, não tenha sido uma idéia tão boa virmos para cá.

Bob falou que não permitiria que "uma peruva plastificada" arruinasse a tarde e continuou ali até localizar uma vaga. Isto é, até depois de quase se atracar com um homem em um carro de capota abaixada, cheio de garotas tagarelas e ossudas.

Tamanha irritação despertara o apetite de todos, e saímos em busca de um lugar para almoçar.

Todavia esse programa também requereu muito esforço, pois as calçadas estavam tão abarrotadas quanto as ruas. Quase todas as pessoas com que cruzamos falavam ao celular. E como cachorros comPETINDO por territórios, cada qual mais alto que a outra. E nenhuma, exatamente, prestando atenção por onde ia, devo acrescentar. Tentar evitar ser pisoteado revelou-se um trabalho em período integral para criaturas quadrúpedes do meu tamanho. E, como se já não bastasse, aquela mulher tinha que deixar sua marca em quase todas as lojas que via pela frente.

— Desculpe, Bob, sei que não deve ser divertido para você.

— Tudo bem. Mas claro, preferiria estar em casa, bebendo cerveja e assistindo aos jogos decisivos da NBA.

— Sério?

Ele remexeu nas moedas dentro do bolso.

— Não. — Correção: sim.

Quando achamos um café ao ar livre, todas as mesas estavam ocupadas. A mulher lamuriou-se sem cessar, insistindo em esperar, independente de por quanto tempo, porque a comida era tão deliciosa e era um ótimo local para "ver e ser visto", blablablá. Bob assentiu, como se houvesse escutado cada palavra. Porém eu sabia que não. Seu estômago eslava fazendo barulho demais.

Estávamos de pé, aguardando por vários minutos, quando uma lufada de vento soprou sob meu focinho, trazendo um aroma que eu conhecia tão bem quanto a palma da minha pata. Saltei

para frente, o que acarretou certa dificuldade, considerando a guia firmemente atada a minha coleira.

No princípio Bob não pôde entender por que eu latia e me comportava daquele jeito.

Até vê-la...

— Droga.

Não era a palavra que eu teria escolhido.

— Algum problema?

— É Jen. Jen está aqui, em East Hampton.

JEN! JEN! JEN! JEN!

— Você deve estar brincando.

— Quisera estar.

— Você sabia que ela estaria aqui?

— Não fazia a menor idéia.

Jen, que também me vira, rumou para nossa direção. Com Sophia a seu lado. Consegui soltar-me de Bob e corri para ela, que me tomou nos braços. Cobri-lhe o rosto de beijos ardentes.

— Ah... ei — disse Bob, esforçando-se, mas fracassando miseravelmente, para agir com naturalidade. — O que as garotas estão fazendo em East Hampton?

— Imagino que eu poderia lhe perguntar o mesmo.

Jen fuzilou aquela mulher com o olhar. Ela fuzilou Jen com o olhar. E Bob deu a impressão de que o chão se abria sob seus pés e o tragara.

Longe de ser o que os humanos chamam de uma "ocasião alegre".

— Costumo alugar uma casa para temporadas — Sophia informou. — E convidei Jen para o fim de semana prolongado. Ou nós deveríamos ter lhe pedido permissão?

A estocada seguiu-se um silêncio, tão ensurdecador que todos — inclusive este cão — acusaram

o golpe. Jen me devolveu a Bob.

— É melhor irmos antes de levarmos uma multa.

Seriam lágrimas em seus olhos?

Não vá, choraminguei.

Mas foi exatamente o que ela fez.

Sem mim.

Ela entrou em num carro.

Sem mim.

Vi Sophia sair da vaga e partir.

SEM MIM!

— A pior de todas as cenas! Esbarrar na sua ex.

— Sinto-me realmente péssimo...

— Ok — interrompeu aquela mulher, passando um braço ao redor da cintura de Bob. —

Não se preocupe comigo.

Tive a sensação de que ele não estava preocupado.

— Jen não precisava ter isso esfregado na cara.

— Por que não? Achei que estava tudo acabado entre vocês.

Não houve necessidade de Bob dizer uma só palavra. Eu sabia, exatamente, o que lhe passava pela cabeça.

— Está tudo acabado, não está?

Ele fitou o espaço, os pensamentos em outro lugar.

— Bob? Quer me responder, por favor.

— Desculpe. Sinto-me um pouco desorientado.

— Você ainda está apaixonado por ela, não está?

Meu dono hesitou e então disse "sim". Supunha que ainda estivesse apaixonado.

— Bem, não é maravilhoso! — resmungou aquela mulher.

Não esperamos mais por uma mesa.

Bob e eu tivemos a cama todinha para nós naquela noite. Na manhã seguinte, estávamos no carro, correndo de volta para a cidade. Só nós dois.

— Você estão atrasados — rosnou Jen, quando Bob e eu entramos no saguão.

Eu não podia entender por que ela parecia tão tensa.

— Desculpe. O tráfego na via expressa estava pesado.

— Não sei. Voltei de trem.

— Jen, escute, será que não podemos pôr um final nessa história? Sinto sua falta.

— E sentia minha falta quando estava na cama com ela?

— Por favor, Jen.

— Não se dê ao trabalho de se defender, porque não quero ouvir nada.

Bob suspirou fundo. Bateu a palma das mãos nas coxas. Deu de ombros. Desistindo totalmente. Isto não fazia nenhum sentido para um cachorro.

Ele acariciou minha cabeça.—

Vejo-o depois, parceiro.

Não era justo elevar minhas esperanças assim.

Ele caminhou na direção da porta. Lentamente. Como se protelando a partida, caso Jen tentasse impedi-lo de ir embora.

Cães perdoam e esquecem. Por que ela não?

Eles não sabiam que estavam destinados a ficar juntos?

Comigo.

No meio.

Na minha matilha.

Nossa matilha.

Como eu poderia descobrir um modo de endireitar o que ficara tão errado?

Capítulo XIX

Um cão tem de fazer o que um cão tem de fazer. Se sua dona quer abrir o coração, é seu dever canino escutá-la. Você não pode cochilar, ou roer seu osso. Você tem que lhe dar total atenção, independentemente de compreender o que ela está dizendo, ou da sua opinião sobre o assunto. Ou de quão frustrado se sente, porque seus beijos não lhe secam as lágrimas. Ou quando suas gracinhas já não a fazem rir como antes. Você tem que ficar sentado, de boca fechada, sabendo muito bem que ela é a única pessoa capaz de se desenterrar daquela pilha de merda sob a qual se enfocara.

Conversa sobre estresse! Quase além do que um reles vira-lata conseguia suportar. Assim, desnecessário dizer como fiquei animado quando Jen, enfim, declarou o fim da "semana oficial de luto" e expressou suas intenções de "retomar" a vida.

Mas ela não precisava se levantar tão cedo para isso!

A previsão do tempo para o dia inteiro era de chuva, e então vieram o aspirador de pó, o balde, as escovas, o esfregão e aqueles produtos de limpeza fedidos. Em seguida, ela rearrumou o quarto e então a sala. Na realidade várias vezes, até considerar-se satisfeita. Eu não entendia o motivo de tanta agitação, porém, do que sabia eu?

Ela vasculhou armários e gavetas, enchendo várias sacolas grandes com roupas, papéis, "sucata". Limpou a geladeira, jogando fora todo tipo de coisa que parecia a mim, um legítimo devorador de porcarias, perfeitamente boa para comer.

Aproveitei cada oportunidade para empurrar-lhe brinquedos. Cedendo às insinuações pouco sutis, ela os atirava longe, para que eu os apanhasse. Entretanto tais distrações não a levaram a diminuir o ritmo. De fato, ela trabalhou duro (com várias paradas para este cão ir ao banheiro) até tarde da noite.

Jen deitou-se na cama — agora do lado oposto do quarto, diga-se de passagem —, exausta, mas com um sorriso de contentamento.

— Sinto-me muito melhor.

Humanos. Vá entender.

Na tarde seguinte, depois de Jen se presentear com um corte de cabelos, manicure e pedicure, ela prometeu me levar para um longo passeio. O tempo não estava nem frio, nem quente demais. Ideal para uma visita ao parque. Ou assim pensei. Jen, todavia, tinha outros planos.

— Vamos caminhar ao longo do East River — ela anunciou, descendo, em vez de subir, o quarteirão.

Que tal não ir e falar que fomos, pensei, puxando-a com toda força possível na direção contrária.

— Por que você está sendo tão teimoso?

Olha quem está falando!

Porém, conforme o esperado, adivinha quem ganhou a queda-de-braço?

A única maneira de chegar ao tal rio era atravessando uma passarela. Uma calçada balançando perigosamente sobre a pista de alta velocidade.

Nem um pouco interessado em apreciar a paisagem, arrastei-a depressa para terra firme. Apenas para parar de supetão diante de uma via cheia de águas revoltas. Embora preferisse o oceano, tinha que admitir: trotar ao longo desse rio era a segunda melhor coisa.

Tudo estava indo muitíssimo bem, dentro dos conformes, até Jen resolver que visitaríamos o "parque dos cães". Não sabendo do que se tratava, não me opus. Mas bastou atravessarmos o portão para eu perceber que o lugar pululava de quadrúpedes psicóticos. De minha parte, não queria nada com nenhum deles. Não dava a mínima para o quanto, segundo Jen, estavam se "divertindo". Fazer papel de idiota na companhia de terceiros não era minha idéia de diversão.

Jen desprende a guia, mas não me mexi. Permaneci parado, ao lado dela.

— Você não quer brincar? Não.

— Não posso acreditar quão timidamente você está agindo. Longe de ser uma questão de timidez. Apenas supus que se ignorasse aqueles pestes, eles dariam no pé. Suposição errada!

O primeiro visitante indesejável foi um terrier escocês. (Galopando, abanando o rabo, ganindo.)

— Está vendo, Miles? Ela gosta de você.

Acontece que *ela* era um *ele* e eu não queria me aproximar daquele Bombril ambulante.

Vários outros cães pequenos se juntaram ao terrier. Nunca reajo bem à pressão.

Especialmente se exercida por meus pares.

Para trás, avisei-os, arreganhando os dentes e rosnando.

Porém não me entenderam.

Assim, fui obrigado a explicar-lhes.

Mordi um poodle micro na coxa (não rasguei a pele) e, supostamente, causei um "ataque de asma" em um pequinês. Um bando de pessoas furiosas nos cercou.

- Não toleramos comportamento agressivo em nosso parque de cães.

- Cachorros socialmente desajustados não são bem-vindos aqui.

- Esse cachorro é um brigão.

POR QUE TODOS VOCÊS NÃO BEIJAM MINHA BUNDA! Tive a sensação de que se Jen possuísse um rabo, este estaria realmente caído naquele momento. Quando a mim. Ganhei o dia.

Jen correu para atender ao telefone, quase tropeçando em mim no caminho.

— Mia! Olá, querida!... Não, acabei de entrar... Como foi Barcelona?

Ela sentou-se no sofá. Deitei-me ao seu lado, de pernas para o ar, na esperança de que me coçasse a barriga. Porém ela estava ocupada demais roendo as unhas.

— Parece maravilhoso... Ele fez isso? Uau.. Seu pai gasta dinheiro como se não existisse

amanhã... Não seja boba. Fico feliz que ele tenha bastante para partilhar com você...

A suave entonação da voz de Jen me ninou. Creio que não havia percebido quão exausto estava depois de nosso longo passeio.

— Marilyn veio?... É mesmo?... Sei que vocês precisavam passar algum tempo juntos...

Que foi que você disse? Você mudou seu vôo? De novo?... Oh, claro, entendo. Faz senti do...

Deixe-me anotar... Claro que vou buscá-la no aeroporto. O que você é, maluquinha?... Está bem, Mia... Claro... Ligue-me à noite, na véspera... Mal posso esperar para vê-la!...

Te amo, querida!

Jen desligou e começou a dançar pelo apartamento.

— Mia voltará de Londres na semana que vem — ela cantou. — Mia está vindo para casa!

Eu a ouvira mencionar aquele nome antes, muitas, muitas vezes. Mas, a pergunta permanecia. Quem era, exatamente, essa "Mia"?

Por que ela estava vindo para cá?

E o que eu — na posição de guardião da casa —, faria a respeito dela?

Capítulo XX

uvi Jen conversando com alguém no corredor. Uma voz feminina. Uma voz feminina e desconhecida. QUEM ESTÁ AÍ?

— Presumo que seja Miles.

— É um cão de guarda e tanto.

— Pensei que você houvesse dito que ele pesa apenas cinco quilos.

— É, mas se acha um rottweiler.

— Obviamente sofre de um caso sério de complexo de Napoleão.

— Parecido com seu pai.

— Seja gentil, mãe.

Escutei a chave girar na fechadura, o que me fez latir ainda mais alto. Jen latiu de volta.

— Chega de barulheira! Sou eu.

SIM, PORÉM QUEM É A OUTRA PESSOA? —Miles, shhh, fique quieto. Quero que você conheça Mia. Sua irmã.

— Ah, puxa, mãe. Você pode, por favor, dispensar essa bobagem de "irmã"? Caso não tenha notado, Miles é um C-A-C-H-O-R-R-O, e eu sou H-U-M-A-N-A. Não é geneticamente possível que sejamos parentes, quanto mais ambos termos saído de seu útero.

— Eu estava apenas falando metaforicamente, bobinha.

— Espero que sim, pois você estava começando a me assustar.

— Então permita-me recomeçar. — Jen uniu as mãos. — Miles?

Agucei os ouvidos. Hum?

— Gostaria de lhe apresentar minha filha, Mia. Filha? Mia? Eu ainda não compreendia.

— Olá, você, rapazinho. FIQUE LONGE DE MIM! A garota deu um pulo.

— Opa! Ele é incrivelmente engraçadinho, mas será que não é lunático? —Tradução: doido.

— De jeito nenhum — disse Jen em minha defesa. — Só é esquisito com pessoas que não conhece. Portanto, é melhor deixá-lo tomar as iniciativas.

Blablablá. Mesma velha história. Diferente dia.

— Ok, cara — a menina falou, sentando-se no tapete. —Faça do seu jeito.

Aproximei-me cauteloso e inspirei seu perfume. Ela não cheirava como Jen, entretanto, de algum modo, cheirava sim. Não se parecia com Jen, entretanto, de algum modo, parecia sim. Ambas tinham o mesmo olhar penetrante e o mesmo nariz delicado.

A textura dos cabelos — embora cor e comprimento fossem tão diferentes quanto a noite do dia —, era exatamente a MESma. A garota tinha a mesma boa postura de Jen. Tinha até a mesma mania de morder o lábio inferior. Definitivamente existia uma conexão entre as duas,

todavia eu ainda não estava certo sobre qual era.

Pus meu rosto perto do dela.

— Você não vai me morder, vai? Não. Cale a boca e fique quieta

Deslizei a língua pela bochecha dela, Essa garota tinha até o gosto de Jen.

E então, de repente, tudo fez sentido. Elas eram parte da mesma matilha.

— Mãe, o que você fez com seu quarto? Está completamente diferente.

— Lençóis novos, troquei os móveis de lugar. Eu precisava iniciar uma nova fase depois...

bem, você sabe.

— É uma pena que vocês terminaram. Bob era muito legal. Será que em algum momento você vai me contar o que houve?

Espertamente, Jen se esquivou de responder. Abraçou Mia apertado, dizendo:

— É tão bom tê-la em casa.

Observei-as desfrutar daquele instante de intimidade e desabei no chão. De súbito, pela primeira vez desde que ali chegara do Cafofo, sentia-me um intruso.

— Miles parece abatido, mãe.

— Provavelmente um pouco enciumado. — Virando-se para mim, completou: — Não se preocupe, lindinho. Você ainda é o homem número um da minha vida.

Estreitando os olhos, Mia fitou a mãe.

— Estou ficando com a distinta impressão de que você tem passado tempo demais com o cachorro.

No meu ponto de vista, não existia essa coisa de "tempo demais com o cachorro". E, por sorte, Jen partilhava da mesma opinião.

— Miles é uma companhia maravilhosa. Conto-lhe todos os meus problemas, minhas frustrações, minhas decepções, minhas esperanças e meus sonhos. Falo e falo enquanto ele fica sentado me ouvindo, nunca me julgando. É meu analista peludo.

— Ainda me soa muito esquisito, porém... — Mia abriu o Armário e começou a remexer nas roupas. — Chega com seu *homato*.

— Com o quê? — interrompeu-a Jen. — Português, por favor.

— Seu *homato*. Seu hiato de homens. Você tem que recomeçar a sair e namorar.

— Só de pensar fico enjoada.

— Oh, cresça e apareça.

Mia calçou um par de sapatos altos e desfilou diante do espelho, sem dúvida gostando do que via.

— Definitivamente vou querer esses sapatos emprestados,

— Assim como quis "emprestado" meu suéter de cashmere azul?

— Que seja. Não tente mudar de assunto. Você precisa viver a vida, mãe. E antes cedo do que tarde.

— Mas você acabou de voltar para casa e só temos o restante do verão para...

— Bem, não exatamente — interrompeu-a Mia.

— Como assim?

— Vou dividir um apartamento com Marisa. Fica na rua Thompson, superperto da universidade.

— Por que você não me falou a respeito antes?

— Porque depois do rompimento com Bob você dava a impressão de estar profundamente deprimida. Quis lhe dar tempo para se recuperar, porque sabia que iria ficar irritada quando escutasse a novidade.

— Pois estou decepcionada, sim. Aliás, muitíssimo obrigada por se preocupar em não me magoar. Primeiro Londres, agora isso.

O sorriso dela desaparecera. Mau sinal.

— Mãe, relaxe. Sério.

— O que seu pai pensa disso?

— Ele está tranqüilo.

— Será que um apartamento fora do campus não será mais caro que os dormitórios?

— Um pouco, porém papai não se importa. E a família de Marisa também tem muito dinheiro. Aluguel, com certeza, não será problema... Alô, mamãe! Onde está você? Responda por favor.

— Desculpe. Estou fora de mim. Desapontada.

— Por favor, não me venha com aquela desculpa judia de que a família deve ficar unida...

Você tem que saber soltar as amarras.

— Mas é difícil.

— Sou adulta agora, mãe. Não sou mais sua garotinha, caso não tenha percebido.

— Mia, querida, você sempre será minha garotinha.

E o quê, pensei, isso fazia exatamente de mim?

— Desculpe-me. — Mia bocejou, cobrindo a boca com a mão. — De repente não consigo manter os olhos abertos.

— Porque são três horas da manhã no seu fuso horário. Por que não vai para a cama?

Qual cama, perguntei-me. Será que ela ia dormir comigo e com Jen? Sim, mesma carne e mesmo sangue, porém seria pedir demais deste cachorro.

— E. Estou esfalfada.

— Você está o quê?

— Palavra britânica para "cansada", obviamente.

— Obviamente.

Desnecessário dizer quão aliviado me senti quando Mia se aninhou na outra cama. No quarto dela, não no nosso.

— Boa noite — disse Jen, cobrindo a filha. — Já lhe falei que a amo mais do que qualquer

outra coisa?

Minhas orelhas e meu rabo murcharam. Então, o que era eu? Ração de gato picadinha?

Na manhã seguinte, as duas sentaram-se à mesa, tagarelando. Rindo. Tomando o café-da-manhã. Como se eu absolutamente não existisse.

— Miles, o que você quer? — Jen perguntou, depois que recorri ao expediente de cutucar-lhe o pé.

Que tal atenção integral?

Como se nada acontecesse, tentei de novo.

— Por favor, não seja um chato.

Estava claro que ela não me atenderia, portanto, decidi focar a atenção em outro lugar. Até ser rudemente interrompido...

— Oh, meu Deus! Ele está fazendo o que eu acho que está?

Sim.

— Ele está... ah... você sabe...

— Oh, é nojento! Como você pode deixá-lo fazer isso?

— Mas o que vou dizer a ele? Pare de se masturbar, ou ficará cego?

Mia revirou os olhos.

— *Você é um tarado, Miles!*

Tarado, não. Um garanhão chutador de traseiros e lambedor de pinto, sim.

— A coisa dele é tão grossa e tão... maciça! E como se fosse algum tipo de deformação genética.

Jen cobriu a boca com a mão e sacudiu a cabeça.

— Fico feliz que você ache isso tão divertido, mãe.

— Você deveria ver a expressão de seu rosto... — Então ela explodiu em gargalhadas histéricas.

— Muito engraçado! Vou para o exterior, volto para casa e encontro uma mãe demente, desvairada, com seu cachorro demente, igualmente desvairado. Vocês dois realmente se merecem.

Mia pôs-se a rir com tanta intensidade, que lágrimas vieram-lhe aos olhos. Este cão, todavia, não gostava de que rissem a sua custa. Eu, e meu ego ferido, nos retiramos depressa.

A porta do quarto de Mia fora deixada convenientemente aberta. Escapuli lá para dentro. Para onde eu olhava, havia roupas. Dependuradas na cadeira. Jogadas sobre a escrivaninha. Empilhadas na cama. Espalhadas pelo chão. Acho que Mia, diferentemente da mãe, não acreditava no uso de gavetas e armários.

Meu focinho detectou uma calça com odor particularmente pungente. Sendo uma tentação grande demais para resistir, servi-me da delícia inesperada, perdendo por completo a noção do tempo. Porém, como já disse, não passo de um cachorro. E como somos.

— Miles! —Jen gritou da sala.

Olhei para os farrapos a minha frente e fugi da cena do meu crime.

— Onde você estava?

Fitei Jen com meu olhar vago, de cão estúpido. Em lugar nenhum.

— O que você estava fazendo? . Nada.

— Você se meteu em algo que não devia? Quem, eu?

— Sr. Miles, receio que a culpa esteja estampada na suacara.

— Ora, vamos, mãe. Como você pode saber? Porque a dama me conhecia como a palma da mão.

— Ele tem um péssimo hábito, gosta de roer...

— *Sapatos?* — Mia a interrompeu. — Papai acabou de me comprar um par de Jirmy Choos e...

— Confie em mim, querida. Ele não está interessado em calçados de grife.

No instante em que mãe e filha levantaram-se da mesa, a experiência me avisou para ficar quietinho. E quando escutei Mia gritar, soube ter tomado a decisão certa.

— Não consigo acreditar que ele roeu minha calça jeans!

— Miles tem predileção por coisas com um certo, bem, você sabe... sabor feminino.

— É doentio, mãe.

— Ei, desde quando você adotou esse hábito de sair sem calcinha?

— Eu nunca tinha calcinhas limpas suficientes.

— Não há máquinas de lavar na Inglaterra? Ou as pessoas ainda continuam lavando as roupas no Tâmis?

— Muito engraçado, mãe. Ha-ha-ha. Você sabe como é, eu estava ocupada demais e é uma chatice, um tédio, lavar roupa. E as lavanderias são tão caras e... Espere um minuto. Não posso crer que você, inteligentemente, deu um jeito de mudar de assunto. Esta calça jeans *vintage* é disparado minha calça favorita. Comprei-a em Carnaby Street. É insubstituível.

Diferentemente do cachorro, pensei.

— Talvez possa ser consertada, querida. Relaxe.

Porém Mia continuou bufando e espumando.

Jen retornou à sala, onde eu estava encolhido em um canto, aguardando meu destino.

Ela sacudiu um dedo na minha cara.

— Você está na minha lista negra.

Isto significava que a filha estava D-E-N-T-R-O e o cão F-O-R-A?

Despachado de volta para o Cafofo? Ou, ainda pior, para A rua?

Capítulo XXI

epois de um início trôpego, Mia e eu logo nos entendemos. Acontece que tínhamos mais

Dem comum do que apenas nosso amor por Jen.

Mia, como eu, não gostava de ser incomodada quando estava dormindo.

Ela, como eu, não gostava de fazer a cama depois de levantar-se.

Ela, como eu, preferia comer quando tinha vontade. Ou seja, freqüentemente.

Ela, como eu, nunca lavava a louça. Nunca arrumava a própria bagunça.

Ela, como eu, adorava se divertir.

E ela, como eu, era muito ativa à noite.

O que resultava em atritos constantes com a mãe.

— Uma e meia. Onde estará ela?

Eu estava começando a me perguntar o mesmo.

Jen não conseguia dormir. Não conseguia ler. Parecia até mais incapaz de prestar atenção às coisas durante um longo período do que eu. Acompanhei-a enquanto perambulava de quarto em quarto. Evidentemente não sabia o que fazer consigo mesma.

— Que droga!

Bem-vinda ao meu mundo, pensei. Em se tratando do "jogo de espera", eu era um profissional experiente. E creia-me, nunca é divertido.

Quando Mia, enfim, entrou em casa, encontrou cachorro e dona deitados no sofá, fitando a tevê fixamente.

— Deus, mãe! São quatro e meia. Por favor, não me diga que você estava me esperando.

Eu não diria uma palavra. Mas, com os diabos, estávamos sim.

— O que você queria? Não estou acostumada a isso.

— Desculpe-me, mas não tenho hora marcada para voltar desde o colegial.

— Isto não significa que não posso me preocupar com você.

— Agradeço sua preocupação, porém não quero passar as próximas poucas semanas brigando todos os dias com você. Assim, mãe, faça a nós duas um favor. Desprenda minha guia e concentre-se em recolocar sua vida nos eixos outra vez.

Mia e eu estávamos do lado de fora do parque. Eu podia cheirá-lo. Sentir-lhe o gosto.

Entretanto, ela não me deixava entrar.

POR QUE A DEMORA?

— Miles, fique calmo! Claire já está chegando.

Engraçado, ela havia acabado de dizer a mesma coisa .segundos atrás. E minutos atrás.

Minha paciência perigava se esgotar, quando a amiga de Mia finalmente apareceu. A garota, de alguma maneira, me lembrava um galgo — pescoço longo, comprido; rosto estreito; pernas compridas, finas. Cabelos cortados muito curtos.

Julgando pelo modo como se cumprimentaram, concluí que não se viam havia muito tempo.

O que significava mais um atraso para entrar no parque.

EI! VAMOS FICAR AQUI PLANTADOS PARA SEMPRE?

— Desculpe-me — disse a amiga, virando-se para mim. — Não estamos prestando atenção em você?

É, algo assim.

— Minha mãe o mimou terrivelmente, mas admito, me afeiçoei a esse bicho rapidinho.

Gosto da sua atitude decidida, e ele é superinteligente. Não como a maioria dos totós de madame que vemos em Upper East Side.

— Como o yorkshire terrier da minha mãe. Só sabe ganir, au-au-au, e fazer cocô no apartamento inteiro.

Falando em cocô, eu estava preparando um de bom tamanho. Puxei a guia com força.

— Você quer ir ao parque?

Fora esse o plano.

Tão logo entramos no parque, deparamos com uma certa dachshund, de pêlo longo. A cadela arrastou a dona na minha direção, como se eu fosse seu grande amor perdido.

— É sua namorada? — indagou Mia.

E-R-A minha namorada. Porém T-E-R-M-I-N-A-M-O-S.

— Chloe! — berrou a mulher. — Eu disse *não!* Você não pode brincar com Miles.

Arrastando a atônita cadela, a fulana afastou-se, pisando duro.

— Uau. Estou certa de que existe alguma história por trás desse chlique.

— Aquela mulher me parece familiar — a Galgo comentou. — Sei que já a vi em algum lugar.

Eu também. E não me importaria a mínima se jamais tornasse a vê-la.

— Então — continuou Mia —, ela se aproximou toda metida, sem nenhum motivo aparente. Miles não tinha feito nada com a cadela. Estava quieto, sendo um bom menino e...

— Um momento. Por acaso ela tinha cabelos compridos, louros? — interrompeu-a Jen.

— Sim. Realmente bonita. Claire diz que a reconheceu de algum comercial de tevê, ou algo semelhante.

— E a cadela, uma dachshund pequena, de pêlo longo?

— Hum-hum.

Jen desabou no sofá, a cabeça entre as mãos.

— Mãe, você está bem? Jen pigarreou.

— Era ela.

— Quem?

— A garota... Bob... A mulher que...

— Oh, merda. — Mia mordiscou o lábio inferior. — Mas, espere, isso não faz sentido. Se ela ainda namorasse Bob, estaria toda feliz, simpática e tal. Não agiria como uma vaca.

Aposto o que você quiser, que os dois romperam. E deparar com Miles foi uma lembrança dolorosa.

— Suponho que faça sentido, considerando a reação dela. Os cantos da boca de Jen se ergueram muito, muito de leve. - Sabe, você é bastante sagaz para alguém da sua idade.

— Desculpe, mãe, mas tenho quase vinte e um anos. Portanto, logo poderei consumir

bebidas alcoólicas no estado de Nova York e freqüentar casas noturnas sem ter que apre sentar identidade falsa.

— *Você* tem um RG falso?

— Você consegue acreditar nisso? Devo ser a única universitária do país a possuir um.

— Ok, espertinha. Eu também tinha um RG falso quando estava na universidade.

Mãe e filha riram em uníssono.

— Quase sinto vergonha de admitir, contudo...

— Não me diga que você dançou nua em Woodstock e tomou LSD?

— Não! — Jen cutucou o braço da filha. — Eu ainda estava no colégio nessa época, mocinha. O que eu ia dizer era que a idéia de Bob e aquela mulher não estarem mais juntos me causa enorme satisfação. Coisa de mulher vingativa e rejeitada. Será que sou tão ruim assim?

Nunca.

— Não. É apenas uma reação feminina normal. Isso não faz de você uma má pessoa.

— Isto é, quero que ele seja feliz e...

— Sabe o que eu penso, mãe?

— O quê?

— Acho que você ainda o ama.

Capítulo XXII

mpoleirei-me no alto de uma pilha de roupas sobre a cama e observei-a enfiar todo o conteúdo do quarto em cada uma das caixas, malas e sacolas de plástico disponíveis.

— Ei, rapaz. Por que a cara triste?

Primeiro Bob. Agora Mia. Por que as pessoas que eu amava insistiam em partir?

— Você vai sentir saudade de mim?

Meus beijos e lambidas responderam a pergunta.

— Sim, vou sentir saudade sua também. Mas você pode ir me visitar com mamãe, no meu novo apartamento. Fica pertoda praça Washington. Tem um parque de cães por ali e...

Lancei-lhe um olhar fulminante.

— Ôpa, desculpe, me esqueci. Mamãe me contou...

— Mamãe contou o quê? — indagou Jen, entrando no quarto. — Por acaso a ouvi conversando com Miles? Será essa a mesma garota que, apenas semanas atrás, me censurou pelo mesmo motivo?

— Mas ele ouve com tanta atenção, como se entendesse tudo o que dizemos.

Quase tudo. O resto, freqüentemente, perde-se na tradução.

— Está vendo? Agora, talvez, você não vai mais considerar sua mãe uma louca varrida.

— Bem, não exageremos. — Mia sorriu, travessa.

— Está bem, espertinha. — Jen tirou uma calça jeans de uma sacola.—E pensar que mandei consertar isto para você...

Mia examinou o gancho da calça.

— Uau! Ele fez um ótimo trabalho. Agradeço muito, mãe!

— O alfaiate morreu de rir quando lhe contei sobre como o buraco apareceu ali.

— Mãe, é tão embaraçoso!

Jen remexeu dentro de uma caixa e tirou uma blusa.

— Eu me perguntava o que havia acontecido com meu top lilás. Estava sumido havia meses.

— O prazo de devolução venceu há tempos, e agora sou a dona legítima. Que tal uma troca?

— Uma camiseta dos Phish? Acho que vou recusar a oferta.

— Quem vai sair perdendo é você. É um item de colecionador, agora que o grupo se separou.

O telefone tocou, e Mia correu para atender.

— Oh, oi, Jeffrey. — O rosto dela iluminou-se. Apontando para a porta, articulou a palavra FORA.

Aliás, estava mesmo na hora de meu passeio noturno.

— Desculpe-me, mas qual é a raça de seu cachorro?

Ambos viramos a cabeça. A voz masculina estava atada a um homem com sorriso de hiena.

Detestei-o imediatamente.

— Na realidade, é um vira-lata.

— Ou, como dizem nos círculos caninos politicamente corretos — falou o homem —, tem "pedigree especial".

— Pedigree especial? Gostei. Muito original.

— Confesso que li em algum lugar.

— Pelo menos você é honesto.

— Tenho meus momentos — ele riu. — Posso afagar seu cachorro?

Claro, idiota!, pensei. Atreva-se!

— Provavelmente não é uma boa idéia...

E então Jen contou ao sujeito toda a maldita história da minha vida. A qual, permita-me esclarecer, não era da conta dele.

— Meu cachorro também era de um canil público. Não particularmente inteligente, mas muito amoroso.

— Pobrezinho. Ele estava doente?

— Oh, não, está saudável e vivíssimo. Minha ex ficou com ele na separação de bens.

— Desculpe-me a conclusão precipitada. Seu divórcio é recente?

— A tinta mal secou. E você?

— Divorciada também. Você tem filhos?

— Um de catorze anos, com hormônios em ebulição. Você?

— Filha. Começando o último ano na NYU.

Blabláblá. A capacidade humana de entabular conversas vazias sempre me surpreende. São como cachorros, cavando em busca de ossos enterrados que jamais irão encontrar.

Entretanto, continuam cavando, cavando.

Cansado de agüentar Jen me ignorando, decidi tomar uma atitude e... larguei um depósito gigantesco.

Pertinho do pé do homem com sorriso de hiena! Uma manobra justa, considerando minha opinião do fulano.

— Desculpe, tenho que, você sabe... — Um pouco desajeitada, ela apanhou meu cocô e dirigiu-se à lata de lixo mais próxima.

— Ouça, antes de você ir, por que não lhe dou meu cartão? Sou novo no bairro e talvez possamos sair juntos para tomar um café, um drinque, ou mais.

— "William Comstock." Parece bem quatrocentão. Sou Jen Levy.

— Prazer em conhecê-la, srta. Levy. E ao seu cachorro também.

Hiena nos desejou uma boa noite e se afastou. Com sorte, para nunca mais voltar.

— Então o que devo fazer com este cartão?

— Você deve telefonar-lhe, mãe.

— Não posso.

— Por que não?

— Porque não posso. E se eu ligar e ele não se lembrar de mim? Embora ache que não poderia esquecer, depois de Miles praticamente defecar no seu pé. Eu poderia jurar que Miles fez de propósito.

Virei-me de barriga para cima, fingindo-me de inocente. Mia cocou minha barriga.

— Veja que engraçadinho ele é. Você não faria uma coisa tão sacana, faria?

Ela não tinha idéia do que eu era capaz

Capítulo XXIII

feito — disse Sophia, desligando o motor. — Não posso acreditar que encontramos uma Pvaga bem defronte do prédio de Mia.

— Está vendo, mãe — Mia falou. — É um bom presságio.

— Faço votos que sim, querida — murmurou Jen.

— Você quer, por favor, relaxar? Não há nada de errado com essa vizinhança. São todos estudantes. É perfeitamente seguro.

— Espero que sim, considerando os preços. Um apartamento minúsculo, de apenas dois quartos, com aluguel de quase três mil dólares.

— Malditos ladrões. — Sophia balançou a cabeça. — Aproveitando-se desses pobres universitários.

— Esses pobres *ricos* universitários — corrigiu-a Jen.

— E pensar que precisei me matar de trabalhar na lanchonete, servindo gororoba, para ajudar a pagar meu curso na Smith.

— Vocês duas querem sossegar já? — pediu Mia. — Vamos ter de fazer inúmeras viagens.

Por que não deixamos Miles aqui, para tomar conta das minhas coisas?

Sempre que a palavra "deixar" era associada ao meu nome em uma mesma frase, eu sabia que acabaria levando a pior.

Não gosto muito da idéia, porém, felizmente, a manhã está fresca e nublada. Suponho que se abirmos o teto solar, ele ficará bem.

Oh, não, não ficará.

— Mas você realmente acha que ele afugentará todo mundo?

— Sophia, você está brincando? Dê uma olhada nos dentes do bicho.

Gentilmente, Mia ergueu meu lábio superior.

— Ele lembra aqueles dinossauros do *Jurassic Park*. Os caninos são imensos, desproporcionais ao seu tamanho.

— Igualzinho a uma coisa que ele tem entre as pernas — brincou Jen.

— Mãe, que grosseria! É tão impróprio.

As mulheres encheram um carrinho de supermercado com as coisas de Mia. Tão logo desapareceram no interior do prédio, um sujeito aproximou-se do carro. Ele tinha tanto pêlo na cara, que apenas nariz e olhos eram visíveis. Enterrado na cabeça, um saco de papel, a calça esfarrapada caindo-lhe pelos quadris e a camisa inteiramente desabotoada.

Lati várias vezes para mantê-lo afastado, porém ele não deu ouvidos. De fato, chegou mais perto. Lancei-me para frente, pronto para proteger e defender, esquecendo-me por completo do vidro que o separava de mim. Smash! Bati a cabeça contra a janela!

Aquela foi a má notícia.

A boa foi que, quando consegui me recompor, o homem havia resolvido cuidar de seus assuntos em outro lugar.

Então as mulheres saíram do prédio, empurrando o carrinho vazio.

— Como você se saiu, queridinho? — perguntou Jen.

— Sim — falou Sophia. — Você conservou todos os vilões a distância?

Um em particular. Mas, novamente, devido a uma casualidade genética além de meu controle, este cão sabia de algo que nunca poderia dizer-lhes.

Depois do carro descarregado, Sophia partiu para Hamptons e foi minha vez de visitar o apartamento de Mia. No instante em que saímos do elevador, o cheiro de meias sujas e café queimado bafejou meu focinho. Não era a melhor combinação, devo acrescentar. Que tipo de lugar era aquele?

Uma porta abriu-se no final do corredor, e um homem, com vários queixos e uma barriga protuberante, sacolejou na nossa direção.

DÊ O FORA!

— Miles, por favor, comporte-se — avisou-me Jen.

— Vocês sabem — falou o gordão. — Não são permitidos cães neste condomínio.

QUEM DISSE?

— Eles estão só visitando meu apartamento. Santos é o zelador do prédio, mãe.

—

Por vinte e cinco anos. Então, você é a mãe dela?

Não gostei do jeito como o homenzarrão examinou o corpo de Jen, de cima a baixo, de um lado e do outro.

QUAL É A SUA?

— Miles, por favor, pare de rosnar. Desculpe, sou sim.

— Você tem uma filha simpática, porém seu cachorro não gosta de mim.

— Miles é apenas muito protetor.

— Ele tem as... você sabe, grandes. — O gordão cobriu a boca com a mão e riu.

Para informação dele, as minhas "você sabe" há muito haviam sido extirpadas. Imaginei se ele conseguia enxergar as próprias sob aquele barrigão.

— Talvez meu primo Juan possa arranjar um emprego de leão-de-chácara na sua boate para esse valentão.

— Aí está uma imagem interessante.

Mia, Jen e Santos, o gordão, riram à minha custa.

— Bem, foi um prazer conhecê-lo, Santos. Por favor, fique de olho na minha garotinha por mim.

— Será um prazer. Vocês, lindas senhoras, tenham um bom dia. — Ele sacolejou o corredor afora.

— Sério, mãe — disse Mia, abrindo a porta do apartamento. — Pensei que já havíamos

resolvido a questão. Você precisa superar essa mania de me chamar de sua "garotinha".

— Odeio dizer-lhe, querida, porém não importa quantos anos você tenha, nem mesmo que se case e tenha seus próprios filhos. Você será sempre, sempre, minha única e incomparável garotinha.

Mia sacudiu a cabeça, mostrando desaprovção. Entretanto, de algum modo, eu sabia que ela sabia que Jen dissera a verdade.

— Bela cômoda — comentou Jen, deslizando os dedos pelo móvel. — Pena que não terá muito uso.

— Estou virando a página, mãe. Planejo manter este lugar realmente arrumado.

— Sim, claro. Assim como a foto de Miles irá aparecer na primeira página do *New York Post* algem dia desses.

— Queria tanto ter uma idéia melhor — falou Jen, dependurando roupas no armário. —

Enviei cartas aos editores aos borbotões e não obtive uma única resposta. Provavelmente porque é a mesma velha, maçante e gasta história de sempre.

— Então por que você não escreve outro livro para crianças, mãe? Você já obteve sucesso assim.

— Mas, infelizmente, não ganhei nem três vinténs.

— Você poderia voltar a trabalhar. É uma opção.

De fato, todavia a possibilidade não me agrada nem um pouco. Parece que estou agindo como Dostoyevsky, de escritor morto de fome. Além do mais, você sabe quem não aceitaria muito bem ser deixado sozinho em casa o dia inteiro.

De jeito nenhum. O assunto não estava aberto à discussão.

— Tenho uma idéia. Meu professor de literatura diz que devemos escrever a respeito do que conhecemos. Portanto, por que você não escreve sobre seu cachorro?

Essa conversinha estava passando por cima da minha cabeça, e eu não conseguia pular alto

o bastante para entendê-la.

— Escrever sobre Miles? — Jen inclinou a cabeça para o Indo e enrolou uma mecha de cabelos nos dedos. — Os céus sabem que ele tem me fornecido material suficiente...

Eu não tinha certeza se estava gostando do rumo daquela conversa. Principalmente porque não tinha a menor noção daquilo que falavam. Neste caso, ignorância não era uma bênção.

— O mercado de animais de estimação está realmente aquecido — continuou Jen. —

Existem muitos apaixonados por cães em Nova York, para não mencionar neste país.

— E muitos, como você, são totalmente obcecados por seus bichos.

— Tenho uma idéia. E se eu escrevesse uma história sobre o relacionamento de um casal?

— indagou Jen, mordiscando o lábio inferior. — Uma história vista pelos olhos do cachorro dos dois? Uma espécie de "cachorro-conta-tudo."

— Parece-me autobiográfico demais, mãe.

— Sim. Só que, diferentemente do meu caso, o casal acaba vivendo feliz para sempre.

Jen e eu permanecemos no apartamento de Mia até tarde da noite.

— Tem certeza de que não quer sair para comer alguma coisa?

—Mãe, já lhe disse. Vou me encontrar com Claire.

— Mas será muito tarde para comer.

— Mãe, acalme-se!

— Tem certeza de que não quer que Miles e eu fiquemos aqui com você?

— Será só uma noite sozinha. Marisa chegará amanhã. Além do mais, você não quer Santos na sua cola.

— Ele não me assusta. Nem a mim.

— Tem mesmo certeza?

— Ficarei bem, de verdade. Obrigada por toda sua ajuda.

— Ei, sou sua mãe. Faz parte da minha função.

— Está bem, mas não se esqueça das minhas regras...

— Eu sei — interrompeu-a Jen. — Nada de visitas sem avisar. Nada de telefonar de cinco em cinco minutos. Nada de mandar refeições, a menos que especificamente requisitadas.

— Pregue a lista na porta da geladeira, para não esquecer.

— Espertinha! Telefone quando chegar em casa.

— MÃE!

—

Desculpe. Pequeno deslize. Não acontecerá de novo.

Antes de caminhar para a porta, mãe e filha se abraçaram um pouco mais demoradamente que o habitual.

— Bem... é isto. — A expressão de Mia se suavizou. — Boa noite, mamãe

— Mamãe? Uau, você não me chama assim desde o início do ensino fundamental.

— Opa. Pequeno deslize. Não acontecerá de novo.

Os olhos de Jen, definitivamente, começaram a se encher de lágrimas. Era óbvio que lutava para manter o autocontrole.

— Sem problema. Você pode me chamar de mamãe a qualquer momento que quiser.

Capítulo XXIV

i, querida, sou eu. A mulher que deu a luz a você quase vinte e um anos atrás. Você não está orgulhosa de mim? Esperei dois dias antes de telefonar. Onde está você? Ainda dormindo, ou o quê? Você e Marisa farream até tarde? Eu sei, não é da minha conta. Bem, só queria lhe contar que comecei a pôr em prática aquela idéia do livro, sobre a qual conversamos. A seiva criativa definitivamente está fluindo. Tudo graças a você. E, oh, sim, também decidi aceitar sua sugestão de "recomeçar a viver". Enviei um e-mail àquele homem, o advogado. Ele me telefonou, e vamos sair para jantar hoje à noite...

E, sim, adivinhe quem ia ficar em casa.

— Quería que você estivesse aqui para me aconselhar sobre o que vestir. Bem, acho que estou divagando demais na sua secretária eletrônica, portanto é melhor parar por aqui. Miles e eu sentimos saudade. Muitos beijos.

Jen desligou o telefone e retornou ao computador para, alegremente, digitar a tarde inteira. Ria consigo mesma de vez em quando.

Quanto a mim, não conseguia evitar de me perguntar quando ela ia me pôr a par da brincadeira.

Ela murmurou um débil olá e me deu um tapinha desatento na cabeça. Um sinal inequívoco de que alguma coisa não estava certa. Porém, em vez de buscar conforto em mim, Jen apanhou aquele maldito telefone.

— E o canalha me deixou esperando mais de uma hora no restaurante, Soph... Não, ele não estava no trabalho... Aparentemente estivera tornando drinques com uma antiga paixão da escola de direito antes de se dirigir ao restaurante. Eu podia sentir o cheiro de uísque em seu hálito. E então ele recebeu uma chamada no meio do jantar e me deixou à mesa, sozinha, por mais de... cronometrei o tempo... vinte e cinco minutos! Voltou, mal se desculpou, disse ter reencontrado um amor perdido, blablablá... Eu pressentia ser péssima idéia...

Se eu fosse capaz, poderia ter falado isso mesmo a Jen e a poupado da afronta.

Será que ela não entendera que passar horas com qualquer outro macho além de Bob e eu era pura perda de tempo?

Jen desligou o telefone. Puxou-me para perto. Enterrou o rosto no meu pêlo. Retribuí o gesto, lambendo o sal das suas faces.

— Sabe, você poderia ser o parceiro ideal para mim. Leal, gentil, amoroso, afetuoso, criterioso, ansioso por agradar. Totalmente comprometido. Por que você tinha que ser um cachorro? Por que não podia ser simplesmente um homem?

Eu já havia me feito essa pergunta algumas vezes, e a resposta era sempre a mesma. Merda acontece.

Jen levantou-se cedo pela manhã e correu como um galgo para o banheiro. Esperei-a voltar para a cama, todavia ela não apareceu. Definitivamente um motivo para preocupação.

Encontrei-a refugiada no banheiro. Quando empurrei a porta, o cheiro me atingiu. Um cheiro tão ruim que quase engasguei. De joelhos, uma mão apoiada na parede, Jen estava debruçada sobre o vaso. Pondo as tripas para fora. O rosto da pobre mulher pálido como o tapete espesso aos seus pés. Ela deu descarga.

— Argh. Sinto-me doente feito um cão.

De alguma forma, a comparação não fez sentido para mim.

— Os malditos sushis deviam estar estragados.

Recusando-me a sair de seu lado, permaneci firme. Ela vomitou outra vez. E outra vez. E mais uma vez. Quanta porcaria mais poderia haver dentro dela?

Um pouco vacilante, Jen levantou-se. Molhou o rosto com um pouco de água e secou-o.

Deixou a toalha cair no chão e não a apanhou (algo que jamais a vira fazer antes, cabe-me esclarecer). Do banheiro, arrastou-se devagar para a cama. Aconcheguei-me a ela. Tentei lambê-la, imaginando que isso poderia ajudá-la a sarar, mas Jen, educadamente, recusou. Ficou deitada, gemendo, segurando a cabeça como se esta fosse sair voando, caso não a prendesse com firmeza.

E então caiu em um sono profundo.

— Você tem certeza de que ficará bem agora?

Alberto, o porteiro, e eu havíamos acabado de voltar de um passeio rápido pelo quarteirão.

Em circunstâncias normais, eu me recusaria a sair com qualquer um que não fosse da matilha. Todavia, considerando que Jen vomitara duas vezes na calçada durante o passeio naquela manhã, supus que deveria abrir uma exceção.

— Muito obrigada. Com sorte, o pior já passou.

Mas não passara...

O vaso sanitário entupiu e transbordou.

A tevê a cabo saiu do ar.

O apartamento estava quente, úmido e barulhento porque o ar-condicionado quebrara e todas as janelas tiveram de ser abertas.

Jen quebrou uma xícara na cozinha e cortou o calcanhar.

E, como se não bastasse, deixou cair os óculos, pisou neles e quebrou a armação enquanto corria para atender ao telefone.

— Mãe? Não, estou péssima. Péssima — ela falou, derramando-se em lágrimas.

Tudo o que eu podia fazer era continuar sentado ali, feito uma verruga, enquanto ela abria o coração para a pessoa do outro lado da linha.

Enquanto o mundo, como eu o conhecia, parecia prestes a chegar ao fim.

BUMMMM!

Meus ossos chacoalharam e amoleceram, como se transformados em um pudim.

BUMMMM! BUMMMM!

Onde poderia me esconder? O que poderia fazer? Para onde poderia ir?

BUMMMM!

Andei de um lado para o outro, ofegante. Andei e ofeguei. Quanto a Jen, bem, ela estava tão envolvida com os próprios problemas que não fazia idéia de que seu cão fora reduzido a uma massa chorosa, trêmula.

Até que tentei me enfiar em suas axilas.

— Mãe, eu ligo depois — ela falou, secando os olhos. — O pobre Miles está apavorado.

Senti-me um frouxo inútil. Na realidade, um frouxo inútil e *egoísta*. Era minha função oferecer-lhe conforto e proteção. Não o contrário.

— Fogos de artifício são apenas ruidosos. É só, lindinho. Não há nada a temer.

Fácil...

BUMMM!

Para você...

BUMMM!

Falar... BUMMM!

— Relaxe. Logo estará terminado.

Continuei tremendo tanto, que Jen comentou que eu fazia lembrar seu "vibrador". Algo que ela mantinha guardado no fundo da gaveta, uma espécie de brinquedo estridente que, ocasionalmente, tirava para brincar.

Por sorte, como prometido, os fogos não duraram para sempre, e o mundo ainda estava intacto depois que tudo terminou. Diferentemente do meu ego, que sofrerá algum estrago.

Ela inspirou fundo várias vezes. Fitou o telefone. Deslizou os dedos sobre o aparelho.

Tornou a fitá-lo. Novamente inspirou fundo. Gemeu e, enfim, fez a ligação, mantendo o fone longe da orelha o máximo possível.

— Alô — ouvi a voz de uma mulher responder do outro lado.

— Desculpe — disse Jen. — Número errado.

O telefone tocou instantes depois, porém ela preferiu que a secretária eletrônica recebesse a chamada.

— Jen?

Existia uma única voz que soava daquele jeito... BOB!

— Sei que você está aí — disse ele. ELA ESTÁ BEM AQUI!

— Quer atender, por favor? ATENDA!

— Você está bem? Mia está bem? Miles está bem? Você me deixou preocupado. Por favor, fale comigo.

Eu estava começando a me sentir tão frustrado quanto Bob.

Por fim ela tirou o fone do gancho e murmurou um débil alô.

— Não esperava que você estivesse em casa neste feriado. Ia apenas lhe deixar uma mensagem. Espero não o ter incomodado...

— Não se preocupe com isso. Você pode me ligar sempre. Deus, sua voz está péssima.

Pois ele devia ver a aparência dela.

— Ouça... sei que estou sendo inconveniente e é de última hora, mas será que você poderia me ajudar com Miles de novo? Minha mãe telefonou. Insiste que eu vá em um cruzeiro com ela, uma espécie de spa flutuante, por uma semana. Todas as despesas pagas. Fred deveria ir, porém quebrou o pé. Ela acha que me fará bem. Além do mais, não a tenho visitado ultimamente. Mia tomaria conta de Miles com prazer, todavia não são permitidos cães em seu prédio e, para completar, ela está em Cape Cod com o pai e...

Capítulo XXV

ocê sabe que eu o levaria comigo, se pudesse... Blablablá. Recusei-me a ouvir quaisquer Voutras explicações. Jen não tinha direito de me deixar, e decidi mostrar-lhe, exatamente, como me sentia a respeito de sua atitude.

Jen andou pelo apartamento, aspirando o ar.

— Que cheiro é esse?

Sei lá.

Mas eu sabia muitíssimo bem o que era e qual a razão. Quando a vi seguir na direção do quarto, corri para me esconder.

— MILES! — escutei-a guinchar. — Não consigo acreditar. Você realmente fez cocô na minha mala!

Propositadamente, ela evitou o olhar de Bob. Como se temesse que ele iria agarrá-la e nunca mais soltá-la.

— Bem, meu táxi está esperando. Mais uma vez obrigada por se prontificar a ficar com Miles tão de última hora.

— A qualquer momento. Você sabe quanto amo nosso rapazinho.

— Desculpe. Nosso?

— Pequeno lapso. Ou um lapso freudiano.

Bob forçou uma risada, porém eu sabia que ele não estava achando nem um pouco engraçado. E, pela expressão de Jen, tampouco ela.

Mesmo rearrumando travesseiros e cobertor, o odor ofensivo permanecia.

— Você e seu olfato. Esse cheiro é resultado de um erro de bêbado. A mulher já era doida quando a namorei, anos atrás, e ainda é. Talvez esteja até pior.

Revirei os olhos para Bob não ter dúvidas de que apenas "tencionar fazer" era totalmente inaceitável.

— Depois do que Jen me contou sobre a mala — ele falou, puxando os lençóis apressadamente da cama —, talvez seja mesmo mais sensato trocá-los.

No instante em que nos aventuramos porta afora, o ar quente nos atingiu na cara como um bafo.

— É isso o que dá passar o verão na cidade — disse Bob. — Nem sequer são nove horas da manhã e a temperatura já chegou a trinta e um graus! Que merda!

Eu não me expressaria melhor!

Um quarteirão, e o rosto dele estava molhado de suor, montes de fios de cabelos grudados na testa. Um quarteirão, e a sola das minhas patas estavam fritas, crocantes. Minha língua colara no céu da boca. Ambos arrastávamos nossos rabos.

E então soaram as palavras que eu tanto ansiara escutar. .

— Ao diabo com essa caminhada matinal, vamos tomar um táxi para o escritório.

O prédio de Bob — obrigado, companhia de eletricidade —, estava maravilhosamente

fresco.

Posso não me lembrar de um rosto, porém jamais me esqueço de um cheiro. Assim, quando Bob e eu saímos do elevador, reconheci a mulher na recepção.

— Ora, vejam só quem está de volta para nos visitar — gorjeou a Pardoca.

— Miles prometeu ser um bom menino desta vez, não é? É.

— É mesmo?

— Sim. Isto significa não latir, ganir, rosar, morder, perseguir ou aterrorizar qualquer um de meus funcionários.

Desnecessário dizer. Eu teria um dia muito maçante no escritório.

— Todavia, no caso de alguém não se comportar, desta vez vim preparado com uma focinheira. Tradução: algo que um cachorro evitava a todo custo, ainda que precisasse reprimir seu estilo.

Até eu tinha de admitir, desde que ficara por conta própria, a habilidade de Bob nos cuidados com a casa deixara muito a desejar.

Quando saíamos do *loft* pela manhã, tinha-se a impressão de que uma matilha de cães enormes enlouquecera lá dentro. Entretanto naquela noite, ao retornarmos, por instantes pensei que havíamos entrado na casa errada.

A louça já não estava empilhada na pia. Aquelas caixas vazias de comida chinesa tinham desaparecido da mesa. Nada de charuto no cinzeiro. Nada de roupas espalhadas pelos cantos. Nada de jornais. Ou revistas. O lugar cheirava a limpeza e frescor. E, pela primeira vez desde minha chegada, a cama estava feita.

— Essa transformação miraculosa só foi possível graças a minha empregada romena, Leah.

Uma mulher sem a qual não posso viver ultimamente.

Diferentemente de Jen. Uma mulher com a qual ele parecia não poder viver.

Bob estava de ótimo humor. Havia um

gingando extra em seus passos e a ruga

entre suas sobrancelhas suavizara

— Só para informá-lo, receberei amigos para o jantar.

Uma idéia pouquíssimo apetitosa na visão deste cachorro.

— E espero um comportamento de acordo com a situação. Você tem agido como um funcionário exemplar durante toda a semana, portanto vamos continuar no mesmo caminho, certo, parceiro?

"Mesmo caminho" queria dizer evitar a focinheira. Um jogo que eu não achava particularmente engraçado.

O primeiro convidado a chegar foi o amigo de Bob, Tony. Carregado com várias sacolas grandes. Corri direto para ele. Rabo abanando. Até permiti que o grandalhão me afagasse.

— Que boas-vindas calorosas! — ele exclamou. — Sinto-me honrado.

E deveria. Todavia, novamente, eu tinha meus motivos ocultos.

— Imagino que você tenha causado boa impressão em Miles.

Como eu esqueceria seu odor corporal — poderoso o suficiente para fazer um cão dinamarquês cair de bunda no chão? Ou seu amor genuíno por cachorros? Mas, principalmente, como poderia algum dia esquecer o agrado que ele me trouxera na última vez?

Entretanto, como se lendo minha mente, Tony admitiu não ter tido oportunidade de me comprar uma orelha de porco.

— Desculpe, cara. Vou recompensá-lo na próxima vez. Chateado, dei-lhe as costas e fui emburrar em um canto.

— Oh, não se pode ganhar todas — disse Bob.

— Mas, aparentemente, você acabou de ganhar. Que tal ser, enfim, um homem livre?

— Como Robin Williams disse, "divórcio é uma palavra latina que significa arrancar os genitais do homem através da carteira". Deixando isso de lado, sinto-me fantasticamente bem.

Tony tirou uma garrafa de dentro de uma das sacolas.

— Pois vamos abrir essa beleza e começar a festa,

— *Cristal?* Uau, obrigado, cara. Muito generoso da sua parte.

— Ei, não é todo dia que um homem se divorcia.

— Com certeza. Levou tempo suficiente.

Tony meteu a garrafa entre as pernas e deu um bom puxão. A rolha saiu com tal força que voou pelos ares e me acertou no focinho!

Os homens riram, e o cão ficou lá, lambendo o focinho e o ego feridos. Tive a sensação de que aquela seria uma noite interminável.

Enquanto Tony e Bob se ocupavam fazendo uma confusão danada na cozinha, os demais convidados inconvenientes invadiram meu território.

O primeiro foi um sujeito atarracado, olhos apertados, nenhum queixo e ombros caídos.

QUEM O CONVIDOU?, lati.

Ele fedia a cigarro e tinha um ar sorumbático. Seria culpado de alguma coisa, ou apenas um fracassado? Imaginando o pior, avancei e ataquei seus sapatos.

— Ôpa! — ele gritou. — Esse bicho pequenino deixou marcas de dentes no meu mocassim Gucci.

Claro que fui pego. Mas valeu a pena.

Bob me ameaçou com a focinheira se eu me comportasse mal de novo e me mandou ficar sentado na cama até segunda ordem.

— E, por favor, tente manter a boca e os dentes para si mesmo. Ok?

Como fazer promessas que não seria capaz de cumprir?

Logo depois, uma mulher pouquíssimo vestida, de membros longos, chegou. Lembrava-me um cão perdigueiro afegão — focinho comprido, mandíbulas definidas, montes de pêlo caindo sobre as faces. Provavelmente tão estúpida quanto.

— Ei, Miles! — ela grasnou, acenando para mim do outro lado da sala. — Você é tããããõ bonitinho!

A voz da criatura parecia um dos meus brinquedos de borracha. Será que soltaria o mesmo ruído estridente se eu a mordesse?

Praticamente em seus calcanhares, várias outras fêmeas apareceram. Uma tinha cabelos claros, armados como um capacete e um peito, na minha opinião, grande demais para o corpo. (Imagine as tetas de uma poodle tamanho padrão em uma chihuahua esquelética!) Observei-a cumprimentar Bob com dois beijinhos que não chegaram a tocá-lo nas bochechas. Ótimo. Enquanto conservasse uma distância segura do meu dono, eu me conservaria a uma distância segura.

O mesmo não aconteceu com a OUTRA mulher.

Não gostei do jeito dela, das roupas coladas ao corpo, do sorriso escancarado, da postura oferecida. Parecia no cio. Rumou para Bob e o beijou direto na boca.

QUE DIABOS VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? FIQUE LONGE DELE OU VAI PAGAR CARO!

Porém a mulher, erradamente, traduziu meus latidos como um convite para "ser simpática com o cachorro".

— Oi, Miles — falou, estendendo a mão para mim. — Não tive oportunidade de encontrá-lo no escritório esta semana. Meu nome é Connie.

Uma fungada e percebi que a fulana havia se esfregado com o perfume favorito de Jen.

Como se atrevera a roubar o cheiro da minha dona?

NÃO APENAS VOCÊ É FEIA, COMO É TAMBÉM UMA LADRA!

— Não somos lá muito amigáveis, somos?

VOCÊ NÃO FAZ NEM IDÉIA, MULHER!

Pulei da cama, corri e mordisquei um de seus dedos. Ela urrou como se eu lhe houvesse

arrancado um naco de carne. E eu nem sequer lhe arranhara a pele!

Bob me pegou antes que eu conseguisse escapar para debaixo da cama. Meteu-me a focinheira e ajustou-a com força. Eu mal podia abrir a boca, quando mais mover as mandíbulas. Por mais que tentasse tirá-la, a maldita coisa não cedia um milímetro. Tentei outra vez, e outra vez, sem sucesso. Derrotado, desabei no chão.

— Oh, coitadinho do Miles — grasnou a Gralha.

— Coitadinho uma ova! — rosou a Ladra. — Não sinto a menor pena.

VÁ SE DANAR!

— Sabe, ele está parecendo Hannibal Lecter, o Canibal — ironizou Sorumbático.

— Ei, Connie — Tony gritou da cozinha. — Talvez Miles pretenda comê-la junto com vagens e um pouco de Chianti?

Todo mundo gargalhou, inclusive o homem que eu julgara estar do meu lado.

Como eu já dissera, aquela seria uma noite interminável.

Tony demorou um pouco mais que o pretendido para preparar a refeição. Assim, os convidados estavam "adequadamente embriagados" ao sentarem-se à mesa. E eu, como se já não me sentisse miserável o bastante, tive que assisti-los se empanturrarem de comida e ouvi-los elogiar, entusiasmados, o sabor incrível do risoto de cogumelos selvagens. O escalope de vitela estava tão divinamente macio. E a salada de rúcula e melancia tão "diferentemente refrescante".

Ninguém se importava com quão absolutamente faminto este cão estava?

Por fim Bob teve pena de mim. e tirou a focinheira. Naquela altura, eu sabia que precisava mostrar meu melhor comportamento. Como recompensa, ele, Tony e a Gralha me deram seus pratos para lambar, provando que, afinal, existiam certas vantagens em receber convidados para jantar.

Bob desculpou-se e foi ao banheiro. Naturalmente, decidi acompanhá-lo. Quando ia dar

descarga, alguém bateu à porta.

QUEM É?

— Bob, uma tal de Jennifer está ao telefone — avisou uma voz feminina.

Por um instante, Bob mostrou-se confuso. — Jennifer? — Então surpreendeu-se. — Oh, droga!

É Jen. Saiu voando do banheiro, quase atropelando a dona das tetas gigantes.

— Oi!... — exclamou ao telefone — ...um jantar. Tony cozinhou e, oh... Sim, Miles tem sido um bom menino... na maior parte... e...

— Oh, queriiiiido—interrompeu-o a Ladra. — Volte para a mesa. A chama do *flambé* está prestar a apagar.

— Acho que vou precisar de um pouco mais de álcool para alimentar o fogo! — adiantou Tony.

Por alguma razão estúpida, todos os convidados pestes acharam o comentário histericamente engraçado. Bob tampou o fone com a mão.

— Vocês querem abaixar o tom, por favor? É uma chamada internacional. Jen, Jen? Você está me ouvindo? Droga, a ligação está péssima!... Você não vai adivinhar o que aconteceu hoje... Estamos celebrando... meu... Droga! Você está me ouvindo?... Jen?... Maldição!

Ele desligou o telefone.

— Parece que perdi contato.

Com certeza sim. Em mais de uma maneira.

Depois de lavada a louça, supus que finalmente os convidados pestes iriam para casa.

Que nada.

Sorumbático anunciou haver trazido um "agrado especial" para todos.

— Uma erva realmente boa — esclareceu.

Todo mundo, exceto eu, mostrou-se excitado. Como é que qualquer erva podia ter gosto bom?

Sorumbático tirou algo feito um cigarro fino do bolso e pressionou-o com os lábios.

Acendeu a ponta, inalou profundamente várias vezes, ficou com uma expressão estúpida na cara e então passou o espeto para os outros, cujas reações foram similares. Quanto a mim, o cheiro me fez espirrar. Um monte de vezes.

— Vocês acham que cães podem ficar chapados? — perguntou a Ladra.

— Não sei de cães — respondeu Tony. — Mas tudo o que posso dizer é que estou totalmente chapado agora.

Tetas Gigantes, enquanto isso, estava olhando para mim. {Ou assim presumi, porque seus globos oculares reviravam sem parar!)

— As manchas brancas do cachorro são tão legais. De baixo do pescoço. Nas costas. Uau. Parece um homem de pé e de lado, com uma ereção.

Por algum motivo, os convidados, meu dono, inclusive, julgaram a observação hilariante. E quanto mais riam, mais difícil era controlarem as risadas.

— Se vocês querem escutar algo muito engraçado — declarou Bob, aumentando o volume da música —, têm que ouvir Miles cantar.

Mas recusei-me a emitir um único som. Os convidados irritantes, todavia, insistiam em me atormentar.

— Talvez ele esteja nervoso por causa da platéia — gralhou a Gralha.

— Vamos, parceiro. Papai lhe dará um pedaço de queijo se você cantar.

— Que bonitinho — falou Tetas Gigantes. — Bob chama a si mesmo de papai.

— Oh, cara, devo estar realmente chapado.

— Talvez devêssemos lhe proporcionar alguma inspiração — sugeriu Tony.

E, assim, ele pôs-se a uivar.

E Bob.

Sorumbático.

Tetas Gigantes.

A Ladra.

E Gralha.

Tentei me controlar, porém o impulso visceral de responder ao chamado era forte demais.

Minha cabeça caiu para trás, minha boca abriu e, do fundo da minha garganta, saiu...

Auuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Auuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Tony levantou-se de um pulo e aplaudiu.

— Bravo, Miles! Bravo!

Sorumbático o imitou.

— Que jogo de cordas vocais esse*bicho tem! Um verdadeiro Pavarotti canino.

A má notícia — mais risadas a caminho. A boa notícia—e também vários pedaços de queijo.

Além de um biscoito.

— Alguém está com vontade de dançar? — indagou Tetas Gigantes, enquanto balançava —
advinha o quê? — as tetas.

— Nada me daria maior prazer — disse Sorumbático, arrastando-se para cima dela.

Gralha empurrou a cadeira para longe e começou a bambolear os quadris. — Com certeza
preciso me exercitar depois desse jantar delicioso, porém calórico.

Tony puxou a mulher para perto.

— Eu poderia pensar em uma outra maneira de queimar calorias, Mona — ele murmurou,

alto o suficiente para meus ouvidos ouvirem.

A Ladra tirou Bob da cadeira.

— Vamos mostrar a todos como se faz.

— Estou avisando-a, Connie. Sou péssimo dançarino.

Bob sacudia os braços, agitava as mãos e girava feito um cão louco. Como se já não fosse duro o suficiente de assistir também não podia reagir. A Ladra movia-se bem perto, esfregando o peito no dele. Mergulhando os olhos nos dele. Eu conhecia os sinais. A Ladra queria roubar o que estava entre as pernas de Bob.

Será que eu conseguiria me conter e permitir que esse comportamento continuasse?

Infelizmente, não tinha escolha. Com certeza seria punido outra vez, se aprontasse de novo.

Havia uma única solução. Precisava me remover do "grupo," antes que o "grupo" me removesse.

O banheiro pareceu-me uma opção. Achei que poderia me esticar no tapete macio, manter-me longe de problemas. Para minha conveniência, a porta estava entreaberta e escapuli para dentro do cômodo escuro. Entretanto, alguém chegara lá antes de mim. De pé junto à pia. A calça arriada até os tornozelos. Nádegas brancas brilhando à luz da vela. Um par de pernas nuas enlaçando-o pela cintura. Saltos altos dependurados dos pés.

— Oh, não, é o cachorro!

A voz estridente só podia pertencer a uma mulher. O homem virou a cabeça.

— Você não vê que estou ocupado aqui? — rosou Tony. Mas...

— SUMA, CACHORRO!

— Relaxe. Estou indo.

Deitei debaixo da cama. Esperando. Um por um, os convidados foram embora. Com exceção da Ladra. Escutei-a conversando com Bob, tentando convencê-lo a deixá-la ficar.

— Ouça, Connie, você é uma ótima garota e tudo...

— Você não se sente atraído por mim?

— Posso estar bêbado demais para servir para alguma coisa, inclusive para mim, porém ainda estou sóbrio o bastante para lembrar que nunca devo dormir com minha funcionária. Sinto muito se lhe enviei sinais confusos.

E assim ele a despachou. Ainda havia esperança para Bob. Pelo menos até a próxima vez em que se metesse em uma enrascada.

Capítulo XXVI

ubi no colo dele e meti a cabeça para fora da janela. O ar estava tão impregnado de sal, que Slogo uma película cobriu meu focinho e língua. A "surpresa" de Bob já não era mais um segredo. Eu sabia, exatamente, para onde íamos. E mal podia esperar para chegar.

Bob estreitou os olhos por detrás dos óculos escuros.

— É aqui. Estrada Dune, 300. — Paramos o carro defronte a uma casa toda feita de janelas.

— Nada desprezível, hein, parceiro?

Sim, certo, que seja. A única coisa que este cachorro tinha na cabeça era pôr as patas na praia o mais rápido possível.

— Espere um minuto — disse Bob, prendendo a guia na minha coleira. — Precisamos conversar.

Lá veio o sermão habitual sobre "os méritos do comportamento adequado na companhia de terceiros".

— Ou então... — Bob sacudiu a abominável focinheira na minha cara.

A porta da frente foi escancarada por uma mulher de cabelos curtos e com o rosto tão repuxado que tinha-se a impressão de que a pele fora amarrada atrás da cabeça. As tetas pontudas ameaçavam furar a minúscula blusa preta e as pernas pareciam palitos.

— Bem-vindo a *mi* casa!

Ela atirou os braços (também palitos) ao redor do pescoço de Bob e o beijou bem na boca!

Desnecessário dizer, não fiquei nem um pouco feliz.

Tampouco a fulana, quando me viu.

— Mas o que é isso que você trouxe?

Um momento! Por acaso ela dissera "isso"?

— *Isso é* Miles. Eu lhe falei que teria de trazê-lo comigo, Olívia.

— Mas pensei que você estivesse brincando, querido.

— Dificilmente. Você é alérgica a cães?

— Não, porém acabei de redecorar inteiramente minha casa. Tudo em branco-pérola, conforme você está vendo. Nós não gostaríamos de nenhuma marca de patinhas nos meus móveis novos, não é?

Que tal a marca da minha pata enfiada no seu traseiro, pensei.

— Só terei que mantê-lo longe dos móveis e pronto.

— Presumo que *isso* seja treinado para fazer as necessidades no lugar certo.

— *Miles é* muito limpo e nunca erra o alvo. Gostaria de poder dizer o mesmo a meu respeito.

A risada da mulher me lembrava um caminhão carregado de gansos grasnadores que havíamos passado na estrada.

Seguimos a Grasnadora por todos os aposentos enquanto ela arengava sobre o "trabalho fabuloso" feito por seu "fabuloso decorador de interiores". E como ele decorava apenas as mais "fabulosas casas de Hamptons".

Assunto para o qual tanto eu, quanto Bob, estávamos dando uma cagada fabulosa.

Entretanto, uma coisa me impressionara. A praia ficava tão perto, que era possível quase sentir os grãos de areia entre os dedos dos pés e ouvir o apelo do oceano de cada janela da casa.

— E este é meu fabuloso pequeno deque — ela explicou, finalmente nos conduzindo ao ar livre.

— Dificilmente eu chamaria isto de "pequeno", Olívia.

A Grasnadora lançou um olhar faminto para a braguilha do meu dono e chupou um dedo.

— Se me recordo bem, tampouco *eu*, querido.

— Bela piscina. — Inteligentemente, Bob mudou de assunto.

— É fabulosa, não é? Cada azulejo foi pintado a mão especialmente para mim, por um fabuloso artista na Córsega.

Blablablá.

CHEGADE ENROLAÇÃO E VAMOS DIRETO PARA A PRAIA!

— O que há de errado com esse animal?

Você, obviamente!

— Prometi levar Miles para uma corrida na praia. Acho que ele está ficando ansioso.

É mesmo???

— Melhor eu me trocar.

A Grasnadora deslizou a língua pelos lábios estufados, como se decidindo se iria comer Bob naquele momento, ou no jantar.

— Diga-me, sei que você usa cueca tipo short, mas será que não poria uma sunga?

— Eu não seria pego morto, vivo, ou incapacitado, usando uma sunga.

A Grasnadora grasnou.

— Sei que você vai me fazer arrebrantar de rir durante o fim de semana.

— O que significa inúmeras idas ao pronto-socorro?

Quack. Quack. Quack.

Bob olhou para mim. Olhei para ele. Eu sabia que ele sabia. Aquele não era o início de um belo relacionamento.

A Grasnadora estava estendida em uma espreguiçadeira, quando retornamos ao deque.

— Eis o que eu chamo de pernas sexy.

— Não me embarace, Olívia. Além do mais, são terrivelmente brancas.

— Mas deliciosamente peludas. Pernas cabeludas em um homem me deixam louca.

— Talvez eu devesse raspá-las.

Quack. Quack. Quack.

— Minha empregada queria saber se Milton precisa de um pouco d'água.

— Tenho certeza de que Miles — Bob a corrigiu —, gostaria de um pouco d'água. E eu também.

— Maria!

Minhas orelhas achataram-se contra minha cabeça devido à simples força de sua voz.

Correndo apareceu uma mulher miúda, perfeitamente redonda.

— Sim, srta. Olívia?

No instante em que me viu, ela suspirou e levou as mãos ao peito. Pensei que fosse cair de costas e fingir-se de morta.

— Seu cachorro é igualzinho ao meu Tito Bandito.

— Tito Bandito?

— Sim, tive um chihuahua igualzinho, lá no México.

— Na realidade, é apenas parte chihuahua.

— O meu também. Porém não sei o que mais ele era. Eu amava tanto aquele cachorro. Você entende?

— Sim, entendo.

A Grasnadora levantou-se.

— Desculpe-me, Maria, detesto interromper essa conversinha melosa entre você e o sr.

Masters, mas preciso que nos traga chá verde gelado e um pouco de água para o animal.

— Imediatamente, srta. Olívia. Vou preparar agora. Venha comigo, *baby*. Qual é o nome dele?

— Martin.

— Miles. Como em Davis. Você conhece o legendário músico de jazz? Tocava trompete?

Kind of Blue?

As palavras voaram por cima da cabeça da Grasnadora como uma bola que ela jamais poderia pegar.

— Venha comigo, *signor* Miles — convidou-me a mulher baixinha e roliça. — Vou lhe dar um agrado, *si?*

Bob assentiu, e eu a acompanhei até a cozinha, onde ela me serviu uma tigela de água fresca, bem gelada, e um pratinho com queijo e um pedaço de presunto.

— Você e eu, nós somos bons amigos, certo? Sem dúvida estávamos tendo um bom começo. Ela pôs o rosto junto ao meu.

— Quer dar um beijo em Maria?

Minha barriga disse sim, todavia minha cabeça falou *não vamos apressar as coisas*.

— Oh, você é durão — ela riu, resfolegando.— Age igualzinho ao meu Tito. Ele faz a mesma coisa. E então, quando aprende a confiar, é muito amoroso. Você entende o que estou querendo dizer?

Não muito, porém fingi entender.

— Vamos, *baby*. Maria vai levá-lo para seu papai.

Segui minha nova amiga até o deque. Encontramos a Grasnadora e Bob sentados à mesa, sob um enorme guarda-sol. Maria colocou a bandeja com as bebidas diante de ambos e virou-se para sair. Contudo antes, inclinou-se e sussurrou algo para somente meus ouvidos ouvirem.

— Maria promete cozinhar um filé para você esta noite, *si?*

Enquanto isso, falando em promessas, Bob ainda precisava cumprir a dele. VAMOS! VAMOS!

— O que diabos ele quer agora?

IR PARA A PRAIA, SUA VACA ESTÚPIDA!

— Cães são como crianças, Olívia. Eles sabem que se continuarem cutucando você, eventualmente conseguirão o que desejam.

— Então Marvin conversa com você?

Bob se encolheu.

— A sua própria maneira. Mas se pudesse, estou convencido de que *Mães* seria tão articulado quanto, digamos, William Safire.

— Quem?

./

— Safire? Antigo articulista do *The New York Times*? Especialista em semântica?

Comentarista político conservador?

— Sinto muito. O único jornal que leio é o *Woman s Wear Daily*. E, claro, nunca perco o *Page Six**

Bob sorveu um longo gole da bebida.

— Certo. Hora do passeio. — Levantando-se, ele empurrou a cadeira para perto da mesa.

— Você nos acompanha?

Por favor, diga não.

— Nunca coloquei os pés na praia.

— Verdade?

— Nunca me expus ao sol. Estraga totalmente a pele.

— Mas você parece tão bronzeada, Olívia.

— É bronzeamento artificial, querido. Faço toda semana. Custa-me uma pequena fortuna.

— Você está brincando, não é?

Caderno do jornal *New York Post*, com notícias sobre celebridades, cinema, teatro e moda, além de colunas

sociais e fofocas (N. da T.).

— De jeito nenhum! Cuidar da minha aparência é assunto muito sério para mim.

— E quando o sol se põe? Você vai à praia então?

— Céus, não! A areia estraga completamente o serviço da pedicura, querido.

De novo Bob contraiu os músculos do rosto.

— Certo. Acho que vamos indo.

— Volte depressa, sexy. Vou sentir saudade. Bob não disse nada.

— Haverá Margaritas a sua espera.

— Vai ser preciso muito mais que um jarro para me ajudar a enfrentar os próximos dois dias

— resmungou Bob, enquanto nos dirigíamos à escada.

Caminhamos sem parar. Sem limites. Sem senhoras malucas. Sem trânsito. Sem fumaça de ônibus. Sem calçadas quentes e porosas. Sem guia para me conter. Sem quaisquer outros sons exceto o barulho das ondas arrebatando e se dissolvendo na areia. Poderia ser melhor?

Somente se Jen estivesse conosco.

Quando, finalmente, retornamos à casa da Grasnadora, ela nos esperava no deque. Trajava mais roupas do que antes, porém as tetas continuavam disponíveis para fácil acesso.

— Eu estava ficando preocupada. Você demorou mais de duas horas.

— De jeito nenhum. Não estive fora por mais que meia hora talvez. Certo, parceiro?

Ele sabia que eu sabia que ele estava mentindo.

— Acredite-me, parceiro, queria que fosse possível, mas você não pode vir conosco.

Seja lá do que Bob estivesse tentando me convencer, caía em ouvidos moucos

A Grasnadora surgiu, dissimulada. Usava um vestido tão justo, que me perguntei como conseguia respirar, quanto mais se mover. Parecia o rosto dela, de tão esticado.

— Hora de ir, querido. Meu chofer já está aqui.

— Seu o quê?

— Motorista. Assim poderemos nos divertir despreocupados.

— É a melhor notícia que recebi o dia inteiro.

Quack. Quack. Quack.

Ainda fiz uma última tentativa de convencer Bob a ficar, porém tudo o que obtive foram desculpas esfarrapadas e uma pancadinha mixuruca na cabeça. Então, ele se foi.

Vólte, choraminguei. Por favor, não vá...

Maria se aproximou de mim.

— Não se preocupe, baby. Vamos nos divertir muito. Siga Maria, *si*?

Não. Eu queria ficar ali e sentir pena de mim mesmo. Desnecessário dizer, no momento em que senti o cheiro do que ela estava cozinhando, voei para a cozinha.

— Quando pus o filé na panela eu sabia que você viria até mim, baby. Vou lhe preparar o melhor jantar. Vou usar a melhor louça da srta. Olívia. Você não vai contar a ela, vai?

Uma promessa que eu garantia cumprir!

Maria serviu nosso banquete na sala de jantar e insistiu que eu me sentasse na cadeira ao seu lado. Ceamos à luz de velas. Música suave ao fundo. Serviço completo. Devorei filé, cenouras, arroz e feijão. Lambi meu prato e o dela também. Minha barriga parecia a ponto de explodir.

Maria preparou outro copo de tequila e o sorveu de um gole só. Levantou-se da mesa, aumentou o volume da música e começou a saltitar pela sala, uivando com toda a força de seus pulmões. Eu não conseguia entender as palavras, contudo não me importava. Quando dei por mim, havia me deixado envolver pelo momento.

AUUUUUUUUUUU!

—Oh, meu Deus! Como meu Tito Bandito, ele canta também!

Maria secou as lágrimas e serviu-se de mais um drinque.

—Sinto saudade do meu Tito. Sinto saudade da minha família. Você compreende o que é isto?

Sim, compreendo. E como!

—Seu papai, sr. Bob, parece muito simpático. Por que ele se meteu com aquela vaca, a srta. Olívia?

Não vou entender nunca. Nem quando o inferno congelar.

— Talvez ela o chupe muito bem, ou algo semelhante. Com uma boca daquele tamanho, *si?*

Si.

Depois de terminado o jantar e da louça lavada, era hora de assistir à *maldita-tevê-enorme-da-srta. Olivia*. Claro que eu não iria discutir. Juntei-me a Maria na sala do home-theater.

— Venha se sentar aqui comigo, baby. — Ela deu um ta-pinha no sofá.

Tão logo me acomodei, Maria caiu em sono profundo. E com toda a deliciosa comida pesando em meu estômago, não tardei a imitá-la.

BOB! BOB! BOB!

Maria sentou-se de chofre, os olhos tão arregalados que davam a impressão de que iriam saltar das órbitas e bater na minha testa.

— Hum... ah! Srta. Olívia!

Desajeitada, ela procurou o controle remoto, enfiado no meio de várias almofadas, e desligou o televisor. Então pulou do sofá, resmungando palavras que eu jamais poderia entender, e fugiu dali.

Quanto a mim, zarpei para a porta, quase a fechando em cima de Bob que acabava de entrar. Atirei-me em seus braços e o lambi no rosto. Apenas para provar quanta saudade sentira. Sem me importar que fedesse a álcool.

— Eca — enojou-se a Grasnadora. — Como você pode permitir um cachorro babar em cima de você assim?

— Facilmente — Bob respondeu entre beijos. — É como néctar dos deuses.

— Cada cabeça uma sentença. Você me dá licença um instante? Preciso verificar uma coisa.

Segundos depois, ouvimos a Grasnadora berrando no corredor. Na realidade, ela poderia ser ouvida até em Nova York.

— MARIA! PRECISO DE VOCÊ NA SALA DE TEVÊ! JÁ!

Como um raio, Maria passou por nós correndo, o pânico estampado nas pobres faces.

— *St, si*, srta. Olívia. Estou indo.

— QUE FOI QUE EU LHE DISSE SOBRE ASSISTIR A MINHA TEVÊ, MARIA?

— Mas eu não assisti, srta. Olívia.

Não pretendíamos espreitar, porém era impossível não escutar a conversa.

— DESCULPE-ME, MAS POR ACA60 COSTUMO ASSISTIR A TELEMUNDO?

— Não, srta. Olívia.

— ESSES SÃO PÊLOS DE CACHORRO NO MEU SOFÁ BRANCO? POR FAVOR, NÃO ME DIGA QUE VOCÊ DEIXOU AQUELA CRIATURA IMUNDA SENTAR-SE NO MEU SOFÁ DE VINTE E CINCO MIL DÓLARES FEITO SOB ENCOMENDA?

— Pensei que...

— POIS PENSOU ERRADO, NÃO PENSOU, MARIA?

— *Si*, srta. Olívia.

— E ESSE ÁLCOOL QUE ESTOU CHEIRANDO EM SEU HÁLITO?

— Sinto muito, srta. Olívia.

— VOCÊ VALORIZA SEU EMPREGO EM MINHA CASA, MARIA?

— *St*, srta. Olívia. Muito.

— POIS NUNCA, JAMAIS, FAÇA UMA ASNEIRA COMO ESSA OUTRA VEZ, OU A
DESPACHAREI DE VOLTA PARA O MÉXICO MAIS RÁPIDO DO QUE VOCÊ É CAPAZ DE
DIZER COLHÕES.

Bob olhou para mim. Olhei para ele. Parecia uma boa hora para nosso passeio noturno.

Quando retornamos, a Grasnadora nos recebeu, desmanchando-se em sorrisos. Como se
absolutamente nada houvesse acontecido ali.

— Desculpe o ocorrido. Simplesmente não se pode mais arrumar empregados confiáveis
hoje em dia.

Bob não disse uma única palavra.

— Você gostaria de um último drinque? Tenho uma garrafa de porto, envelhecido por
cinquenta anos, ansiando por ser aberta.

— Não posso recusar. Além do mais, estou começando a ficar sóbrio, o que é totalmente
inaceitável.

A Grasnadora retirou-se. Aguardamos na sala de estar. Eu no chão, claro. Bob no sofá.

— Hum... — Ele fechou os olhos. — Escute o barulho das ondas.

O momento de paz terminou quando a Grasnadora ressurgiu. Usando uma roupa que não
deixava nada para a imaginação.

— Uau, é uma camisola e tanto, Olívia.

— La Perla. Bobby gosta?

— Você parece, ah... muito atraente.

Eu conhecia meu dono o suficiente para saber quando estava falando besteira.

Entregando-lhe o vinho, a Grasnadora se aconchegou a ele.

— Ao amor — ela brindou, erguendo o cálice.

— Ao Mets. Que vença o campeonato de beisebol deste ano.

Lentamente, a Grasnadora deslizou o dedo sobre o queixo de Bob.

— Adoro sua covinha — ronronou.

— Herança do meu avô.

— É algo que me excita.

Pondo o cálice de vinho sobre a mesa, a Grasnadora escorregou a mão pela coxa de Bob, desceu o zíper da calça e mexeu lá dentro. Horrorizado, observei-a arreganhar os dentes e abaixar a boca sobre o...

PINTO! ELA VAI ARRANCAR SEU PINTO FORA!

— O que está *errado* com esse seu maldito *cachorro*?

A Grasnadora levantou a cabeça tão de súbito, que esbarrou na mão de Bob. O cálice dele voou pelos ares e aterrissou emborcado no...

— SOFÁ! NÃO NO MEU SOFÁ!

Em um átimo, a Grasnadora correu para tirar Maria da cama e obrigá-la a limpar a sujeira.

— Uma garrafa de vinho do porto envelhecido. Cem dólares, Uma camisola La Perla.

Trezentos dólares. A expressão de seu cachorro ao impedir o golpe fatal do Carrasco — murmurou Bob, rindo até as lágrimas. — Não tem preço.

— Olívia, se você não se importar, creio que vou dormir no outro quarto.

— Não seja ridículo, querido. Por quê? Só porque perdi o autocontrole minutos antes?

Falando em perder algo, comecei a me sentir enjoado...

— Apenas acho que não está destinado a acontecer conosco.

Muito enjoado...

— Como pode dizer isso? Já fizemos sexo uma vez. Vamos, estou cheia de tesão por você

— disse a Grasnadora, estendendo a mão para a virilha de Bob.

O conteúdo do meu estômago revirou depressa e mais depressa ainda...

— Pare com isso, Olívia.

Engoli com força e mais força, em um último esforço para manter tudo lá dentro...

— O que diabos está errado com aquele cachorro?

— Oh, não — gemeu Bob. — Acho que Miles talvez possa... Correção: ele *vai*...

— VOMITAR!

E foi exatamente o que fiz.

Despejei meu delicioso jantar em cima do precioso tapete branco da Grasnadora.

Bob e eu acordamos com o ruído da chuva batendo contra a vidraça.

— Ótimo, ainda é cedo. Venha, parceiro, vamos dar o fora daqui.

Ele não precisou falar duas vezes.

Quando estávamos escapulindo escada abaixo, Maria se aproximou na ponta dos pés.

— Senhor Bob — ela sussurrou. — Você está indo embora, si?

— *Si*, Maria. Sinto muito você ter se metido em uma encrenca ontem à noite. Como e por que você agüenta aquela mulher?

— Não é fácil, acredite-me. Às vezes a srta. Olívia me irrita muito, porém me paga bem.

Talvez seja o dinheiro que a faça desse jeito, sabe?

— Sim. Dinheiro às vezes faz coisas estranhas às pessoas. Às vezes boas. Às vezes, infelizmente, más. Maria, obrigado por tudo. Em especial por cuidar de Miles.

— O prazer foi meu, sr. Bob. Você quer que eu lhe prepare o café-da-manhã antes de sair?

Abanei a cauda ante a possibilidade.

— Não, obrigado, Maria. É muito gentil da sua parte. Comerei algo na estrada.

Logo antes de partirmos, fiz um cocô gigantesco do lado de fora da porta da frente da Grasnadora.

Deixei um presentinho de despedida para *ela*.

Capítulo XXVII

ob decidiu que seria gentil da *minha* parte levar rosas cor-de-rosa para Jen. Para lhe dar as boas-vindas após a viagem. Mostrar-lhe quanto sentira sua falta. De alguma maneira, eu

sabia não ter sido o único a sentir saudade.

— Ora, ora, e não é o sr. Miles? — perguntou Alberto, o porteiro. — Não tem sido a mesma coisa sem você aqui esta semana.

— Tranquilo e pacífico, suponho — comentou Bob. — Jen está lá em cima?

— Ainda não a vi. É que acabei de chegar. Você quer subir lá?

Com certeza!

— Espere um instante, apressadinho. — Bob puxou minha guia e pediu a Alberto para avisá-la pelo interfone antes.

— Pelo visto, não há ninguém em casa.

— Estranho. Ela me telefonou quando o avião pousou. Talvez esteja presa no trânsito.

Sentamo-nos no sofá do saguão para esperar. Várias pessoas entraram e saíram e nem sinal de Jen. Pela milésima vez, Bob consultou o relógio, puxou a orelha, remexeu-se no assento e pigarreou. Sua paciência, como a minha, evidentemente começara a se esgotar.

— Isso é ridículo. — Pressionando os botões do celular com o dedo, ele resmungou. —

Onde está ela?

Após o que me pareceu uma eternidade, um carro preto estacionou junto à calçada. A porta se abriu. Apareceu uma perna...

Depois outra.

Seguida de um rosto que, inegavelmente, pertencia a...

JEN! JEN ESTÁ AQUI!

— Relaxe, parceiro, estou vendo-a... ENTÃO O QUE VOCÊ ESTÁ

ESPERANDO?

— ...mas creio que ela não está sozinha.

Meu dono tinha razão. Alguém mais descera do carro.

Um homem, para ser exato.

O rosto dele estava virado para o lado oposto, e tudo o que enxerguei foi uma massa de cabelos brancos. Chocado, observei-o tomar Jen nos braços.

— Uau — murmurou Bob. — Uau.

Seria tudo o que uma criatura aparentemente inteligente tinha a dizer? Uau?

Prosseguindo. O homem de cabelos brancos entrou no carro e, enfim, partiu. Jen caminhou para nosso prédio.

— Oh, não imaginei que vocês rapazes estivessem aqui. — Um sorriso grande e culpado iluminou-lhe as feições.

— Sim, estamos aqui há quase uma hora.

Bob, evidentemente, estava irritado. Mas eu não podia ficar zangado com Jen. Perdoei-a no instante em que ela me pegou no colo.

— Você realmente está atrasada. Miles estava ficando preocupado.

Eu não era o único, pensei.

— A bateria do meu celular acabou e aconteceu um acidente na ponte Triboro. O trânsito ficou parado...

— Parece que o problema não a afetou tanto assim.

— Oh, você está se referindo à limusine — ela riu. — Harlan...

— Harlan? — Bob resmungou entredentes.

Que droga era um Harlan?

— ...e eu nos encontramos no avião. O avião estava superlotado e acabei transferida para a primeira classe. Bebemos champanhe durante todo o voo para casa, ele me ofereceu carona e...

— O resto é história. Escute, detesto ser rude, mas preciso ir.

Notei Jen olhando para as rosas. Bob também percebeu. —Tenho um jantar — ele falou, pegando o buquê do sofá. — Não posso chegar de mãos abanando, não é?

Capítulo XXVIII

laro, Josh. Mande Harlan subir. Quem diabos era esse, pensei, fitando Jen. Porém ela não

Cteve chance de explicar. A campainha tocou. SEJA VOCÊ QUEM FOR, DÊ O FORA!

— Miles, psiu! Mas...

— Só um minuto — ela cantarolou. Toda animadinha. E assim, sem mais nem menos, Jen fez o impensável. O inimaginável.

Abriu a porta de nosso lar para outro homem. Um homem de cabelos brancos. Um homem com lábios finos e retesados e olhos pequenos, redondos e brilhantes como os de rato. Dei uma fungada e reconheci o tipo imediatamente. Tão confiável quanto minha capacidade de urinar sem levantar a perna.

VOCÊ NÃO É BEM-VINDO AQUI, BUNDÃO!

— PARA TRÁS, AMIGÃO! — o Grisalho-Bundão latiu de volta. — Você não me assusta nem um pouco!

TAMPOUCO VOCÊ!

— Miles, relaxe. Harlan é meu amigo.

MAS COM CERTEZA NÃO É MEU!

— Sim. Na realidade, pretendo ser um amigo muito íntimo.

O Grisalho-Bundão aproximou-se de Jen, os braços abertos, como se quisesse embrulhá-la e levá-la para muito longe. NÃO DURANTE O MEU TURNO! Avancei para ele e enterrei meus dentes no seu sapato.

— Por que diabos você fez isso? Não é óbvio, escória desprezível?

— Você está bem, Harlan?

— O monstrinho deixou marca de dentes no meu Bruno Magli.

— Puxa, Miles. Isso foi muito, muito feio.

Meu rabo caiu. Como podia ela dizer tal coisa? Esquecera-se de que o único homem que deveria estar ali conosco era Bob? Esquecera-se de que era minha função, como o macho alfa

da casa, protegê-la de todo e qualquer cretino? Em particular dos de cabelos brancos?

Obtive minha resposta quando ela me confinou no quarto. Entretanto, não estava disposto a aceitar minha punição sem lutar. Portanto...

Choraminguei.

Lati.

Uivei.

Continuei com aquele nhenhém até Jen, finalmente, abrir a porta.

Oi. Eu te amo.

— Você vai se comportar agora? Revirei os olhos. Bati as pestanas.

— Por que você tem que ser tão engraçadinho? Porque posso.

Mas quando vi o Grisalho-Bundão sentado no nosso sofá, perdi as estribeiras de novo.

TENHA MEDO! TENHA MUITO MEDO!, rosnei. Outra vez Jen ameaçou me prender no quarto.

Não se incomode — ele falou. — Precisamos sair mesmo.

Correção: apenas *você* deveria ir embora!

— Quanto a você, meu caro amigo quadrúpede, foi um grande prazer conhecê-lo. De fato, sempre que amarrar meus sapatos de quinhentos dólares, me lembrarei dessa sua doce carinha.

Brincalhona, Jen cutucou o Grisalho-Bundão. Exatamente como costumava cutucar Bob.

As coisas poderiam ficar piores?

Escutei a porta do elevador fechar. Então o barulho de dois pares de passadas no corredor.

Um, certo. O outro, muito errado.

— Você não vai me convidar para entrar, Jen?

A voz era familiar. Assim como o cheiro que penetrava sob a porta.

— Não sei se é boa idéia, Harlan.

— Profissionalmente falando, é uma das minhas melhores idéias nos últimos tempos.

— Mas o cachorro...

— Ao diabo com o cão!

Ouvi ruídos. Respiração pesada. Um gemido de prazer, não de dor. ISSO TEM QUE PARAR!

— Miles, por favor, pare de latir — Jen sussurrou através da parede.

DE JEITO NENHUM!

— Você vai acordar os vizinhos!

COMO SE EU ME IMPORTASSE!

— Você evitaria tudo isso se me deixasse entrar. De outra forma, terei que soprar bem forte e derrubar a porta.

QUERO SÓ VER VOCÊ TENTAR!

— Sério, Harlan, você tem sido adorável, todavia Miles necessita de seu passeio noturno e eu bebi um pouquinho demais. Creio que está na hora de nos dizermos boa-noite.

— Sophia? Você está acordada? Você me falou para ligar <quando eu voltasse... Desculpe, não percebi que era tão tarde... Sim, um pouquinho bêbada... O Four Seasons. Excelente mesa, perto da piscina. Champanhe, caviar, tudo o que Unhamos direito...

Farejei os arredores procurando um lugar perfeito para urinar, enquanto escutava partes da conversa de Jen.

— Ele tem... uns sessenta, sessenta e poucos anos, mas está em ótima forma. Muito classudo, elegante, porém há uma certa dureza nele...

Encontrei um local popular, levantei a perna e mirei.

— Acho que é consequência de lidar com estivadores, ou

.1 Igo assim. Ele não tolera desaforos de ninguém... Não, Miles

odiou Harlan...

À menção do nome do Grisalho-Bundão, fiz um cocô imenso em sua honra.

— E então ele mordeu seu sapato... Não é engraçado,

Sophia? Ele estava tão enciumado. É como se não gostasse

de me ver com homem nenhum, exceto Bob...

Conte-me alguma coisa que eu ainda não saiba!

— Mantém uma suíte no Sherry Netherland... E possui

todas essas casas, em todos esses lugares... Eu lhe disse, é

divorciado. Claro que tenho certeza. Isto é, acho que tenho...

Seu terceiro. Não, o quarto... Uma péssima referência, eu sei.

Vamos ao teatro amanhã à noite...

The Producers...

mas então

ele terá que voar para Londres. Não, não sei quando voltará.

Com sorte, nunca, pensei.

* * *

Tentei bloquear a porta para impedi-la de sair, porém meu tamanho me prejudicou.

— Mamãe voltará logo, minha coisinha linda.

Bem, pois mamãe não precisava ter se dado ao trabalho de vir com aquela lengalenga de adular Miles, porque a coisinha linda da mamãe não tinha a menor intenção de acreditar nessa asneira açucarada.

E mais um detalhe: o cachorrinho lindo da mamãe podia ter nascido mudo, mas, com certeza, não era nenhum estúpido! Ouvi Jen rir no corredor.

— É impossível colocar a chave na fechadura quando você

faz isso...

O pêlo das minhas costas se eriçou quando vi aquela cara feia.

ELE NÃO DEVERIA ESTAR AQUI!

— Acalme-se, querido. Você não se lembra de Harlan? SIM. E ELE AINDA PODE IR SE DANAR!

— Um movimento em falso e vou bani-lo para o quarto.

— Tenho uma idéia melhor. Por que

nós

não nos fecha

mos no quarto e deixamos a fera aqui fora?

Em um gesto brincalhão, Jen o empurrou com o ombro.

— Ei, você prometeu ser um bom menino.

— Serei bom — ele enterrou o rosto no pescoço dela. — De fato, você não vai acreditar em quão bom posso ser.

— Harlan!

— Está bem, está bem, já entendi. Agora, quanto àquela xícara de chá que você me prometeu...

— Estou

indo

preparar,

sim.

Fique

à

vontade.

O Grisalho-Bundão estufou o peito

— Acho que você não vai se livrar de mim assim tão fa-

i-il mente, não é, seu merdinha? — ele debochou, sentando-se no sofá.

VEREMOS, rosnei.

Antes que eu pudesse tomar qualquer atitude drástica, fen requisitou o prazer da minha companhia na cozinha. Correção: *exigiu* o prazer da minha companhia na cozinha.

Ela não confiava em mim sozinho com o Grisalho-Bundão. Que piada. Eu não confiava nele sozinho com ela!

Bem, quando o chá do imbecil ficou pronto, Jen retornou à sala com a caneca fumegante.

Cão de guarda em seus calcanhares.

— Harlan, você quer açúcar, ou leite?

— Apenas você, minha deusa. Nua em meus braços.

— Você é persistente.

— É por isso que ganho tanto dinheiro.

Jen sentou-se comigo na poltrona. Um movimento inteligente de sua parte. Talvez existisse esperança.

— O que você está fazendo aí? Ela deu de ombros.

— Não tenho muita certeza.

— Venha cá, garota tola. Juro que não vou morder... Mas *eu*, com certeza, iria, se o maldito ousasse encostar um dedo nela!

— ...E mesmo se mordesse, asseguro-a de que tomei todas as minhas vacinas.

— Um argumento persuasivo, como nunca ouvi.

E assim, sem mais nem menos, minha dona substituiu seu pequeno vira-lata por um cretino monumental.

—Ah, é muito melhor você aqui, pertinho de mim, não é?

Diabos, não!

Jen começou a ficar inquieta, como um cachorro depois de tomar vários baldes grandes de água.

— Por que está tão nervosa de repente? Você estava tão relaxada e deliciosa antes.

— Porque no corredor era seguro.

— Você não precisa ter medo de mim.

O cretino colocou a caneca sobre a mesa. Debruçou-se sobre Jen. Lábios entreabertos.

Cabeça lentamente se inclinando para um lado. Eu tinha experiência suficiente para saber o que estava prestes a acontecer.

Sem perder um instante, pulei da cadeira no sofá, Plan-tando-me firmemente sobre as coxas dele.

— Agora você quer ser meu amigo?

NEM QUANDO O INFERNO CONGELAR!, rosnei baixinho.

— Não entendo. O cão senta no meu colo, porém quando tento afagá-lo, rosna.

— E uma questão de controle. A maneira de Miles mantê-lo em seu lugar.

— Em outras palavras, ele quer que eu guarde minhas mãos para mim mesmo.

Exatamente! Fiquei contente em saber que o velho idiota não era tão burro quanto o julguei.

— Não existe qualquer possibilidade de um animal me dizer o que fazer.

Arreganhei os dentes. É O QUE VOCÊ PENSA, AMIGÃO!

— Tire-o de cima de mim, por favor. Gentilmente, Jen me transferiu para o tapete.

— Desculpe, queridinho. Você não pode ficar aí. Fitei-a, alertando-a de que estava cometendo um sério erro.

Ele bateu as costas das mãos nas coxas, para a frente e para trás, como se um bando de moscas houvesse aterrissado ali.

— Perfeito! Minha calça Armani coberta de malditos pêlos de cachorro.

Sorte sua você não estar coberto de merda, pensei, os olhos grudados no canalha.

Desafiando-o a fazer outro movimento na direção de minha dona.

— Por que ele insiste em me olhar fixamente?

Porque, francamente, eu posso!

—Miles não está acostumado com outros homens ao meu redor. Suponho que seja um pouco possessivo.

— Você está querendo insinuar que terei de competir com um cão estúpido?

Será que o escutei me chamar de estúpido? Ninguém me chama de estúpido!

— Por favor, não chame meu cachorro de estúpido. Ele é inteligente e maravilhoso e me ama incondicionalmente.

— Oh, encaremos a verdade! Cães amam as pessoas porque as pessoas os alimentam. Ponto final.

— De fato, não é assim. Cães nos amam por muitos motivos. Porque cuidamos deles.

Porque os protegemos. Porque somos divertidos. E...

— Sim, sim, sim. O que há com vocês, mulheres solitárias, e seus animais de estimação?

Costumam usá-los como substitutos para os homens ausentes em suas vidas?

— Como é que é?

— Essa obsessão doentia com seus animais. Não entendo.

— Você chama amar e cuidar de um cachorro de "obsessão doentia"?

— Sim, na realidade, sim.

Os músculos do pescoço de Jen pulsaram. Ela cerrou os lábios. Tradução: estava verdadeiramente furiosa.

— Mas você falou que sempre teve cachorros por perto.

— Minhas esposas tinham cães. Eu os tolerava apenas porque não havia outra escolha.

Todavia, para ser sincero, nunca os suportei. Não posso entender por que toda essa gente neurótica trata seus animais como se fossem humanos.

— Então você mentiu para mim?

— certa forma, acho que sim. Percebi que não seria capaz de me meter dentro da sua calcinha se não bajulasse esse seu cão nojento.

— Harlan, acho que você deveria ir embora.

— Tudo bem. Conheço o caminho.

E quando o Grisalho-Bundão se afastou, aproximei-me sorrateiro e o mordi bem atrás do joelho. O fulano tropeçou e perdeu o equilíbrio.

— Porra de cãozrnh! — ele berrou, batendo a porta.

— Cretino, maldito e imprestável! — Jen gritou. Quanto a rnirn, eu não poderia ter me expressado melhor.

Capítulo XXIX

enti cheiro de gato. E, claro, conforme suspeitei, quando Sophia abriu a poria, uma gata Sgrande, gorda, estava grudada aos seus pés.

— Tem mesmo certeza de que essa é uma boa idéia? — |en indagou, hesitando ao entrar no apartamento.

— Certeza absoluta. Lembra-se de como Bali costumava lambe Snoopy todo dia? Aqueles dois eram inseparáveis.

— Mas ele era um cocker spaniel calmo e dócil. Não faço idéia de como o sr. Miles se sente a respeito de gatos.

Baseando-me em experiências passadas, o sr. Miles os considerava egoístas, furtivos, pura e simplesmente tediosos. Aliás, a felina dengosa havia decidido se esfregar em mim.

— Vê só? — perguntou Sophia. — Bali já está apaixonada.

A gata meteu o traseiro cheirando a peixe na minha cara

e ronronou. Então virou-se depressa e pôs-se a deslizar a língua áspera, para cima e para baixo, no meu pescoço. Ok, talvez fosse até agradável, porém isso não significava que eu queria trepar.

Não havia como escapar daquela peste excitada. O apartamento de Sophia era tão entulhado de

livros e plantas, que eu não sabia para onde me virar. Quando dei por mim, Bali tinha me

encurralado em um canto, espremido contra o que pareciam árvores gorduchas e sem folhas.

Tentei escapular, mas algo mordeu meu focinho. Com força. Naturalmente senti-me obrigado a

explorar ao máximo tal infortúnio. AUUUUUUUUUUU!

— Meu pobrezinho! O que aconteceu? Bali o arranhou?

Olhei para a gata. Então de novo para Jen. Sim, claro,

acho que sim.

Sophia, entretanto, não se mostrou convencida.

— Você está vendo aquele espinho minúsculo ali? Creio que Miles andou brigando com meu cacto.

— Onde?

— Bem ali! Cega feito um morcego, hein, querida? Deixe-me buscar minha pinça e darei um jeito no sr. Miles em um instante

Sentei-me no sofá com Jen, esperando e choramingando. Bali revelou possuir bom senso suficiente, pois plantou-se no lado oposto da sala.

Talvez ela não fosse tão estúpida quando eu pensara.

Minutos depois, as mulheres ergueram os óculos no ar e os bateram de leve, um contra o outro.

— Um brinde as suas impressionantes habilidades cirúrgicas.

Sophia sacudiu a juba enorme.

—

Tudo em um só dia de trabalho, certo, sr. Miles?

Lambi-lhe a mão. Graças a ela, meu focinho voltara a funcionar direito.

— As pessoas dizem que dou conta de tarefas múltiplas muito bem.

— Falando nisso, qual era a história picante que você mal podia esperar para me contar?

— Bem, envolve uma certa celebridade local que encontrei ontem à noite, na inauguração da galeria e...

Jen arregalou os olhos.

— E...?

— Ele é um jornalista que cobre assuntos da área médica para um jornal noturno, em uma rede de tevê e...

As palavras de Sophia foram sufocadas por Bali, que resolvera miar do alto de seus pulmões felinos. Provavelmente estava cansada e frustrada porque ninguém — especificamente este cão — lhe prestava a menor atenção.

— Ele? Caramba, Soph! Você tem que estar brincando!

— Que nada. Então esse cara, tão certinho, tão sério, tão conservador na tevê, com o devido respeito ao Juramento de Hipócrates e tudo mais, faz sexo comigo até quase, literalmente, me virar do avesso. E logo depois, antes mesmo de eu me vestir, o bom doutor confessa ter uma noiva, aliás, top model, que está visitando a pobre mãe doente, em Omaha.

— Exemplo de maus modos na cama! Que canalha!

— Exatamente. E agora que vi aquele rosto entre minhas coxas, definitivamente terei que mudar de canal.

Por motivos que eu nunca poderia entender, Jen e Sophia não conseguiam parar de rir.

Assim quando Bali — com uma provocante abanada de rabo — saiu da sala, decidi acompa -
nhá-la. Ela me conduziu pelo corredor até um canto, no banheiro. Que será que haveria de
interessante ali, perguntei-me. Mas quando a observei se agachar na caixa de areia, tudo ficou
muito claro.

Aquela tola maluca queria que eu a assistisse defecar!

Após seu último depósito, Bali graciosamente o cobriu e afastou-se. Miando. Como se
insistindo para que eu reparasse no que fizera. Na falta de algo melhor com o que me ocupar,
andei até a caixa de areia. Dei uma fungada. Odor de peixe, porém não excessivo. Pus um dos
cocôs na boca. Para minha surpresa, o sabor era tão bom quanto o cheiro. Um tanto crocante,
mas gostoso de morder. Enquanto a gata permanecia amorosamente ao meu lado, servi-me de
várias outras gulodices. Isto é, até ouvir Jen me chamar...

— Miles? Você está se metendo em alguma encrenca?

Não que eu soubesse. Todavia, em caso de dúvida, resolvi voltar para a sala e quase
derrubei Bali no processo.

— O que é isto na sua boca?

Nada.

— Oh, não — disse Sophia. — Acho que alguém remexeu na caixa de areia de outro
alguém.

— Você está me dizendo que Miles estava comendo...

Cocô de gato.

— Exatamente. Snoopy fazia isso sempre. É um petisco fino para eles. Semelhante a trufas,
para nós.

— Que coisa nojenta! Será que Miles vai adoecer?

— Não, ele ficará bem. A propósito, falando em petisco, é melhor eu dar uma olhada no
frango.

Sophia lavou os pratos na pia da cozinha.

— Não seja tão teimosa, queridinha. O que você tem a perder?

— Provavelmente, minha dignidade.

— Cresça e apareça. Todo mundo está fazendo isso hoje em dia.

Fazendo o quê, pensei.

— Eu sei, entretanto...

— Não descarte até ter pelo menos tentado. Existem muitos homens por aí que adorariam conhecer uma mulher com sua classe e do seu calibre.

— Oh, por favor. Estou certa de que eles querem garotas jovens, mal saídas da adolescência. Não uma senhora de quarenta e três anos, como eu.

— Ei, você não parece ter mais de quarenta e dois! Anime-se. Onde está sua porção aventureira? Vamos nos servir de um pouco mais de vinho e ligar o computador.

Capítulo XXX

u não sabia o que odiava mais. O maldito telefone, ou aquele maldito computador. Quando Eela não estava falando em um, estava martelando no outro. Mas a coisa ficou pior. Muito pior.

Jen começou a "ter encontros." Tradução: ato de abandonar o cachorro em busca de formas mais elevadas de vida.

Jen jogou os sapatos para o alto, tirou as roupas e desabou na cama. Ficou lá deitada, olhos fechados com força, segurando a cabeça. Encostei meu rosto ao dela. E espirrei.

Alguém, definitivamente, estivera consumindo muito álcool.

— Uau! Estou bêbada! Você está sentindo a cama girar?

Eu não sentia nada.

Tampouco ela, aparentemente, pois caíra em sono profundo.

Comecei a matutar. Se "ter encontros" era um trabalho tão árduo e cansativo, por que Jen

continuava saindo?

Um cão só vai cavando atrás de um osso enquanto acha que vale a pena.

Do tapete no hall para o sofá, para a poltrona, para nossa cama, para a cama de Mia, para a almofada sob a escrivaninha de Jen, para o chão da cozinha e de volta ao início. Onde diabos estava ela?

Eu estava entediado. Eu estava inquieto. Eu estava ressentido. E essa era a receita para mau comportamento.

Jen, convenientemente, deixara um saco de roupas sujas no banheiro. Um muito pungente saco de roupas sujas, para ser mais exato. *Afastese*, disse a melhor parte de mim. *Ah, dane-se*, retrucou a outra. Mal tive consciência do que aconteceu em seguida.

Em termos.

Tão logo Jen pôs os pés dentro do apartamento, atirei-me em seus braços, como um filhotinho agarrando-se à teta da mãe.

— Uau! Que fiz para merecer tal recepção?

Estou-tão-feliz-que-você-está-em-casa-porque-estava-com-medo-de-que-não-fosse-voltar-mais-e-eu-te-amo-tanto-e...

Se eu continuasse beijando-a daquele jeito, talvez ela não notasse, ou não se importasse, com a bagunça que eu havia feito.

— Espere um instante, lindinho. Preciso fazer xixi.

Eu não faria isso se fosse você, pensei, enquanto ela corria para o banheiro. Porém era tarde demais.

— MILES, O QUE VOCÊ FEZ?

Jen sacudiu as calcinhas — o que restara delas — na minha cara.

— Sete calcinhas! Não posso acreditar que você roeu o fundo de sete calcinhas!

Desculpe.

A culpa não foi minha.

Eu não tinha intenção.

Em termos.

*

*

*

Percebi que alguma coisa iria acontecer. Jen estava muito animada.

E desde quando ela cozinhava usando salto alto, vestido e com o rosto pintado daquela maneira?

Mas, conforme me explicou, receberia um convidado para jantar.

Gemi, lembrando-me dos convidados na casa de Bob. E de toda a diversão que eu não havia tido.

— Portanto, meu elegante, peludo amigo, você não deve, em circunstância alguma, considerar essa pessoa aperitivo, prato principal, ou sobremesa. Senão, poderá passar a noite...

A campainha tocou, interrompendo o sermão. De qualquer maneira, não era necessário escutar mais nada. Eu entendera a mensagem.

Em termos.

Então, eis que entra um homem realmente alto, com um par de pés tão compridos quanto meu corpo!

— Para a linda dama — ele falou, entregando-lhe uma garrafa de vinho e um buquê de flores.

Ficando na ponta dos pés, Jen roçou os lábios nos dele. O gesto não marcava o início de uma noite maravilhosa.

— Miles, apresento-lhe meu novo amigo, Michael.

Por mais que eu a amasse, tenho que reconhecer: aquela mulher, com certeza, usava a

palavra *amigo* com demasiada facilidade.

Pés Grandes fitou-me, de cima para baixo.

— Olá, você.

Não me recordo de lhe dar permissão para falar comigo.

— Você é mais bonito do que sua mãe o descreveu. — Ele tirou um osso de couro do bolso.

— Disseram-me que é seu favorito.

De fato, ossos de couro são meus favoritos, mas não você, sir.

— Espero que aprenda a gostar de mim, Miles, porque pretendo passar muito tempo com sua mamãe, tudo bem?

No que dependesse de mim, não passaria não!

Pés Grandes balançou o mímico na minha frente. Pediu-me para sentar, porém, naturalmente, recusei-me sem pestanejar. O fulano já devia se considerar sortudo o bastante porque eu o permitira ficar perto de Jen. No mesmo aposento. No mesmo apartamento. No mesmo prédio. Diabos, na mesma cidade!

— Ele só está sendo espertinho — minha dona interpretou erroneamente. — Claro que Miles sabe sentar.

Para você, sim.

Jen fitou-me como se pudesse ler minha mente. Em vez de arriscar irritá-la, relutantemente, plantei meu traseiro no chão para aquele pateta. Pés Grandes entregou-me minha recompensa, a qual tratei de, no mesmo instante, esconder sob a cama de Mia, apenas por precaução. Ao retornar, Jen estava ocupada, mostrando nosso apartamento ao sujeito. Como se observá-lo perambular por meu território já não fosse preocupante o suficiente, Pés Grandes pisou em cima do meu brinquedo preferido. Um erro imperdoável, punido por...

— MILES!

Mas ele pisou no meu patinho...

— Desculpe, Michael.

— A boa notícia é que decidi não usar chinelos hoje.

— Ele é muito possessivo com suas coisas. Como um menininho.

— Compreendo. Assim como eu e meu Porsche. — Pés Grandes abaixou-se.—A culpa foi minha. Sinto muito, Miles. Não tive intenção de pisar no seu brinquedo

Despreparado para o pedido de desculpa, possuísse eu o dom da fala, estou certo de que as palavras me faltariam.

— Sua determinação em tentar conquistá-lo é mesmo impressionante.

— Confesso ter meus motivos. O caminho para seu coração, evidentemente, passa por esse rapazinho.

Ri sozinho. Ele *não* fazia idéia do que esse rapazinho era capaz, quando lhe fornecida a oportunidade.

— De fato, Michael. Todavia essa missão, caso você resolva empreendê-la, não será fácil.

— Não será fácil em relação a você, ou ao cão?

Ao *cão*, claro.

— Bem, no que diz respeito ao cachorro, levará algum tempo até Miles aprender a confiar em você. Não somente ele é muito macho, como, provavelmente, acredita-se o homem número um da minha vida.

E sempre serei, até Bob, por direito, assumir meu lugar.

Será que esse cara não vai embora nunca?

Primeiro, fui obrigado a agüentá-lo sentado a nossa mesa, comendo nossa comida. E agora, lá estava ele, escarrapachado no sofá, com Jen. Perto demais para meu gosto. Tratei de me espremer entre os dois para criar minha própria e especial barreira canina.

— Acho que ele se considera meu guarda-costas.

— Cachorro sortudo — falou Pés Grandes. — Eu gostaria de me candidatar ao cargo.

Jen me transferiu para o outro lado do sofá. Um movimento não apenas inaceitável, como uma ameaça à segurança também. Imediatamente retornei ao meu posto.

— Chatinho persistente, hein?

E este chatinho persistente estava só começando! —Agora fique quieto — disse Jen, pondo-me de volta no mesmo lugar. — E pare de se comportar feito um pestinha.

Mas *ele* era o convidado peste, não eu! Como podia ela me insultar assim, quando eu apenas zelava por seus interesses?

Pés Grandes se esgueirou para perto de Jen e fungou-a de leve no pescoço.

— Qual é o nome de seu perfume?

— Tiffany.

Pés Grandes enterrou o rosto no pescoço dela. Jen riu. Eu conhecia os sinais. E eram todos péssimos.

Concluí que minha única esperança seria ela, de algum modo, acordar, sentir o cheiro da encrenca e mandar aquele paspalho dar o fora. Entretanto, infelizmente, julgando pela expressão de ambos, isto não iria acontecer tão cedo.

— Pele tão macia — ele murmurou, acariciando-a no braço.

Jen mordiscou o lábio. Uma de suas pernas começou a balançar. Ela estava nervosa, porém excitada. Excitada e ardente. A pior espécie.

— Você realmente é uma mulher maravilhosa, calorosa, generosa. E que cozinheira, uau!

Jen escondeu o rosto nas mãos.

— Aposto que você diz isso para todas as mulheres que conhece na internet.

— Nunca. Todas elas mentem. Quanto a você, bem, você se subestimou.

— Ora, vamos.

— Verdade. Qualquer homem teria muita sorte de tê-la.

Não qualquer homem. Apenas um. E seu nome era Bob. Pés Grandes levou a palma de

uma das mãos de Jen à boca e beijou-a.

— Você não apenas é meiga, mas tem um gosto delicioso também.

Antes que essa pequena dança de acasalamento fosse em frente, eu sabia que precisava tomar uma atitude.

Depressa.

Assim, expeli gases.

Inúmeras vezes, na realidade.

Jen aspirou o ar. Fez uma careta. Lançou-me um olhar do tipo: sei-o-que-você-fez.

Para enfatizar meu argumento, pulei da cadeira e esfreguei o traseiro no tapete.

— Desculpe, mas acho que Miles precisa...

SAIR? SIM! SAIR!

Voei para a porta.

— Você se importaria se eu a acompanhasse?

Claro que nos importaríamos.

— De jeito nenhum — falou a mulher-que-costumava-amar-seu-cachorro.

Pés Grandes segurou a mão de Jen enquanto caminhávamos. Como se fôssemos todos uma grande e feliz família. Fui obrigado a escutá-lo dizer tim monte de porcaria. Falando na qual...

— Michael, cuidado! Miles acabou de...

Antes que Jen pudesse alertá-lo, um dos pés grandes daquele pateta aterrissou bem em cima de um lindo monte fresco de...

— Merda!

— Sinto muito. Tentei avisá-lo. — Jen estreitou os olhos, fitando-me. — Aposto que você está achando isso muito engraçado, não é?

Histericamente engraçado.

— Talvez seja um sinal para eu reconhecer a derrota e entregar os pontos essa noite. — Pés

Grandes tentou limpar o sapato no meio-fio, esforçando-se para manter a calma.

Mas ele sabia que eu sabia que ele estava fumegando de raiva.

— Bem, já é muito tarde.

— Sim, e amanhã preciso levantar cedo.

E então, em um piscar de olhos, sem aviso prévio, Pés Grandes a puxou para si e grudou os lábios nos dela. Por tempo, tempo demais para meu gosto.

PARE AGORA! NÃO POSSO MAIS ASSISTIR A ISSO!

— Está bem, Miles! Já entendi.

Pés Grandes, todavia, demonstrou não possuir senso humor.

— Guarde meu lugar. Com certeza voltarei para mais. E muito em breve.

Não no que dependesse deste cachorro. Com os diabos que voltaria!

Capítulo XXXI

J. en me pediu permissão para fazer algumas "compras". Tradução: precisava de alguém em quem pôr a culpa, caso gastasse dinheiro demais.

Quanto a mim, não me importava o que ela faria, ou aonde iria, desde que fôssemos juntos.

(Embora um bom ar-condicionado, certamente, me parecesse um bônus extra.)

No instante em que cruzamos a porta envidraçada da loja, um homem nos cumprimentou, sorridente.

— Boa tarde — disse ele.

BOA TARDE UMA OVA!

— Miles, por favor, seja gentil. Ele não pretende causar-lhe nenhum mal.

Baseado em quê, exatamente, Jen formara aquela opinião?

— Isso mesmo — disse o sujeito. — Bloomingdale's é uma loja simpatizante de cães.

Como se aproveitando a deixa, uma poodle micro, branca, galopou na minha direção.

Depois de umas fungadas a esmo, ela meteu a cabeça sob minha barriga e começou a lambar.

Não sendo o tipo que perde tempo, decidi mostrar-lhe quem era o papai ali. A mulher do outro lado da guia da cadela, contudo, não aprovou o gesto e imediatamente arrancou a poodle das minhas garras.

O que esse cachorro nojento está tentando fazer com minha Precious?

Trepar nela, obviamente.

— Não se preocupe — interveio Jen. — Miles é inofensivo. É castrado.

— Não é desculpa para a falta de boas maneiras.

— Um momento. Sua cadela tomou a iniciativa. Ela lambeu... o... do meu cachorro.

P-I-N-T-O.

— Minha Precious nunca faria algo tão rude, ou grosseiro — afirmou a mulher, virando-se para sair. — É uma moça fina e bem-educada.

Sim, pensei. Tanto quanto sou um mastim com uma enorme ereção!

Então eu os vi, esperando-nos. Sob todas aquelas luzes faiscantes. Enfileirados no chão brilhante, quadriculado em preto-e-branco. Como animais espreitando a presa. Cada qual exalando seu próprio cheiro desagradável.

E quando estávamos a uma distância razoável, eles lançaram-se sobre nós. Um após o outro.

Jen gostaria de "maquiagem e cabelo grátis"?

Algo para suavizar "rugas e marcas de expressão"?

Amostra de um "fantástico creme novo para a noite"?

Ganhar um "maravilhoso presente em qualquer compra acima de cinqüenta dólares"?

Gostaria de experimentar o perfume Pretty?

Que tal Poison?

Happy?

Passion?

Uma garota com um brinco reluzente no nariz pulou no nosso caminho.

— Lucky You? A nova fragrância da Lucky Jeans?

SE VOCÊ NÃO SAIR DA NOSSA FRENTE, SUA SORTE VAI ACABAR JÁ!

— Miles, pare de latir para todo mundo — murmurou Jen. — Essa gente está apenas tentando fazer o seu trabalho.

Mas eu também, pensei. Eu também.

— Posso apresentá-la ao True Love*? — sussurrou um homem de olhos e cabelos escuros, ocultando o frasco minúsculo nas mãos enormes.

— Obrigada — respondeu Jen, apontando para mim. — Já encontrei.

Encontramos também outra coisa.

Uma rota de fuga.

Ao sairmos do elevador, o celular de Jen tocou.

— Oi, Soph... Miles e eu estamos na Bloomie's... É a primeira visita dele... Não tenho muita certeza. Ele ficou um pouco apavorado quando estávamos na seção de cosméticos... Procurando algo atraente para usar essa noite... Não, todavia, bem, acho melhor estar preparada, caso... Ela andou pelos arredores, alegremente tocando isto e aquilo. Seria saliva no canto de sua boca?

— Eles têm a lingerie mais linda aqui. Tão sexy. Queria poder comprar tudo. Mas não tenho dinheiro... Eu sei, cartões de crédito são para isso. Deixe-me desligar agora para prestar atenção no que estou fazendo. Ligo para você mais tarde...

Assim que Jen reuniu quase mais roupas do que conseguia carregar, rumamos para o provador mais próximo. Isto significava ficar na fila com várias outras mulheres que, pelo jeito, também haviam se dedicado a garimpar e juntar.

Por sorte, a espera não foi longa. Ótimo, porque minha paciência costuma ser um tanto, digamos, curta.

— Ufa — suspirou Jen, fechando a porta de um quarto do tamanho de um armário. — Agora tenho que experimentar toda essa roupa.

* Verdadeiro Amor em inglês {N. da T.).

Desnecessário dizer, uma perspectiva pouco animadora. Jen observou-se refletida no espelho e gemeu.

— Esse sutiã dá impressão de que tenho quatro tetas.

Lá de onde eu venho, quatro tetas eram consideradas algo bom. Na realidade, quanto mais, melhor.

Sutiã removido e substituído por outra peça.

— Você acha que esse short-doll é quente?

Julgando quão pouca pele o tecido cobria, eu diria o oposto.

— Ai. Quase duzentos dólares! Não há justificativa alguma para gastar tanto dinheiro.

O tira-e-põe de roupas continuou. Uma peça a transformava em uma "vaca gorda". Outra fazia seus "peitos parecerem caídos". E outra, ainda, a "marcava no lugar errado".

Se comprar devia ser tão divertido, por que ela reclamava tanto?

De súbito, um cheiro familiar bafejou meu focinho. Só podia ser. .

FRANGO?

Meu focinho e barriga apontaram o paradeiro da gostosura. Convenientemente, no cubículo ao lado. Enquanto Jen espremia as tetas em outra geringonça transparente, supus que não se importaria se eu passasse sob o vão da parede e desse uma olhada nos arredores.

Para surpresa de uma fulana gorda e pelada, que não estivera esperando companhia! Em especial a de um vira-lata faminto e levemente acima do peso.

— Tem um animal solto no meu provador! — ela guinchou, saindo porta afora.

Uma atitude bastante simpática. Considerando as circunstâncias.

Eu estava prestes a rasgar o saco de frango, também convenientemente deixado no chão,

quando Jen interrompeu-me.

— MILES, VOCÊ ESTÁ. .

Eu sei. Encrencado.

Várias desculpas depois, dona e cão submisso voltaram ao provador. Sentei-me lá, todo obediente. Claro, minha guia estava firmemente amarrada em uma cadeira. Lembranças da quase-refeição ainda dançavam em minha mente enquanto ela demorava uma eternidade para decidir o que "realmente não tinha dinheiro para comprar", mas "realmente não conseguia resistir".

—Pensando bem — falou Jen —, nunca repus todas aquelas calcinhas que você roeu, senhor.

Este cão fingiu-se de desentendido, porém eu sabia que ela sabia que eu entendera muito bem.

Uma mulher com um traseiro tão largo quanto a cintura era fina, nos aguardava do lado de fora do provador.

— Posso levar essas coisas para você.

Sem pensar duas vezes, Jen entregou-lhe tudo o que se esforçara tanto para garimpar e reunir. Nenhum cão, em sã consciência canina, *já* faria!

— Venha, Miles. Vamos ver o tamanho do estrago.

Cegamente, seguimos a mulher até o balcão.

— Total de cento e quarenta e oito dólares e noventa e três centavos. Você quer que eu debite em seu cartão Bloomingdale's?

— Claro... ah... oh... puxa. — De súbito, Jen cerrou os dentes, como se estivesse sentindo dor. — Eu... oh, droga... Isto é tão embaraçoso. Desculpe, não posso comprar essas coisas agora.

Suas costas e ombros caíram, como se desejasse fechar-se em si mesma e desaparecer.

Imaginei que os "estragos" haviam sido piores do que o esperado.

E eram.

Entretanto, não tinham nada a ver com dinheiro. Tinham a ver com...

B. .

Antes que eu pudesse terminar, Jen me segurou no colo e escondeu-se atrás do balcão, os dedos apertados ao redor de meu focinho.

— Fique quieto. Calado. Não quero ouvir nem um pio.

Eu sabia que, às vezes, ela agia de modo estranho. Mas esse desempenho merecia medalha de ouro.

Traseiro Largo fitou-nos, por sobre as lentes dos óculos.

— Posso ajudá-la?

— Está vendo aquele homem de camisa pólo branca e jeans? Com aquela morena alta, usando uma microminisaia?

Traseiro Largo assentiu.

— Ele é meu ex-namorado e este não é um bom momento para nos encontrarmos, se você me entende.

— Pode apostar que sim!

— Eles ainda estão aí?

— Sim. A garota está olhando os nossos itens mais recentes importados da França.

Evidentemente possui gostos caros. Agora está mostrando a ele um sutiã meia-taça de renda vermelha, debruado de preto, e tanga igual. Ele se virou para atender ao celular.

— Você acha que é um momento seguro para eu escapular?

— Talvez... Não, espere. Shhh. Não se mexa. Ele está vindo nesta direção.

Precisei sufocar outro latido. Por que ela não me soltava?

— Com licença...

Bob estava bem em cima de nossas cabeças. Eu podia sentir o cheiro de sua loção.

— Você poderia me emprestar uma caneta e um pedaço de papel?

Existem momentos na vida de um cão em que é necessário tomar as rédeas da situação nas próprias patas. Arrebanhando a força de dez dinamarqueses, consegui me soltar e...

BOB! BOB! BOB!

— Miles! Que você está fazendo aqui?

Se eu fosse capaz, teria lhe feito a mesma pergunta.

— Onde está Jen?

Movi a cabeça e lati.

ELA ESTÁ ESCONDIDA ATRÁS DO BALCÃO.

— Olá — resmungou Jen, levando-se sem jeito.

— Você estava conduzindo alguma negociação importante aí embaixo, ou algo parecido?

— Isto é realmente desconfortável.

E como!, pensei.

Uma garota, comprida feito um espeto, apareceu ao lado do meu dono.

— Para onde você fugiu?

Jen olhou para ela. Ela olhou para Jen. Bob olhou para as duas. Ele me lembrava um chihuahua com um filé grande e suculento entre os dentes, pego entre um par de pitt bulls. Que não comiam há dias.

Bloomingdale's podia ser uma loja amigável em relação aos cães. Porém eu não tinha tanta certeza sobre os humanos ali reunidos.

Jen saiu da loja de mãos vazias.

Em mais de um sentido.

Capítulo XXXII

ão precisei ver o problema para farejá-lo. Não é que depois do meu passeio noturno,

Naqueles malditos pés grandes nos seguiram de volta para o prédio.

E para dentro do elevador.

Quando dei por mim, a boca dele estava sobre a dela. Felizmente, chegamos ao nosso andar antes que o sujeito engolisse Jen inteira. Infelizmente, ele insistiu em acompanhá-la até o interior de nosso apartamento, o nariz quase enfiado no traseiro dela.

Pés Grandes puxou-a para perto.

— Estou prontíssimo para fazer-amor com você. Jen afastou-se. Ainda havia alguma esperança.

— Seria algo assim tão ruim?

Na realidade, pior do que ruim. Um desastre, diabos!

— Sim. Isto é, não. — Ela roeu a unha. — Quero estar com você, Michael. Com certeza já pensei nisso. Muito. Não sei qual é meu problema. Você tem sido tão gentil e paciente. E é realmente bonito e...

— Você está fazendo tempestade em copo d'água, baby. Relaxe. Sabe que eu nunca a forçaria sem que estivesse pronta.

— acredite-me, acho que estou pronta. Só que, bem, já se passou algum tempo, e você compreende como é. A gente se acostuma a agir de uma determinada maneira e...

Ele não a permitiu terminar a frase. Horrorizado, perguntei-me como Jen conseguia respirar enquanto Pés Grandes a devorava.

— Pausa, Michael. Meus joelhos estão um pouco fracos.

— Então vamos nos sentar no sofá. A propósito, é permitido?

Não pelas minhas regras!

Quando Jen ia retrucar, ele cobriu-lhe a boca com a mão.

— Resposta de uma só palavra, por favor. Não. Ou... Encolhi-me, ansioso. Por favor, não diga...

— Sim.

E assim Pés Grandes a levou até o sofá e, delicadamente, a fez assumir a posição submissa. Depois se acomodou, espertamente não deixando nenhum espaço para mim. E o pior, minha dona parecia não se importar. Desabei no tapete como um cocô velho e ressecado, que ela se esquecera de jogar no lixo.

Enquanto ambos ficavam lá deitados, trocando saliva, as mãos igualmente grandes de Pés Grandes deslizaram pelo corpo dela. Ele desabotoou-lhe a blusa. Expôs uma teta. Sugou-a. Ganiu, como um filhote saciado. Jen gemia de prazer, não de dor. Um ótimo sinal para ela. Um péssimo sinal para mim.

As coisas estavam realmente esquentando entre aqueles dois. Se eu não fizesse algo para esfriá-los já, eu também logo estaria frito.

De repente uma idéia me ocorreu.

— Que diabos Miles está fazendo?

Levantei a cabeça. O que parecia, idiota?

Jen não disse uma palavra, porque estava morrendo de rir.

— Não posso acreditar que ele está se masturbando! Caramba, ele tem um troço enorme...

Nunca vi um cachorro tão...

Bem dotado, talvez?

— Michael, por favor, pare.

Jen levantou-se do sofá e correu, as coxas apertadas como se para impedir que alguma coisa caísse.

— Oh, meu Deus! Preciso ir ao banheiro.

Enquanto isso, adivinhe quem estava plantado no meio da sala, com uma ereção monumental?

Pés Grandes rosnou para mim.

— Mais uma vez você conseguiu arruinar o momento.

Eu sabia que ele sabia que aquele fora meu plano.

— Porém a noite ainda é uma criança, meu caro amigo peludo. No final das contas, seu blefe de nada vai ter adiantado.

Pois tente, pensei. Tente.

Ele a esperou do lado de fora do banheiro. Tão logo ela abriu a porta, foi pega no colo.

— Michael — Jen gritou. — Para onde você está me levando?

Eu sabia, exatamente, para onde o canalha rumava. Preparei-me para impedi-lo, mas não fui rápido o bastante para voar para dentro do quarto antes que a porta fosse fechada. Na minha cara!

A idéia de minha dona, desprotegida, sozinha com aquele homem, beirava o insuportável.

Não podia ficar ali sentado sem fazer nada.

DEIXE-ME ENTRAR!

Nenhuma resposta.

JEN, VOCÊ ESTÁ BEM?

Nenhuma resposta.

Arranhei a porta.

VOCÊ NÃO ESTÁ ME OUVINDO?

Nenhuma resposta.

Tornei a arranhar.

ESTOU FICANDO IRRITADO AGORA! REALMENTE IRRITADO!

Ainda nenhuma resposta.

COMO VOCÊ PÔDE FAZER ISSO COMIGO? TENHO SIDO LEAL. DEVOTADO.

AMOROSO. TENHO FICADO AO SEU LADO NA ALEGRIA E NA TRISTEZA. E É ASSIM

QUE ME AGRADECE? COMO PODE SER TÃO INSENSÍVEL? DEIXE-ME ENTRAR!

Prossegui fazendo o maior barulho até que, finalmente...

— Desculpe, Michael, mas preciso deixá-lo entrar.

— Não faça isso. Ele não pode continuar latindo para sempre.

OH, SIM, POSSO SIM!

— Miles é muito teimoso. Insistirá até obter o que quer.

COM CERTEZA!

— Isso é ridículo. Você estragou aquele cão de tanto mimá-lo.

COM BOM MOTIVO!

— Sinto muito. É assim que as coisas são.

Claro que, no instante em que Jen abriu a porta, perdoei-a por tudo. Isto é, até ver quem estava deitado sobre os lençóis. Pelado. Eu chegara tarde demais? O ato indecente fora praticado?

— O problema é que Miles nunca me viu com homem algum, exceto Bob. Deve sentir-se confuso.

— Jen, não é como se ele fosse uma criança. É somente um cachorro.

— Não, Miles não é somente um cachorro. É da família. Um membro íntimo da família. Possui certos direitos.

Apenas para provar o argumento, pulei na cama. Soltei um pum na cara do Pés Grandes. E, então, com ar indiferente, aninhei-me sobre meu travesseiro preferido.

— Não sei se posso fazer amor com você enquanto ele estiver deitado aqui.

Ha-ha-ha...

Gentilmente, Jen me transferiu para o tapete.

— Desde que permaneça no mesmo ambiente onde estou, ele ficará feliz. Não é, Miles?

Difícilmente.

Recusei-me a desviar o olhar do Pés Grandes. Tentando confundi-lo. Intimidá-lo. Fazê-lo perder a concentração.

— Ah, caramba, isso é ridículo. — Ele sentou-se.

— Algo errado, Michael?

— Seu cachorro continua me encarando. Está me deixando bastante desconfortável.

Precisamente minha intenção.

— Apenas ignore-o — falou Jen, tentando puxá-lo para cima de si.

— Não vai funcionar. Droga! Perdi totalmente a ereção.

— Talvez eu possa ajudá-lo.

— Não, foi-se o momento. Esqueça. Acabou-se.

— Michael, talvez se você relaxasse um pouco.

— Como posso relaxar com esse... esse animal aqui? Para qualquer canto onde olho, lá está ele. Ele está aqui. Ele está ali. E ele o sabe também. O merdinha sabe que tem todas as cartas na mão.

Correção: pata. O merdinha sabia ter todas as cartas na pata.

— Como você pode querer ter outro relacionamento?

— Não sei. Talvez essa coisa toda apenas não estava destinada a acontecer.

Jen levantou-se da cama, tirou o robe do armário e cobriu o corpo.

— Por favor, não me diga que você vai pôr o cachorro na minha frente.

— Miles

estava

aqui

antes

de

você,

Michael.

Pode ter certeza que sim, pensei

— Não posso acreditar. Tem sempre alguma coisa com vocês, mulheres. Ou é isso, ou aquilo. Inacreditável. Derrotado por um cão. Um maldito cão! — ele gritou. — Chega! Basta de namoro pela internet!

Quanto a mim, sentia-me como se houvesse acabado de vencer uma briga com um pit bull.

Correção: com uma *matilha* de pit bulls.

Capítulo XXXIII

árias noites depois, achava-me sentado com Jen e Sophia,

Vem um café ao ar livre.

— Tudo o que posso dizer é: "quanto mais conheço os homens, mais gosto de cães".

— Li essa frase uma vez, em algum lugar — observou Sophia. — Mas onde?

— Foi dita por uma sábia mulher, madame Roland, comentando a condição do romance, nos idos do século XVIII.

— Imagino que as coisas não tenham mudado muito ao longo dos anos.

— Com certeza.

— Porém isso não significa que você deva desistir dos homens. Eles têm uma ferramenta muito importante, especificamente: o pênis, que nos faz funcionar quando estamos abatidas.

Você precisa tornar a montar naquele cavalo virtual e começar a galopar atrás de novos pretendentes.

— Não posso. Com certeza não agora.

— Mas você parecia a rainha dos encontros. Sem dúvida dava a impressão de estar se divertindo bastante.

Na minha opinião, aquele tipo de "diversão" é excessivamente super-estimado.

—

Verdade.

Todavia,

responder

aos

anúncios

tornou-se

quase um desafio literário. Era como vencer uma competição sempre que eu capturava o interesse de alguém. Estava constantemente checando meus e-mails. Pensando em coisas inteligentes para dizer. Como em uma disputa verbal. E então havia vários telefonemas. Quase sempre seguidos de drinques ou cafés informais. Ou, às vezes, de um jantar, caso tudo transcorresse bem. O processo inteiro consumia tempo demais. E meu livro, definitivamente, sofreu por causa disso.

— Ainda não posso acreditar que depois de todo esse esforço você não transou com ninguém.

— Ei, lembre-se, escolha minha. Não deles. E, sem dúvida, as oportunidades foram muitas. Entretanto, eis o "x" da questão. Se pretendo terminar o livro, não posso ter qualquer distração. A história provavelmente jamais será publicada, mas para mim é vital conseguir terminar o livro.

— O que nos traz ao motivo pelo qual insisti para que viesse hoje aqui. Convidei alguém que acho que você deveria conhecer.

Soou-me péssima idéia. Julgando pela expressão de Jen, ela partilhava da mesma opinião.

— Sophia, por favor, não me diga é esse alguém é um homem.

— Relaxe. Não é para ser um encontro arranjado. Embora ele seja simplesmente delicioso. Não, será apenas uma conversa sobre negócios.

— Sim, claro, não se trata de armação alguma — ironizou Jen, sorvendo um gole da bebida. — E quem é o intruso?

— Benjamin Whitestone. Agente literário. Conheci-o na semana passada, em uma reunião.

Um pouco jovem demais, mas definitivamente competente. Durante muitos anos foi editor da Randon House. Contei-lhe sua idéia de escrever um livro sobre cachorro, e ele mostrou interesse. Sugeri nos encontrarmos para jantar, para que vocês pudessem conversar em um ambiente informal.

— Verdade?

—E eu ia inventar uma coisa dessas?

—Uau! — Jen pôs-se a dar tapas em ambos os joelhos, sem cessar.

Sob a mesa, Sophia segurou as mãos da amiga.

— Chega. Pare com isso. Você está me deixando nervosa.

E a mim também, para ser sincero.

— Desculpe. Estou só excitada. É maravilhoso você nos apresentar.

— Lembre-se, não há nada garantido ainda.

—Eu sei. A propósito, como ele se sente em relação a cães? E preciso gostar de cachorros para gostar do meu livro.

— Os pais e a irmã são veterinários. Tivesse Benjamin um pouco mais de interesse em ciências, poderia ter abraçado a profissão da família. Satisfeita?

— Hum-hum.

— Falando em Benjamin, lá vem ele.

Virei a cabeça. Um homem de cabelos claros e revoltos acabara de descer de um táxi.

Acompanhado de um filhote de terrier, também de pêlo claro e revoltado.

— Será que você poderia parar de babar antes que eu a apresente ao rapaz?

— Só para saber, você está...?

— Não se preocupe. Benjamin não é meu tipo.

— Pensei que você não tivesse um tipo definido.

— E não tenho. Mas tenho fases. Como Picasso. No momento, estou na fase dos tipos

europeus, barbados, esguios, de óculos escuros e contas de celular astronômicas.

— Quantos anos tem o rapaz?

— Trinta e poucos, aproximadamente.

— Ai. Mal saído da barriga da mãe.

— Dizem que ele tem uma queda por mulheres mais maduras. A mãe dele é dez anos mais velha que o pai. Imagino que Benjamin deseje manter a tradição. — Sophia agitou os braços no ar. — Olá! Benjamin, Benjamin, aqui!

Rapaz Louro sorriu, acenou de volta e começou a caminhar na nossa direção. Porém, a cada passo, era obrigado a parar. Parecia que todo mundo pretendia fazer estardalhaço à passagem de seu amigo peludo. Por que razão? Simplesmente porque o terrier desfilava o repertório de gracinhas e chamegos como um profissional? Fingia estar alegre de ver cada pessoa? Distribuía beijos a todos os estranhos? Que monte de besteira! Fazia-me espumar a ração de raiva!

Quando o espertinho estava prestes a alcançar nossa mesa, pulei em todas as quatro patas. Rabo ereto. Narinas frementes. Pronto para proteger os direitos exclusivos do meu território.

FILHOTES NÃO SÃO BEM-VINDOS AQUI!

Esta saudação não agradou muito minha dona. Tampouco os fregueses sentados ao nosso redor.

— Por favor, não me envergonhe — ela falou, colocando-me no colo e segurando-me firme.

— Desculpem o atraso — disse Rapaz Louro ao chegar a nossa mesa. — O trânsito estava horrível.

— Benjamin, esta é minha melhor amiga e escritora promissora, Jen Levy.

— Melhor amiga, com certeza. Quanto à escritora, ainda veremos. Prazer em conhecê-lo.

— Da mesma forma.

Rapaz Louro estendeu a mão para cumprimentá-la, porém eu, claro, rosnei antes que qualquer contato físico se concretizasse.

— E suponho que esse seja Miles. — Ele riu. — Sua reputação sem dúvida o precede.

De um cara-durão-que-não-leva-desaforo-para-casa, talvez?

Quanto ao filhote, estava determinado a obter minha atenção. Assumiu a posição básica de "vamos brincar"— traseiro empinado no ar, peito e patas colados ao chão —, acompanhada de uma saraivada de latidos irritantes

— Murphy, por favor, sossegue.

— Acho que ele apenas quer conhecer Miles — disse Jen. Nada mais longe da verdade.

Conforme imaginei, no momento em que minhas patas tocaram a calçada, Filhote Louro lançou-se sobre mim. Tentei permanecer calmo, todavia até onde podia um cachorro agüentar?

PARA TRÁS!

Filhote Louro recusou-se a entender a indireta.

ESTE É SEU ÚLTIMO AVISO!

Um cutucão final e perdi as estribeiras. Virei-me e afundei os dentes na coxa do chatto. Não com força suficiente para machucá-lo, mas pareceu-lhe o bastante para que ganisse, uivasse e fizesse um estardalhaço tal como se eu o estivesse matando. De novo, fui transformado no vilão.

— Não posso culpar Miles — admitiu Rapaz Louro. — Murphy estava sendo realmente detestável. Se alguém houvesse me provocado dessa forma, eu também o teria socado.

O gosto do sujeito por cães podia ser horroroso, mas, pelo menos, ele possuía algum grau de inteligência.

Filhote Louro, por sua vez, aprendera a lição e passou o restante da noite deitado aos pés do dono. Perfeitamente comportado. Sem mexer um pêlo.

A idade, às vezes, traz algumas vantagens.

— Vá em frente, querida — disse Sophia, chamando um táxi. — Há uma pilha de trabalho esperando por mim sobre a escrivania.

E assim, Jen e eu fomos deixados, sozinhos, com *eles!*

— Então tudo bem se eu a acompanhar até sua casa? — Rapaz Louro indagou.

Não. De jeito nenhum. Mas por acaso alguém pensara em pedir minha opinião?

— Claro — respondeu Jen. — Eu adoraria.

Filhote Louro saltitou em frente, confraternizando com cada cachorro e/ou pessoa que cruzava seu caminho. Ninguém nem sequer notava minha presença. Inclusive Jen e Rapaz Louro, por demais imersos em sua conversa para ao menos se importarem.

Desnecessário dizer quanto fiquei animado quando, enfim, chegamos ao nosso prédio.

— Bem, é aqui. Mais uma vez obrigada por concordar em dar uma olhada no meu livro, Benjamin.

— Não há de que.

Não gostei do jeito como o fulano sorria para ela.

— Talvez você tenha inventado um novo gênero... literatura canina.

— Literatura canina? Soa bonitinho.

— Sabe, sua risada é deliciosa.

Oh, não! O cara emitia todos os sinais conhecidos. Estava interessado em Jen.

— Ah, puxa, obrigada.

Ela cobriu a boca com a palma da mão. Olhou para baixo. Olhou para cima. Colocou os cabelos atrás das orelhas várias vezes. Ou seja, embora desconfortável, estava interessada no Rapaz Louro.

— Bom — Jen pigarreou, clareando a garganta. — Vou lhe enviar os três primeiros capítulos e o resumo. Só preciso fazer uns ajustes finais.

— Poupe o dinheiro da postagem. Vá até o escritório. Será ótimo revê-la.

— Da mesma forma. — Jen fitou os próprios pés. — Gostei muito de conversar com você.

— Hum... eu estava pensando... Você gostaria de jantar comigo?

Dei um puxão na guia. ELA JÁ COMEU, PORTANTO... SE MANDA!

— Miles, espere um instante. Mas eu quero ir AGORA!

— Você está propondo um encontro?

— Por que não?

Eu poderia elaborar uma lista com uma infinidade de motivos.

— Apenas nós dois. Além de garfos, facas, pratos e garçom. A rotina habitual.

— Sem cachorros?

— Nada com mais de duas pernas.

Aquele sujeito tinha duas pernas e uma idéia fixa na cabeça!

— Desculpe se eu estiver interpretando isso errado. Por acaso está flertando comigo,

Benjamin?

— Poderia ser explicado dessa forma.

— Sinto-me lisonjeada, todavia sou muito mais velha do que você.

— O que é um par de anos entre amigos?

— Receio que seja mais do que apenas um par de anos.

— Essa coisa de idade não é problema para mim.

— Eu sei. Sophia me contou sobre seus pais.

Tão logo as palavras saíram de sua boca, ela a cobriu, como se desejasse sufocá-las. Tarde demais.

— Ah, ela lhe contou? Então você deve ter se sentido atraída o suficiente para bisbilhotar.

O rosto de Jen, definitivamente, enrubesceu. Eu sabia muito bem o que isto significava.

Assim como o Rapaz Louro.

— Por favor, não fique embaraçada. E se, porventura, você está preocupada em misturar

prazer e negócios, não tenha receio. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Confie em mim.

— Dizem que nunca devemos confiar em um homem que diz "confie em mim".

Exatamente.

— Asseguro-lhe, não sou o tipo comum.

Besteira. Na opinião deste cachorro, se você viu um homem, já viu todos.

— Uma sugestão. Passarei o feriado do dia do trabalho na casa de meus pais. Você terá algum tempo para pensar. Sem pressão. Ligarei quando estiver de volta. Combinado assim?

Jen hesitou, antes de responder com voz morna:

— Combinado

Capítulo XXXIV

en tirou os óculos e esfregou os olhos com tanta força, que temi que fosse arrancá-los. Então Jdeslizou da cadeira e deitou-se perto de mim, no tapete.

— Estou escrevendo e reescrevendo a mesma maldita frase repetidamente nas últimas quatro horas! E ainda é uma droga!

Por mais que eu tentasse, foi impossível lambar a frustração de seu rosto.

Senti a barriga roncar. Devia ser o resto de comida chinesa que havíamos partilhado no almoço Não demoraria muito até que o céu desabasse. Portanto, precisava enviar uma mensagem a Jen. Antes cedo do que tarde.

Ela estivera sentada à escrivaninha o dia inteiro, digitando. Levantei-me de minha almofada, cheguei bem perto e fitei-a firme.

Desculpe-me, mas tenho que fazer cocô.

Mal tirando os olhos do computador, Jen inclinou-se, deu-me um tapinha na cabeça, resmungou um "eu-te-amo" e retornou ao trabalho.

Esfreguei sua perna várias vezes. Desculpe-me, mas tenho que fazer cocô.

— Miles, estou ocupada. Por favor, não seja um chato.

A coisa é séria. Preciso fazer cocô!

— Por que você não vai roer seu osso novo? Está ali, em um canto qualquer da sala.

Isso não dizia respeito ao osso. Tratava-se de cocô! Esfreguei-a na perna de novo.

— Desculpe, queridinho. Não posso brincar agora. Estou deslanchando aqui.

E daí? Este cachorro precisa fazer cocô! Foram necessários choramingos monumentais e passadas frenéticas antes que ela, finalmente, entendesse.

— Estou indo. Apenas deixe-me completar essa linha de pensamento.

Puxei-a pela perna da calça.

SE NÃO FORMOS IMEDIATAMENTE, NÃO ME RESPONSABILIZAREI PELO QUE
ACONTECERÁ EM SEGUIDA!

Quase a ponto de fazer um depósito aos pés dela, enfim consegui arrancá-la do computador.

Mal saímos da portaria, aconteceu uma explosão sobre a calçada.

— Uau, você realmente precisava sair. Sente-se melhor agora?

Sim. Porém longe de haver terminado.

Felizmente, ela trouxera outro saco plástico que usara para recolher aquela dose dupla.

Infelizmente, presenteei-a com uma descarga extra.

Jen fitou a calçada.

— Oh, puxa. De qualquer modo, está mole demais para que eu possa apanhá-lo.

Quando estávamos escapulindo, uma senhora encasacada avançou para cima da gente.

— Eu realmente espero que você não largue esse excremento aí.

Não pretendia deixá-lo porque sempre recolho a sujeira de meu cachorro. Todavia, os sacos plásticos acabaram e é óbvio que ele está com diarreia, portanto...

— Você tem que recolher as fezes, ou irei denunciá-la.

— Denunciar-me? Você não está falando sério, está?

— Acontece que meu sobrinho é detetive da polícia de Nova York. Basta-me pegar o telefone.

Neste íterim, minhas cólicas haviam voltado. Como em um acesso de vingança.

— Está bem, você venceu. Acharei algo com o que limpar o chão.

Jen puxou a guia, porém eu estava preocupado com outra coisa. De novo. E vamos pôr da seguinte maneira: não se tratava de uma visão bonita.

— Como você pode ficar aí parada, deixando-o fazer isso?

— Desculpe-me, mas é impossível controlar os movimentos intestinais de meu cachorro.

— Por mim, eu baniria completamente todas essas criaturas nojentas da cidade.

— Por acaso já lhe ocorreu que, talvez, se você tivesse um cachorro, não seria essa velha bruxa desprezível?

— Nunca fui tão ofendida!

Quando pensei que as duas mulheres iam pular no pescoço uma da outra, Cara de Bruxa subitamente teve a atenção desviada.

— Oh, e não é minha maravilhosa e querida sra. Latham!— disse uma voz masculina.

Os olhos da Cara de Bruxa se iluminaram ao vê-lo.

— René!

O homem caminhou com a pompa machista de um rottweiler. Coxas musculosas. Cabelos longos e lisos destacando ombros e braços maciços. Peito quase rasgando a camiseta. Pele escura e brilhante. Bem arrumado.

— Querida. — Ele a beijou em ambas as faces pálidas e encovadas. — Quando você chegou de Southampton?

— Na semana passada.

— Oh, céus! Quem fez a coloração de seus cabelos lá? Stevie Wonder?

— Fudge — respondeu Cara de Bruxa. — Sim, eu sei. Pavoroso, não é?

— René pode consertar. Não se preocupe.

— Marcarei uma hora logo depois do meu almoço.

— Se conheço bem aquelas fofoqueiras, é melhor não se atrasar. Deixe-me chamar um táxi para você, querida.

E assim, ele arrastou Cara de Bruxa para longe.

Muito aliviados por termos sido livrados do entulho, estávamos para nos esgueirar para dentro de nosso prédio quando o Rottweiler se aproximou.

— Com licença! Eu poderia conversar com você um instante?

Olhei para Jen. Ela olhou para mim. Ela sabia que eu sabia que tínhamos sido pegos.

— Se é sobre a sujeira que meu cachorro fez, sempre, sempre, a recolho. Mas neste caso, bem, é que é um pouco difícil apanhar... considerando... você percebe, as circunstâncias...

— Relaxe, querida — interrompeu-a Rottweiler. — Sinceramente, estou cagando e andando. Sem trocadilhos. Portanto, não se aflija. Nunca direi uma palavra. Quanto à sra.

Latham, ela apenas está furiosa com o mundo inteiro. Seu marido, após trinta e cinco anos de casamento, acabou de trocá-la por uma tratadora de cães que, segundo me contaram, está para dar a luz ao filho de ambos.

— Não é de estranhar que esteja tão zangada. Tudo faz sentido agora, suponho. De qualquer forma, muito obrigada por...

— Tirar a velha bruxa do seu pé?

— Precisamente. Eu não poderia me expressar melhor.

— Para ser franco, eu tinha meus motivos.

Ou seja, estava interessado em minha dona. Não era uma boa notícia. Especialmente porque aquele sujeito exalava força por todos os poros.

— Estou muito interessado no seu cachorro.

Desnecessário dizer quanto a confissão chocou Jen e a mim.

O Rottweiller agachou na minha frente.

— Não se preocupe. Não pretendo tirá-lo de sua mamãe. Queremos somente tomá-lo emprestado.

O que isso significava exatamente, me perguntei.

— Tomá-lo emprestado? — indagou Jen.

— Farei os cabelos para um desfile na Barney's, dentro de duas semanas. Meu amigo Sushi...

— Sushi?

— Diminutivo para Stuart Elliot. Nem me pergunte. Continuando, ele está encarregado da organização do desfile. O tema da coleção é "descolado chie", e Sushi tem estado atrás de um cachorro com aparência incomum para ser uma espécie de, como direi, acessório de moda.

Aloja a recompensará bem. Tudo o que você terá que fazer será aparecer com... Qual é o nome dele?

Não é da sua conta!

— Miles.

— Tudo o que Miles precisa fazer é passear pela passarela, e você ganhará um almoço grátis do Fred's e um vale no valor de duzentos e cinquenta dólares*

Os olhos de Jen se arregalaram.

— Verdade? É uma oferta difícil de recusar.

Capítulo XXXV

pressionou o botão da secretária eletrônica. — Oi. É Benjamin. Tenho dois convites para a festa de lançamento de um livro amanhã à noite, no Puck Building, e estava pensando se você não gostaria de ir, como minha convidada. Haverá montes de champanhe e montes de boa comida. Não é um encontro oficial. Repito. Não é um encontro. Portanto, relaxe. Dê uma ligada

para 2127450763. Ou para meu celular, 9174739993. Jen coçou o queixo.

— Devo ir, ou devo ficar?

Fitei-a com olhar vago. De algum modo, eu sabia que ela sabia ser muito melhor não saber o que eu realmente pensava.

Aguardei no tapete do banheiro enquanto Jen tomava banho e, infelizmente, cantava com toda a força de seus pulmões. Apesar de seus incentivos, mantive a boca fechada. Com certeza não queria encorajá-la.

— Droga! — ela praguejou, saindo da banheira. — Quedesajeitada!

Não precisei nem sequer ver o que escorria pela sua perna para reconhecer o cheiro.

Man/... Caída no chão em uma poça de sangue. Os olhos da velha mulher abertos, porém vazios. A pele tão branca quanto seu cabelo. Fria contra minha língua. O estranho erguendo a faca...

— Miles!

O som da voz de Jen arrastou-me de volta ao presente. Ela estava bem diante de mim, a ruga entre as sobrancelhas expressando preocupação.

— Não fique tão aflito. É só um corte pequeno, lindinho. Ficarei bem.

Aos poucos, as batidas de meu coração retornaram ao normal. Parei de ofegar e lambi-lhe o tornozelo. Tão grato por estar ali com ela. Neste apartamento. Nesta vida. No mundo dela. Observei-a vasculhar os arredores em busca de um *band-aid*. Sem sucesso, colou um pedacinho de papel no corte.

— Espero que pare de sangrar até eu sair.

Fuzilei-a com o olhar. Minha doce, afetuosa dona, acabara de dizer algo sobre sair?

Aguardei, porém nada de explicações. Ela estava ocupada demais se arrumando. Coisa que provou estar longe de ser uma tarefa simples.

Primeiro ela borrou o delineador.

Então espirrou depois de, cuidadosamente, aplicar o rimel.

Ajeitar os cabelos foi algo "beirando ao impossível."

O conteúdo do frasco de esmalte espalhou-se sobre a mesa.

O zíper da calça quebrou.

Todavia, por mais que amasse minha dona, confesso ter achado bem-feito, por ela me haver descartado naquela noite.

Dei outra fungada na mão de Jen, só para ter certeza.

Odor definitivamente canino. Definitivamente familiar.

Da língua de um certo Filhote Louro, para ser exato.

Magoava-me tanto que eu não podia nem sequer olhar para o rosto de Jen. Quanto mais lhe dar as boas-vindas.

— O que está acontecendo aqui? Afinal, não me demorei tanto assim, tolinho. Apenas duas horas. Está bem, talvez três. Uns dez, quinze minutos a mais, ou a menos.

Porém a questão não tinha nada a ver com tempo, um conceito que me escapava.

Jen continuou se esforçando para me agradar, mas evitei-a como se tivesse um caso sério de sarna. Ela não estava acostumada a esse tipo de tratamento.

— Epa, você realmente parece irritado comigo. Puxa, que comentário brilhante, pensei.

— Não entendo. Foi algo que eu fiz?

Se ela não entendera até agora, a discussão, pelo menos no que me dizia respeito, estava encerrada. Com uma virada rápida de cabeça, empinei meu focinho no ar e saí trotando. Para emburrar, ferver e fumegar de raiva. Em paz.

Jen seguiu-me até o quarto de Mia. Tão logo ela plantou-se perto de mim, na cama, pulei fora e me acomodei na almofada, sob a escrivaninha. Durante um momento ela me fitou, evidentemente intrigada.

— Será que você está estranho e esquisito só porque sentiu o cheiro de Murphy, o cachorrinho de Benjamin, em mim?

Qual era o nome dele, ou a quem pertencia, não me importava. Tudo se resumia a isso: minha pretensa, devotada e leal dona se envolvera com outro C-A-C-H-O-R-R-O!

— Mas você não entende...

Correção: eu entendia sim. Mais do que ela imaginava.

Jen juntou-se a mim no chão. Sentou-se de pernas cruzadas, tentando, em vão, forçar meus olhos a fitarem os dela, enquanto eu lambia minhas patas.

— Você quer ouvir o que de fato aconteceu?

Que seja.

— Fui até o apartamento de Benjamin porque ele precisava levar Murphy para um passeio.

Você sabe como são filhotes...

É. Espertinhos bajuladores.

—

...quando estão sendo treinados e tudo. Temos que sair com eles o tempo inteiro e então demoram uma eternidade para fazer as necessidades porque só querem brincar, perambular e fazer amizade com cada cachorro que vêm na rua.

O que é suficiente para levar um cachorro a ficar nauseado e vomitar café-da-manhã, almoço, jantar e quaisquer lanches no intervalo, devo acrescentar!

— Miles, sei que você está pensando que o trai, ou algo parecido. Mas por favor, acredite em mim. Foi tudo inocente.

Sim, certo. Como se eu fosse um airedale terrier com perfil de campeão

—Então Murphy me beijou. Uma vez. Oh, está bem, menti. Várias vezes. Ele não consegue se conter, é muito afetuoso. Porém nada mais aconteceu. Não o acariciei nas costas,-ou cocei sua barriga, ou brinquei com ele. — A voz de Jen ficou mais alta. — Ok, então talvez eu tenha

atirado sua bola algumas vezes. Todavia, só porque ele não parava de me atormentar.

Jen estava nadando cachorrinho.

De marcha à ré.

Em alto-mar.

Arrastando um bloco de cimento.

Tentando manter a cabeça fora d'água.

— Nunca me ocorreu que eu poderia ter feito alguma coisa que você interpretaria como tão descaradamente impróprio. Ou desrespeitoso. Mas se você acha que o que eu fiz foi errado, sinto muito, muito mesmo. Jamais pretendi magoá-lo, Miles. Você não sabe quanto mamãe o ama?

A verdade era, eu sabia sim. Nunca houvera nenhuma dúvida em minha um tanto distorcida mente canina. De repente, senti-me como um merdinha ingrato. Eu provavelmente ainda estaria no Cafofo se não fosse por Jen. Ela acreditara em mim desde o princípio. Fora capaz de me entender por detrás de minha atitude detestável. Questões de confiança. Jen não tinha o pavio curto típico de algumas — certo, da *maioria* — das pessoas e/ou de seus animais de estimação. (E que importava se isso se aplicasse à população geral de Nova York?)

Quem mais teria agüentado todas as minhas besteiras e me proporcionado um lar tão maravilhoso?

— Então acha que poderá me perdoar um dia?

E porque eu não poderia jamais guardar ressentimentos de alguém tão querido, foi exatamente o que este vira-lata fez.

Eu estava bem no meio do processo de cobrir o rosto de Jen de beijos quando ela, gentilmente, me afastou.

— Espere um instante, lindinho... — Ela apoiou o queixo na mão. Testa franzida. Olhar vagando de um lado para o outro. Tradução: um monte de idiotices estava passando pela

cabeça da mulher.

Jen levantou-se e começou a andar pelo quarto, murmurando:

— Essa coisa toda entre você e eu... É um pouco assustador, sabe? Uma espécie de *déjà vu*.

Eu não tinha a menor idéia do que ela estava falando, entretanto prestei total atenção em cada palavra.

— Aqui estava você, Miles, tirando conclusões precipitadas sobre o que aconteceu.

Cometendo um erro tolo. — Jen cocou a cabeça, como se houvesse milhares de pulgas. —

Bem, não completamente, suponho.

Virando-se, Jen caminhou do quarto à cozinha. Abriu a geladeira. Inclinou o corpo para frente e espiou lá dentro.

— Alguém observando o que acontecia entre Murphy e eu poderia pensar diferente.

Poderia — continuou, remexendo em algumas coisas nas prateleiras —, ter uma impressão diferente do que realmente acontecia.

Não encontrando nada de interessante para comer, Jen fechou a porta e concentrou-se em esvaziar a lavadora de pratos.

— E então aqui estava você, fazendo um dramalhão por causa de algo, na realidade, realmente insignificante. Relutou muito em me dar uma chance de explicar, a qual na verdade não fez questão de ouvir nem de entender. Pronto para desistir de mim. Exatamente como desisti de... — De súbito, Jen ficou imóvel, um prato em uma mão, um copo na outra. — Droga.

Talvez, afinal, ele estivesse me dizendo a verdade.

Capítulo XXXVI

ma moça de nariz comprido, queixo comprido e sapatos de bico comprido para combinar,

Unos recebeu na entrada de uma loja chamada Barney's.

— Olá. Sou Tricia, assistente de Sushi.

— Prazer em conhecê-la — disse Jen.

Como de costume, sempre muito mais polida do que eu jamais poderia ser.

— E esse deve ser Miles.

QUE IMPORTÂNCIA TEM ISSO PARA VOCÊ, rosnei.

— Ele é tão fofinho. Posso afagá-lo?

NÃO, SE VOCÊ DÁ VALOR AOS SEUS DEDOS COMPRIDOS!

Claro, minha pequena explosão impeliu Jen a iniciar sua habitual rotina de justificativas.

Juro, se eu tivesse ganhado um biscoito para cada pedido de desculpas provocado por meu dito

"comportamento inaceitável", estaria tão gordo quanto duas newfoundlands prenhas!

Comprida nos acompanhou ao andar superior, a uma sala grande, lotada de homens e

mulheres. Alguns deles estavam carregando roupas. Alguns estavam experimentando roupas.

Alguns vestiam pouquíssimas roupas. Alguns pelejavam com seus cabelos. Outros

lambuzavam seus rostos. Outros estavam apenas fazendo uma confusão. E não quero nem

pensar na tagarelíce estúpida e na gritaria. Tampouco na competição de quem podia berrar

mais alto em seus celulares.

Virei-me para Jen. Franzi a testa. Arranhei-a de leve na perna.

Nós viemos. Nós vimos. Agora vamos dar o fora daqui!

Neste íterim, alguém se juntara a nós. Sem ser convidado, devo acrescentar.

— Jen — falou Comprida —, este é meu chefe, Sushi.

O homem estava todo vestido de preto. Do chapéu aos sapatos. Suas bochechas eram

manchadas, e os cabelos, brancos e fartos, caíam-lhe sobre as orelhas e olhos. Parecido com

um cocker spaniel multicolor. E provavelmente tão irritadiço quanto.

— É um prazer — disse ele, apertando a mão de Jen como se não fosse prazer algum.

Percebi que assediar minha dona não era sua intenção, portanto não o considerei uma

ameaça.

— E esse, conforme você deve ter adivinhado, é Miles — explicou Comprida. — Desde

que não tente tocá-lo, estará bem.

Calculei que a moça era tão arguta quanto comprida Cocker ensaiou uma dancinha. Quase esperei vê-lo urinar no chão de pura excitação.

— René estava coberto de razão! Este cachorro é o auge do descolado chie!

Absolutamente o perfil que eu tinha em mente! Ele é fa-bu-lo-so!

Eu estava com a sensação de que este seria um dia terrivelmente longo.

Todavia, Cocker teve o bom senso de compreender que eu precisava me afastar de toda aquela loucura. Levaram-nos para uma sala onde poderíamos aguardar e relaxar antes que o "show" começasse. Engraçado, eu achava que já havia começado.

— Fiquem à vontade — disse Cocker.

— Sim, fiquem à vontade — ecoou Comprida.

Olhei ao redor. O espaço era pequeno, apenas um sofá e umas poucas cadeiras, porém sossegado. Uma qualidade enorme no que dizia respeito a este cão.

— Há alguns drinques na geladeira. Não seja tímida. Sirva-se.

— Não seja tímida. Sirva-se.

Cocker afundou o queixo no peito, pôs as mãos nos quadris e bufou ruidosamente.

— Menina, o que você é, um maldito papagaio? É necessário repetir tudo o que eu digo?

O corpo da Comprida se encolheu até ficar do tamanho de um biscoito de cachorro.

— Desculpe, Sushi. Não tornará a acontecer.

— Por favor, certifique-se de que não.

Jen mergulhara em uma pilha de revistas, e eu fizera o mesmo em uma pilha de almofadas surpreendentemente macias sobre o sofá. Na realidade, eu estava dormindo quando alguém bateu à porta de nossa sala de espera.

QUEM ESTÁ AÍ?

Jen agarrou a guia antes que eu avançasse.

— Não seja tão rápido, rapaz!

Mas...

Era Comprida.

— Sushi achou que isso poderia servir em Miles.

Ela procurou dentro de uma sacola. Eu estava esperando por guloseimas. Mas fui insultado.

Terrivelmente insultado.

— Um boné de couro de motoqueiro? — Jen riu, examinando a peça minúscula. — Com tachas e tudo?

— Sim, legal, não é?

Naturalmente fui obrigado a me sentar, obediente, enquanto minha dona prendia uma tira sob meu queixo

— Oh, meu Deus! — exultou Comprida. — Ele está muito macho vestido assim.

Quanto a Jen, bem, ela ria tanto, que mal conseguia respirar, quanto mais emitir uma opinião. E não precisava. Eu sabia, exatamente, o que lhe passava pela cabeça.

— Concordo, então talvez ele pense que isso seja um pouco estranho.

Tradução: algo para ser arrancado da cabeça o mais depressa possível.

Todavia, infelizmente, Comprida tinha muitos outros modelos a escolher.

Havia um *sombrero*, que parecia adequado devido a minha herança cultural, ou alguma bobagem semelhante.

Um boné de caminhoneiro.

Um chapeuzinho de festa, de papel.

Um boné de beisebol dos Yankees.

Um chapéu tipo *feñora*.

E por fim, mas não por último, uma boina francesa.

Cada um e todos os modelos foram removidos por mim em um instante. Alguém precisava

entender que este cão não usa chapéus.

Infelizmente, a moça não estava disposta a desistir tão facilmente.

— Vamos tentar bandanas. Você poderá gostar, Miles.

Não conte com isso.

— Vejamos. Aqui está uma bandana com franjas, inspirada no Oeste. Esta tem pompons.

Lembra aquelas coisas de animadoras de torcida. Esta aqui é enfeitada com strass. Sushi acha tão Liberace, quem quer que tenha sido esse. Esta tem pequenas conchas dependuradas. É tão Saint Bart's. E para aquelas noites formais na cidade, colarinho engomado e gravata borboleta.

Jen apanhou uma bandana da pilha. Amarrou ao redor de meu pescoço. Desta vez, não riu.

— Veja só como você está bonito. De verdade?

— Espere até Sushi vê-lo.

E assim, como se houvesse sido chamado, Cocker entrou. Ao seu lado, uma fulana muito alta e muito ossuda. Ela cruzou os braços esqueléticos sobre o peito esquelético e me fuzilou com o olhar. Então empinou o já empinado nariz ainda mais no ar.

Uma fungada e eu soube que não seria o início de um belo relacionamento.

— Adorável, não é?

— Não, Sushi — disse Vaca Ossuda. — Você quer que esse cão seja meu acessório?

— Devo lembrá-la, Clarisse, de que o tema desse desfile é o chic descolado?

— Sim, mas como você pode vestir alguém com alta-costura e esperar que use sapatos de segunda categoria?

— Com licença — interveio Jen, levantando-se do sofá. — Não é nada simpático insultar meu cachorro.

— Oh, por favor! Ele não tem idéia do que estou falando.

É O QUE VOCÊ PENSA!, rosnei.

— Está vendo? Os sentimentos são mútuos. O bicho tampouco gosta de mim.

NÃO GOSTO MESMO!

Vaca Ossuda virou-se em seus calcanhares esqueléticos e pousou os dedos esqueléticos sobre a maçaneta da porta.

— Preciso de um cigarro e, com certeza, não preciso agüentar chilique de nenhum vira-lata sarnento. Procure outra idiota, Sushi. Não vou fazer isso.

No instante seguinte, ela e seu traseiro ossudo sumiram. No que me dizia respeito, nenhuma grande perda.

— Aquela top model pode ser deslumbrante, porém é uma verdadeira, você sabe... Deixa para lá.

— Uma o quê? — perguntou Jen.

Inclinei a cabeça. Também curioso.

— Ela é... perdoe-me pela expressão, uma p-e-n-t-e-1-h-a.

— Não é minha palavra favorita, contudo admito que, em alguns casos, descreve a pessoa à perfeição.

— Pena, porque Clarisse e Miles juntos teriam ficado fabulosos no desfile.

Peço permissão para divergir. Todavia, quem sou eu para falar?

—Mirabelle tem um estilo semelhante — observou Comprida. — Que tal ela?

Cocker pareceu considerar uma boa idéia. E, como um cachorro ansioso por agradar ao dono, a moça desapareceu rapidamente pela porta.

— Boa menina, aquela Tricia. Recém-saída da escola de moda e design. Tem ótimas intenções. Mas me deixa doido.

O telefone do Cocker tocou. Um toque especialmente irritante, cabe-me esclarecer. Ele pediu desculpas e atendeu. Assisti-o, fascinado/ dar voltas na sala, comportando-se como se estivesse doente, ou algo assim. Sacudindo os braços. Gritando entredentes, de tal forma que

era difícil entender o que dizia. Escondi-me, antecipando que sua cabeça explodiria a qualquer momento. Por sorte, ele encerrou a ligação antes que o pior acontecesse.

— Estou calmo. Estou sereno. Estou no controle. E não permitirei que essas coisas me perturbem.

Ele fechou os olhos, virou a palma das mãos para cima e inspirou fundo várias vezes.

— Ah, sinto-me muito melhor. — Cocker sentou-se em uma cadeira defronte da nossa (um movimento inteligente de sua parte), atirou uma perna sobre a outra e ajeitou o chapéu. — Tenho andado louco de vontade de lhe fazer uma pergunta, Jen.

— Claro. Vá em frente.

— Espero não estar invadindo sua privacidade, mas você e René estão dormindo juntos?

Quase pude ouvir Jen engolir em seco.

— Não. Bem... eu pensava que ele não fosse... você sabe... hétero.

Cocker consultou o relógio.

— Hum... Talvez, neste instante, ele não esteja sendo. Mas quem sabe o que será no instante seguinte? René é capaz de trepar com qualquer coisa que tenha um orifício. Homens, mulheres, ovelhas, gatos, cachorros.

Cachorros? Estremeci só de pensar.

— Fomos amantes em uma certa época. Até eu descobrir que ele também estava dormindo com Isabella, minha assistente italiana. Clone de Sophia Loren jovem. Que promíscua aquela moça era!

Jen estava inquieta. Ou precisava ir ao banheiro, ou a pele cocava. Seja lá o que a incomodava, sem dúvida perdera a fala.

Uma batida na porta.

QUEM ESTÁ AÍ?

Comprida entrou com uma moça de aspecto igualzinho ao da modelo anterior. Alta e

ossuda. Exceto pelos cabelos, muito curtos e espetados. Perguntei-me se ambas pertenceriam à mesma ninhada.

Bem, Espetada olhou rapidamente para mim e afastou-se o máximo possível, quase saindo da sala.

Mordiscou as unhas, como se fossem um petisco.

— Com certeza ele não parece muito amigável. PORQUE ELE NÃO É!

— Miles, sem latir! — ordenou Jen. Mas eu estava me divertindo tanto...

— Não se preocupe. Ele só está sendo detestável.

Se eu não amasse tanto Jen, poderia ter me sentido ofendido com o comentário.

— Seu cachorro é vacinado contra raiva?

— Claro. Eles não o teriam liberado do canil se a vacinação não estivesse em dia.

Cocker tomou a mão da Espetada e levou-a para perto do sofá.

— Está vendo como ele é bonitinho? SIM. VEJA COMO SOU grrr. .

LINDO!

— Miles, eu não o mandei comportar-se? Você falou "sem latir". Não falou nada sobre rosnar.

— Meu irmão Phil foi mordido na bunda por um pastoremão quando éramos crianças.

Levou dez pontos.

—

Mas este rapazinho é tão pequeno — disse Jen.

Arreganhei o lábio superior o suficiente para permitir a moça ver meus "pequenos" caninos.

Espetada agarrou-se a Cocker.

— Oh, meu Deus, ele realmente está me apavorando.

— Menina, você não pode deixar o c-a-c-h-o-r-r-o perceber que você está com medo.

O c-a-c-h-o-r-r-o já percebera!

— Sim — completou Jen. — É uma questão de autocontrole. Ele usará seu medo em vantagem própria. E a coisa se transformará em um círculo vicioso.

— Vamos, Mirabelle. Seja gentil com Miles.

Lancei-lhe um olhar que dizia: sim, EU A DESAFIO a ser gentil com Miles.

— Ok, chega. Definitivamente ele vai me morder. Achei que poderia fazer isso. Meu analista me disse para correr riscos pessoais... Porém, sinto muito, Sushi.

E assim, outra beijou a lona.

Vem fácil, vai fácil! Cocker resmungou.

—Tricia, que tal um dos rapazes? Talvez Miles goste mais de homens. Posso entender!

— Só para garantir, já lhes perguntei.

— Boa menina. Agora pegou o jeito.

— Más notícias. Hugo é alérgico a cães. E o contrato de Tag especificamente o impede de aparecer com crianças, animais ou pássaros.

Cocker cocou o queixo.

— E Rebecca? Por que não pensei nela desde o princípio?

— Ela tem um *look* completamente diferente.

— Mas a garota ama cães. Tem três em casa. É nossa última esperança — ele falou, agitando os braços.

Rapidamente ele e Comprida cruzaram a porta. Jen fitou-me, suspirando.

— O que vou fazer com você?

Deitei-me de costas. Bati as pestanas. Lancei-lhe um olhar que dizia: você consideraria coçar minha barriga talvez?

— Rebecca — falou Cocker, entrando na sala repentinamente. — Apresento-lhe Miles.

Ela não era tão alta nem ossuda quanto as outras duas. As tetas muito cheias e

reconfortantes. A pele tinha a cor da noite. E, ao me ver no sofá, seus olhos faiscaram.

— Gosto da sua bandana, lindinho — falou Faiscante, sorrindo.

Seus dentes eram tão brancos, que poderiam fazer um cachorro cego se retrair por causa da claridade. Ela sentou-se no chão.

— Você gostaria de vir me dizer olá?

Pareceu-me um pedido razoável. Assim, com a aprovação de Jen, pulei do sofá. Faiscante estendeu a mão, palma para cima, na altura do meu queixo. Aproximei-me e dei uma fungada.

— Você está sentindo o cheiro dos meus bebês, não é?

Correção: bebês, não; cachorros, sim.

— Você gostaria de um biscoito? — Ela remexeu dentro da bolsa. — Estes têm sabor de queijo. Minhas meninas adoram.

Uma mordida e logo percebi por que eram tão populares.

— Se eu lhe der outro petisco, você se sentaria para mim?

Não apenas me sentei, como lhe dei minha pata, como bônus.

— Ah, você é bonito e inteligente. Mas apenas com os poucos escolhidos.

— Então agora você e eu seremos amigos, certo? Lambi-a na face para mostrar-lhe que sim.

— Que alívio! — exclamou Cocker. — Ele gosta de você. Minha querida Rebecca, você salvou o dia.

Enquanto isso Comprida, que estivera longe dali durante algum tempo, entrou correndo na sala. Ofegante como um são-bernardo.

— Oh, meu Deus! René está tendo um ataque. Precisa fazer os cabelos de Rebecca. Já. E Clarisse está sendo uma..., você sabe. Recusa-se a usar o vestido frente-única. Diz que seus peitos não ficam bonitos. E o zíper da calça-cargo de

Tag acabou de quebrar e não conseguimos encontrar a costureira e...

—Chega—interrompeu-a Cocker. — Eu sabia que a coisa estava indo tranqüila demais.

E assim, novamente, ele desapareceu porta afora. Comprida em seus calcanhares.

Minha nova amiga, Rebecca, inclinou-se e me deu um tapinha na cabeça.

— Vejo-o depois, gostosão.

Gostei que ela soubesse que eu sabia que era um garanhão.

— Diga "oi" a René por mim — pediu Jen.

— Ele é seu cabeleireiro?

— Não. Rebecca sorriu.

— Oh, entendo. Você dormiu com ele.

— Não, não. Não é meu tipo. A modelo deu de ombros.

— Pena. Ouvi dizer que é tão bem dotado quanto um elefante.

— Parecido com Miles.

— Receio não ter compreendido a piada.

—Esqueça. Brincadeira particular.—Jen olhou para mim e sorriu.

Tão logo Rebecca saiu, Comprida apareceu.

— Sushi pediu-me para saber se você gostaria de almoçar.

— Agora que você mencionou, sim — falou Jen. — Estou com muita fome.

Eu também. Mas qual a novidade?

— Vou lhe dar o menu do Fred's. — Enquanto Comprida revirava uma pilha de papéis, seu celular tocou.

— O quê?... Oh, droga, me esqueci totalmente... Sinto muito, Sushi... Não, não, estou a caminho já... Será resolvido... Ok, ok. Não se preocupe... Estou indo. Sim, imediatamente.

Considerando como o rosto dela se contorcera, tive a impressão de que teria sido melhor se Comprida não houvesse atendido ao telefone.

— Ele não passa de um ridículo metido a besta — ela murmurou em um tom que somente eu fui capaz de ouvir.

— Você está bem? — indagou Jen.

— Exceto por estar por um fio com meu chefe, ótima. Desculpe-me, voltarei para anotar seu pedido depois.

Mal Comprida zarpou, outra pessoa surgiu à porta.

AGORA O QUÊ?

Eu estava começando a ficar realmente irritado com todo aquele trânsito contínuo de pedestres. Afinal, aquela não deveria ser *nossa* sala do sossego?

Um homem de olhos esbugalhados e nariz pequeno como o de um pug falou.

— Desculpe-me por incomodá-la.

BEM, TARDE DEMAIS AGORA, NÃO É?

— Miles, por favor, sossegue.

Mas...

— Meu nome é Howard DiPranco. O departamento de relações públicas requisitou algumas fotos.

— Não de mim, claro.

— Se a decisão fosse minha, seria um prazer — ele esclareceu, com um largo sorriso. —

Você é linda.

Tímida, minha dona abaixou a cabeça e empurrou os cabelos para trás das orelhas.

— Oh, por favor.

— Porém a verdade é que estou aqui para cuidar do cachorro.

O comentário sem dúvida captou minha atenção no mesmo instante! Entretanto, por algum motivo, Jen não parecia nem um pouco preocupada. Não apenas insistiu para que eu me

sentasse imóvel no sofá, como até concedeu ao Olhos de Pug permissão para "tirar" minha foto.

Tradução: roubar o que por direito me pertencia!

— Isto basta — falou ele, pondo a câmera de lado e ajoelhando-se diante de mim. —

Tenho o que preciso. Saiba que foi um prazer trabalhar com você, sir.

Este cão mostrou-lhe os caninos porque, muito simplesmente, o prazer *não* fora meu!

— Típico. Uma sessão de fotos, e o cara já se acha o máximo.

— Você não faz nem idéia — concordou Jen, rindo.

Quando Olhos de Pug estava saindo, Comprida meteu a cabeça dentro da sala.

— Dez minutos para o início do show. Temos de nos apressar!

— Lá se vai meu almoço grátis — Jen resmungou entre os dentes...

Mandaram-nos seguir Comprida corredor abaixo e dobrar uma esquina, onde um bando enorme de mestiços humanos se reunira. Como galgos antes de uma corrida, estavam todos extremamente tensos. O pior, porém, era Cocker.

— Trícia — ele rosnou, apontando para mim. - O que está errado com esse visual?

Nem a garota nem eu fazíamos idéia.

— Por acaso misturamos moda praia com black-tie? A cor fugiu do rosto de Comprida.

— Não.

— Eu lhe disse, especificamente, que queria Miles vestido a rigor. Não foi?

— Sim, Sushi.

Naquele instante, se a moça fosse capaz, aposto que teria arrancado a cabeça de Cocker fora, cuspido e defecado nela e a chutado para bem longe dali.

— Não estou vendo as peças em lugar algum. Portanto, onde estão?

— Na sala de espera. Desculpe...

— Não há porra de tempo para "desculpe" neste negócio! — interrompeu-a Cocker. —

Preciso que você vá buscá-las. *Agora!* O que está esperando, menina? *Corra!*

Foi o que a pobre Comprida fez. Como um cão perseguido por um enxame de abelhas.

Momentos depois, Rebecca chegou. Erguendo a barra do vestido, ela ensaiou passinhos cuidadosos sobre o que me pareciam saltos tão altos quanto eu era baixo.

— Oi, gostosão!

Feliz de ver a única outra pessoa sã nesta multidão além de Jen, abanei o rabo e lati um olá. E então, em um cumprimento supremo, deitei-me de costas. Rebecca inclinou-se para me dar uma coçadinha na barriga e uma de suas tetas escapuliu para fora do vestido.

_ Opa. — Ela riu. — Problemas com o guarda-roupa.

—

Tive a sensação de que essas suas novas tetas eram grandes demais para o decote — gemeu Cocker. — Suponho que nunca deveria tê-la feito trocar de roupa com Clarisse. Oh, bem, tarde demais para fazer algo a respeito agora.

— Vou respirar devagar e com cuidado — Rebecca garantiu, ainda pelejando para se ajeitar. — Prometo.

— O vestido está deslumbrante em você — comentou Jen.

— Ou deveria dizer, você está deslumbrante nesse vestido.

— Obrigada.

— Adorei o corpete. Tão diferente.

— Provavelmente porque é confeccionado com gravatas dos anos sessenta.

Falando em não respirar, Comprida reapareceu. Ofegante.

Cocker arrancou colarinho e gravata das mãos dela e entregou-os a Jen que, por sua vez, retirou minha velha bandana e colocou os acessórios formais ao redor de meu pescoço. Toda essa confusão e drama apenas para que eu pudesse parecer "elegante". "Sofisticado."

"Delicioso."

Humanos. Vá entender.

Chegara a hora de Jen sentar-se na platéia, ou seja, algum lugar onde este cão não era

bem-vindo.

— Seja um bom menino e fique aqui com Rebecca. — Ela entregou minha guia e virou-se para ir embora. — Não se preocupe, lindinho.

Fácil dizer, pensei.

— Agora pare de choramingar. Mamãe estará bem alifora...

Mas exatamente ONDE?

— ...assistindo-o.

Como se isso servisse de consolo. Eu gostava de Rebecca e tudo, porém pedir a um cachorro com um passado de abandono que ficasse tranqüilo com a ausência da dona era demais.

— Minhas meninas tampouco gostam quando as deixo. Mas prometo que você logo verá sua mamãe.

Logo quando? Fiquei lá, preocupando-me com essa pergunta sem resposta (e outras também), quando a música começou a martelar cada poro de meu corpo. Fui pego tão de surpresa, que quase fiz cocô no chão.

— Ok, crianças! — cantarolou Cocker. — Hora do show!

O que aconteceu em seguida foi indistinto e confuso.

Sushi empurrava uma moça ou um rapaz para a frente das cortinas. Minutos depois, quando reapareceriam, várias pessoas os emboscavam para arrancar-lhes as roupas e trocá-las por outras. Eu, com certeza, não queria tomar parte dessa loucura.

Rebecca deu um pequeno puxão na minha guia.

— Vamos, gostosão. Nós seremos os próximos.

Recusei-me a me mexer.

— Vocês têm que ir *agora!* — insistiu Cocker, evidentemente nem um pouco entusiasmado com meu comportamento teimoso.

NÃO VOU A LUGAR NENHUM! Ele começou a pular de lá para

cá.

— Nosso tempo está se esgotando. Isso não é nada bom. E péssimo.

— Mas, Miles, qual é o problema? — perguntou Rebecca. — Você não quer ver Jen?

Agora ela estava falando uma língua que eu podia entender!

Quando dei por mim, havíamos atravessado a cortina. As luzes eram tão brilhantes daquele lado que eu mal podia enxergar onde estávamos.

Conforme descobri, em uma sala imensa. Em cima de um caminho estreito. Um pouco abaixo de nós, sentava-se uma multidão, a maioria mulheres e alguns homens, fitando-nos.

Tagarelando, sorrindo e batendo palmas. Como se estivessem alegres de nos ver. Desnecessário dizer, não partilhei daquele entusiasmo. Só tinha um interesse — encontrar Jen.

Rebecca levou-me até o fim da passarela onde um yorkshire terrier, encarapitado no colo de um homem na fileira da frente, começou a fazer uma cena. Sem dúvida desafiando-me para uma competição de qual "troço" era maior.

SEU CACHORRO FAJUTO! QUEM VOCÊ PENSA QUE É? SENTADO AÍ, COM ESSES LAÇOS NO CABELO. AGINDO COMO SE SEU COCÔ NÃO FEDESSE.

Quando Rebecca se inclinou para tentar me acalmar, não uma, mas suas duas tetas repentinamente saltaram do corpete do vestido.

A multidão ficou boquiaberta. Até o yorkshire terrier fechou a matraca.

— Droga — ela murmurou, soltando a guia.

Com os olhos de todos fixos nos seios nus de Rebecca, voltei minha atenção alhures.

Enquanto procurava por Jen na platéia, acabei descobrindo outra pessoa. De pé no fundo do salão, encostado contra a parede. Um largo sorriso no rosto.

BOB!

Fique tão excitado de vê-lo que, sem pensar duas vezes, pulei da passarela. Por sorte

atterrissei no colo macio de uma mulher robusta, que não estivera esperando uma companhia cair do céu.

Sem ser anunciada.

— Tire essa criatura de cima de mim! — berrou ela.

"Essa criatura" rapidamente a atendeu, porque "essa criatura" estava com uma pressa danada de chegar a um lugar muito importante.

Todavia, existia um pequeno problema. Talvez um grande problema.

Usando saia, sapatos de salto alto e batom. Cheirando ao perfume que eu adorava. E grudada em meus calcanhares.

— MILES! PARE!

Pelo tom de sua voz, eu sabia que Jen não estava feliz. Porém, como eu me achava a ponto de ser pego de qualquer maneira, recusei-me a dar ouvidos e segui em frente, até al cançar meu dono.

—

Ei, parado aí, parceiro! — Bob me segurou no colo.

Imediatamente pus-me a cobrir seu rosto de beijos agradecidos.

— Bob?

Virei a cabeça e lá, conforme esperara, estava Jen.

— Uau. Você era a última pessoa que eu imaginava encontrar aqui hoje. Desde quando começou a freqüentar desfiles na Barney's?

— acredite em mim, é a primeira vez. Fui enganado para vir. Cheguei tarde. Uma das filhas de um cliente está no desfile e...

Surpreendi Jen fitando os próprios pés.

— A mesma garota que estava com você várias semanas atrás na Bloomingdale's?

— Ah...

— Não fale mais nada. Foi tão embaraçoso.

— Na verdade, achei muito engraçado. Lembrou-me da cena de um filme.

— Um filme de horror — ela gemeu.

— Contudo hoje, aqui, foi uma performance que fico feliz de não ter perdido. Totalmente impagável.

— Hilariante, não?

E assim, no meio do que havia se transformado em uma tarde caótica, Jen e Bob partilharam um muito simples prazer humano: risos.

Até Comprida avançar e romper o encantamento.

— Só vim lhe dizer que Sushi quase enfartou com o que aconteceu e que, bem, os serviços de Miles não são mais necessários.

—Mas o yorkshire começou tudo.

— Sim—concordou Bob.—O safadinho provocou Miles.

—Acredite-me, eu sei. Porém ele pertence a um dos maiores clientes da loja. Portanto, é como se o cachorro nunca pudesse fazer nada errado, se você me entende. E aquela mulher. . Você a está vendo? Quase teve um treco quando Miles pulou em cima dela. Foi totalmente absurdo. E tão clássico. Cá entre nós, achei hilariante.

— Nós também — concordou Jen. — Antes de Miles ir embora, é melhor eu lhe devolver a bandana.

—Não—Comprida falou.—Deixe-o ficar com ela. Como um souvenir. Não contarei a Sushi, se você não contar.

Quanto a este cão, guardar segredo jamais fora um problema.

— Lá se vai sua carreira de top model, parceiro — falou

Bob, tão logo Comprida se afastou correndo.

Todavia, no que me dizia respeito, aquilo que eu não conhecia, nunca me faria falta.

— Com os diabos. Jamais quis ser mãe de modelo, mesmo.

— Tenho tido experiência com essas mulheres e, creia-me, falta-lhe predisposição genética para entender esse tipo de comportamento desajustado.

— Devo entender como um elogio?

— Sim. De fato, eu estava imaginando... — Ele calou-se no meio da frase. — Terei que me arriscar. Você estaria interessada em tomar um café, vinho, ou alguma coisa? Assim poderíamos...

— Discutir sobre o genoma humano?

— Impressionante. Exatamente o que eu tinha em mente. Jen hesitou, antes de indagar:

— Você não deve esperar por sua amiga?

— Vamos pôr as coisas dessa maneira: meu contrato não me obriga a fazer absolutamente nada que eu não queira.

Tradução: livre como um pássaro.

* * *

Bob espiou fora da loja.

— Droga. Está chovendo canivetes!

Este cão não viu nenhum objeto caindo do céu.

— Lá se foi a idéia de um café ao ar livre — ele observou, remexendo nas moedas dentro do bolso.

— Bem... — Jen mordeu o lábio inferior e brincou com o lóbulo da orelha. — Posso ter outra idéia. Isto é, não podemos levar o sr. Miles a um bar. Portanto, que tal...

Dono e cachorro aguardaram, porém a dona agora parecia não encontrar as palavras certas.

Eis a pergunta importante: será que conseguiria achá-las?

E então, depois do que pareceu um tempo ridiculamente longo, ela atirou as mãos para o ar.

— Oh, que seja! Você gostaria de tomar um drinque no apartamento?

Capítulo XXXVII

epois de escarafunchar no fundo da bolsa, Jen finalmente achou a chave. O único problema era que ela, de alguma maneira, se esquecera de como usá-la. Por sorte, a sugestão de Bob de girá-la na fechadura funcionou. De outra forma, provavelmente ainda estaríamos plantados no corredor.

— O apartamento está muito bom — disse ele, visivelmente desconfortável.

— Obrigada — respondeu ela, visivelmente desconfortável. — Apenas mexi no mobiliário. Nada de importante. Reforma barata. Pinte aqui e ali. Livrei-me de um lixo antigo. Redistribuí os quadros. Troquei a estante e o sofá de lugar. O que significou repassar os fios da TV a cabo. Coloquei a mesa de jantar mais perto da janela, assim se pode ver o prédio da Chrysler e...

Será que ela conseguiria falar ainda mais rápido, perguntei-me?

— Você moveu os móveis pesados sozinha?

— Somente eu e o sr. Adrenalina.

— Seu namorado?

— Não, não. Bem, é como quando há uma descarga de adrenalina, a gente fica com uma força impressionante e...

Bob e eu a fitamos fixamente.

— Deixa para lá. Fraca tentativa de fazer humor.

Ela empurrou os cabelos para trás das orelhas várias vezes e pigarreou.

— Pronto para um copo de Chardonnay?

— Claro.

Em vista de seu triste desempenho na porta de entrada, Jen sugeriu que Bob abrisse o vinho.

Observei os dois na cozinha.

Ênfase na palavra D-O-I-S.

Após tanto tempo separados, estavam exatamente onde eu os queria.

Juntos.

Mas como poderia garantir que permanecessem assim?

— Sente-se, sr. Masters.

— É seguro? Isto é, não tem nenhuma armadilha no sofá, tem?

— Não se preocupe. Desarme-i-a meses atrás.

Ele sentou-se em uma ponta. Ela, na outra. Apesar de não ser ideal, pelo menos parecia promissor. Inclinando-se, eles tocaram os copos de leve.

— À... bem... — vacilou Jen.

— Que tal à amizade?

Bob aproximou-se um pouquinho.

— Claro. A amizade, então.

Golinhos seguidos de tragos maiores.

— De fato, brindemos ao seu divórcio. Nunca lhe dei os parabéns. Como é sentir-se livre?

— Ótimo. Embora não possa dizer o mesmo a respeito de namorar. Puxa, nunca imaginei que existissem tantas mulheres assustadoras nesta cidade.

— Receio que o mesmo se aplique aos homens.

Reconfortava-me escutar que ambos haviam chegado à mesma conclusão.

— É realmente bom vê-la, Jen.

Abaixando o olhar, ela resmungou algo sobre ser bom vê-lo também. Todavia, se era tão

"bom" assim, por que ela ainda evitava fitá-lo nos olhos? — Você sabe que faz mais de

cinco meses desde que nos sentamos todos juntos neste sofá? — Cinco meses e uma

semana. — Jen suspirou. — E dois dias. — Mas quem está contando? — Talvez eu esteja

interpretando mal, porém, definitivamente, houve uma mudança de sua atitude em relação a

mim. Posso me atrever a perguntar por quê?

—

Porque... pode soar estranho. Na realidade, é por causa de Miles.

Inclinei a cabeça. Isto eu precisava ouvir!

—

Por acaso ele me defendeu, ou algo semelhante?

—

Sim, de certa maneira. — Jen tornou a inspirar fundo e expelir o ar. —

Tive uma espécie de encontro.

—

Espécie de encontro?

—

Não foi um encontro oficial. Isto é, o garoto...

—

Garoto?

—

Ele tem vinte e seis anos.

—

Obviamente idade suficiente para pagar INSS.

—

Pare! E sério.

Então por que ela estava rindo?

—

Deixe-me terminar a história.

—

Picaremos

quietos.

Correto,

Miles?

Sim, claro, que seja.

Eu estava bastante ansioso para que ela continuasse contando a história por razões óbvias.

—

Bem, Sophia me apresentou a esse sujeito. Benjamin é agente literário e talvez possa estar interessado no meu livro sobre cachorro.

—

Livro sobre cachorro? Pensei que você estivesse escrevendo algo na área da literatura infantil.

Não mais. Posso colocá-lo a par de todos os detalhes depois.

Promete?

Sim. Bem, voltando a minha história. — Ela tomou outro gole de vinho. — Benjamin, por um motivo qualquer, sentiu-se atraído por mim.

Não posso culpá-lo. E você? Sente-se atraída por ele?

Na minha idade, esse tipo de atenção é considerado um elogio. Benjamin é ótimo, porém, não.

Não estou interessada em nada além de um relacionamento comercial.

Bom saber — Bob resmungou, afogando as palavras em um gole de vinho.

Como é?

Nada.

Vou lhe contar o que aconteceu. Ele tem um cãozinho. Um terrier de pêlo claro. Adorável e tudo mais...

Perguntei-me aonde essa história interminável iria chegar. Julgando pela expressão de Bob, ele

se indagava o mesmo.

— ...então fui a um lançamento com ele. Com Benjamin, não com o cachorro. Era perto do apartamento dele e, bem, depois do coquetel, Benjamin precisava levar Murphy, este é o nome do cachorro, para passear e...

Bob esfregou as mãos e estalou os dedos.

— Precisava levar o cachorro para passear, hein? Um jeito esperto de persuadir uma mulher a visitar seu apartamento. Sem dúvida melhor do que convidar para ver a coleção de selos.

Inclinando-se, Jen cutucou Bob. Um bom sinal.

— Como eu estava dizendo, você sabe como são filhotes... Sim, uma amolação infernal!

— ...eles lhe dão todos aqueles beijos e...

— O tal Benjamin também tentou lhe dar beijos?

—

Não, foi um perfeito cavalheiro. Em especial depois que lhe falei que minha filha é só quatro anos mais nova do que ele. Prosseguindo: quando voltei para casa naquela noite, bastou Miles me dar uma cheirada para agir, como se eu o houvesse traído ou cometido algum outro crime horrendo.

— Acho que entendo aonde você está querendo chegar.

Bob sentou-se ereto e puxou a orelha, para se certificar de que o equipamento estava funcionando adequadamente.

— Continue, Jen. Creia-me, estou extremamente interessado.

Assim como eu.

— Bem... a atitude dele me fez pensar em você. Em nós. Sobre o que poderia ter e, principalmente, *não* ter acontecido naquela tarde de maio.

Bob puxou-me para perto e coçou a parte de trás de meu pescoço. Vacilou um instante e

disse:

— Meu parceiro aqui sabia a verdade o tempo todo. Mas simplesmente não podia contá-la a você.

— Como Emily Dickinson disse uma vez: "cães sabem, mas não contam".

Definitivamente uma tolice de algum engraçadinho, com um senso de humor esquisito.

— Cães estão sempre dispostos a perdoar aqueles que amam. E embora possam carregar marcas do passado, não ficam devastados como nós. Cada novo dia é sempre um recomeço.

Compreendi que, talvez... eu devesse seguir o exemplo deles, para variar.

— Pois estamos muito felizes que você o tenha feito. Certo, parceiro?

Absolutamente certo!

Jen inspirou fundo algumas vezes.

— Eu estava pensando... Se você não tiver outros planos ou qualquer outro compromisso, talvez queira ficar para o jantar.

— Apenas com uma condição.

Os músculos do rosto de Jen se contraíram.

— Você me deixa cozinhar.

...e então relaxaram.

— Posso preparar camarão *sautéé* na manteiga, ou a alho e óleo, e salada Caesar.

— Desde quando suas habilidades na cozinha ultrapassam filés, hambúrgueres e pratos congelados?

Filés? Hambúrgueres. Eu quase podia sentir o gosto... —Tony me deu algumas aulas e também fiz um curso de culinária italiana básica.

— Quem teria imaginado?

— E então, srta. Levy, está disposta a correr o risco?

— Agora é uma boa hora como qualquer outra.

Eu não poderia ter me expressado melhor, se tentasse. Bob virou-se para mim.

— Escute, parceiro, nós vamos ao supermercado.

— Porém nós voltaremos logo — completou Jen.

Pisquei os olhos, incrédulo.

Eles haviam mesmo acabado de dizer a palavra *nós*?

Fiquei lá sentado, observando-os.

Os olhos dela, nele. Os olhos dele, nela.

Sorrindo juntos. Rindo. Conversando um com o outro, sem discutir nem brigar.

Será que haviam realmente compreendido que era assim que deveria ser?

Que *sempre* deveria ser?

Sentaram-se à mesa, à luz de velas. Eu deitado aos seus pés. Como nos velhos tempos.

— Bem — falou Bob, depois de Jen dar a primeira garfada. — Mal posso agüentar o suspense.

— É... — Jen calou-se de repente e levou a mão à garganta, engasgada.

Bob ia pular da cadeira, quando ela começou a rir.

— Você devia ter visto a expressão de seu rosto. Desculpe, não pude resistir. — Em um gesto afetuoso, ela o tocou no braço. — Na realidade, a comida está maravilhosa!

E, de algum modo, eu tive a sensação de que Jen se sentia assim também em relação a ele.

— Uau, estou um pouco zonza. Todo aquele vinho antes do jantar, de estômago vazio, sem dúvida me subiu à cabeça.

Bob a enlaçou pelos ombros e puxou-a para junto de si. Ela apoiou a cabeça no ombro dele.

E eu me acomodei sobre o colo de ambos, firmemente decidido a impedi-los de ir a qualquer lugar.

Bob massageou-a na testa e deslizou os dedos por seus cabelos, acariciando-os.

— Sabe, eu nunca deixei de amá-la — ele sussurrou.

Jen não disse nada.

Havia caído no sono.

Capítulo XXXVIII

eria um sonho? Lambi o rosto dela, então o dele. Com certeza não tinha gosto de sonho. Os Sbraços dele ao redor dela. Os braços dela ao meu redor. Com certeza a sensação não era a de um sonho. E com o sol da manhã espreitando o quarto, não parecia um sonho.

Jen se mexeu de leve. Entreabriu os olhos.

— Hum, acho que pegamos no sono.

Correção: *acho* não. Dormiram *mesmo*.

— Você estava tão serena — disse Bob. — Não tive coragem de acordá-la.

— Uau. Dormimos de roupa e tudo.

— Foi divertido. Como se ainda estivéssemos no colégio. Nem sequer chegamos às preliminares.

— Sem beijos?

— Nem sequer um beijinho.

— Deve ter sido minha criação católica.

— Mas, Jen, querida, você é judia.

— Neste caso, às favas com as freiras. — E, assim, Jen capturou os lábios de Bob.

Uma coisa rapidamente levou à outra. Julgando por experiências anteriores, era óbvio o que estava para acontecer. Resolvi lhes dar um pouco de espaço e privacidade.

O mínimo que eu podia fazer.

Xeretando quietamente aqui e ali, cheirei as roupas espalhadas pelo chão da sala de estar.

— Nem pense nisto — advertiu-me Jen, enquanto eu, muito depressa, afastei o focinho de sua calcinha.

— Suponho que ele nunca perdeu o apetite por você — comentou Bob. — Posso entendê-

lo.

Trotei ao longo do caminho, no parque. Uma leveza explícita nas minhas passadas. Rabo e cabeça erguidos bem alto. Mandíbula relaxada.

— Miles realmente parece estar sorrindo — comentou Jen.

— Sem dúvida. Ele está feliz porque sua matilha está novamente reunida. Não é, parceiro?

Eu estava mais feliz do que eles jamais poderiam imaginar.

— E isto, Bob? Estamos juntos de novo?

— Com certeza espero que sim. Todavia, para não haver dúvida, vou selar o acordo com um... — Lentamente Bob a inclinou para trás e beijou-a.

Pega de surpresa, ela soltou minha guia. Foi naquele exato momento que notei um homem barbado e mal-ajambrado andando na nossa direção.

Nossos olhares se encontraram.

Havia algo horrivelmente familiar nele.

Assustadoramente familiar.

E então reconheci seu cheiro. Sua catinga. Seu fedor.

Pútrido.

O cerco se fechara.

Depois de todo esse tempo, o Estranho finalmente me apanhara.

Só me restava uma única coisa a fazer — *correr!* E nunca mais olhar para trás.

Voei. Corri mais rápido e então mais rápido do que jamais me imaginara capaz, com aquelas minhas pernas curtas.

E quando, enfim, parei, descobri-me em uma trilha deserta, pouco iluminada, estreita e sinuosa, onde arbustos e árvores formavam um emaranhado. Olhei em todas as direções.

Ninguém parecia ter me seguido, porém ainda não podia me arriscar. Embrenhei-me em um arbusto denso, arranhando a pele em vários galhos afiados. Todavia, de tão anestesiado pelo

medo, nada senti.

Demorei um pouco para recuperar o fôlego. Estava zozzo devido à exaustão, mas sabia que não conseguiria dormir, nem abaixar a guarda. Entretanto, precisava descansar as patas. O chão era duro, frio e molhado. A umidade atravessava meu pêlo, minha pele e penetrava meus ossos.

Tremendo, encolhi-me como uma bola e tentei me manter aquecido.

E então dei por mim.

Jen...

Bob...

Eu os perdera para sempre?

De longe, e aproximando-se vagarosamente do meu esconderijo, escutei-os me chamando.

— Miles!

— Miles!

— Miles!

— Miles!

— Miles!

— Miles!

Embora não pudesse vê-los, estavam tão perto agora, que eu sentia o cheiro de seu suor.

De sua frustração. De sua infelicidade.

— Miles! Onde você se meteu?

Eu estava tão apavorado de revelar meu esconderijo, que não queria nem sequer dar uma espiada.

— Miles! Venha cá, parceiro!

Eu estava tão apavorado de revelar meu esconderijo, que não podia nem sequer mover um músculo, um pêlo ou mesmo um fio do bigode.

Como podia este leal e devotado vira-lata simplesmente abandonar as duas pessoas que

mais amava no mundo?

A verdade era que este leal e devotado vira-lata não passava de um covarde egoísta!

Senti meu coração vir à boca. Onde estavam minhas bolas, quando mais precisava delas?

Porém as coisas iam ficar ainda muito piores...

— Ei, o que vocês estão procurando?

A voz soou grave e roufenha, como se ele houvesse gargarejado com um balde de pregos.

E aquele inconfundível odor corporal. Como ratos podres em um dia quente de verão. Eu sabia que somente uma pessoa exalava esse fedor.

O Estranho.

Eu não tinha que enxergar o Mal para saber que ele estava praticamente em cima de mim.

— Nós... nós perdemos nosso cachorro — escutei Jen explicar.

— Ele é um rapazinho pequeno — disse Bob. — Pêlo curto, bege, com manchas brancas no focinho e patas.

— Tem orelhas grandes, como chihuahua?

— Sim, é o nosso Miles! — gritou Jen. — Você o viu?

— Talvez sim. Talvez não.

— Ouça, senhor — falou Bob —, desculpe-me, mas logo estará escuro e realmente não temos tempo para brincadeiras. Nosso cachorro está perdido aqui, em algum lugar...

— ...e temos de encontrá-lo — concluiu Jen.

— Dane-se o cão. Não estou interessado em cachorro nenhum.

— Bem, então, desculpe-me por perguntar — retrucou Bob —, mas qual é a sua intenção?

— Isto aqui no meu bolso, idiota. Então ouvi Jen gritar.

— OH, MEU DEUS, BOB, ELE TEM UMA FACA! Não, não podia estar acontecendo...

— FECHE SUA MALDITA MATRACA, DONA!

— Relaxe, cara. Ela apenas está nervosa. O que você quer de nós?

— Começemos com seu relógio. Parece valioso.

— Aqui está — escutei Bob dizer. — Leve-o. Você deverá conseguir um bom preço por um Rolex. Agora, por favor, deixe-nos ir.

— Não tão depressa, senhor. Ainda não terminei de fazer minhas compras. Vou levar sua carteira também. Vamos, vamos. Estou com a agenda apertada... Isto é tudo o que você tem?

Uma porra de míseros quarenta dólares?

— Desculpe. Se eu soubesse que seria assaltado, teria passado em um caixa eletrônico.

— Quem você acha que é, companheiro? Algum sabidão metido a besta?

— Eu tenho... eu tenho algumas moedas — murmurou Jen.

— O que eu vou fazer com moedas? Tomar café?

— Deixei minha carteira em casa.

— Neste caso, o que mais você tem aí?

— Que tal isto?

— Uma pulseira de contas? Você só pode estar brincando! Que tal esses brincos de diamante?

Não, por favor, eu imploro. Não os leve. Foi meu presente de quarenta anos de meu falecido pai. Ele estava realmente muito doente na época, mas insistiu em uma festa para poder me fazer uma surpresa. Você entende, esses brincos são uma lembrança de meu pai... E não se pode pôr preço em uma lembrança de valor sentimental tão grande.

— Escute, dona, não estou a fim de agüentar enrolação — reclamou o Estranho. — Apenas me dê os malditos brincos.

— Mas...

— Jen, por favor. Jóias podem ser substituídas. Você não.

— Aqui estão — ela murmurou, engolindo o pranto. — Então... leve-os.

Nunca suportei ver Jen chorar. Como poderia não confortá-la? Lamber o sal de suas faces?

Tentar fazê-la sorrir?

Meu corpo, como se tivesse vontade própria, começou a me empurrar para cada vez mais perto da abertura do arbusto. Espiei lá fora, protegido pelas sombras do anoitecer, e tive uma visão completa do desenrolar da tragédia.

Jen estava encurralada contra uma árvore. A expressão de seu rosto era como a de alguém que fora atingida por um caminhão. Em uma colisão frontal.

Bob estava de pé ao seu lado. A expressão de seu rosto era como a de alguém cujas pernas haviam sido amputadas.

O Estranho, muito próximo de Jen, tinha em seu rosto a expressão de uma fera faminta, pronta para se atirar sobre sua presa.

— Sabe, você é bem bonita para uma mulher da sua idade. Cintura fina. Tetas grandes. —

Ele deslizou um dedo pelo peito dela. — Como eu gosto.

— TIRE SUAS MÃOS IMUNDAS DE CIMA DELA!

O Estranho afastou-se de Jen e sacudiu a faca ameaçadoramente para Bob.

— FECHÉ SUA MALDITA MATRACA! OU EU A FECHAREI PARA VOCÊ!

— Um lugar diferente. Uma vida diferente. Mas aquelas palavras me eram por demais familiares.

* *

Quando apareci à porta de Mary, ela não tinha intenção alguma de ficar comigo.

De acordo com a história que ela gostava de contar com frequência, sua única filha, "uma mulher evidentemente envergonhada de sua própria origem", possuía uma chihuahua com verdadeiro pedigree de campeã. E, aparentemente, um vigoroso impulso sexual também. Parece que a cadela ficara prenha de um dachshund, resultando no nascimento deste cão que "vos" fala, também conhecido como um "grande furúnculo na bunda da perfeição".

Depois que fui desmamado e treinado para fazer minhas necessidades, Shannon e seu marido, "esnobe e arrogante", arrancaram-me de sua "casa chique e sem crianças em Georgetown" e me depositaram "no coração do Bronx". Um "presente atrasado de setenta e cinco anos" que Mary se sentiu muito tentada a devolver.

Até que eu a conquistei. O que, supostamente, levou "uns bons dez minutos". Dali em diante, a velha senhora ranzinza e eu nos tornamos inseparáveis, como siameses. Algo bastante fácil, considerando o tamanho do apartamento. Mary não fazia muita coisa durante o dia, exceto assistir as suas novelas e programas de entrevista na tevê. E tricotar. Mas estava ótimo para mim, desde que pudesse me aconchegar junto ao seu corpo caloroso.

Mary e eu sempre saíamos para dar um passeio antes de dormir. Naquela noite em particular, estranhamente quente para dezembro, deparamos com sua amiga, sra. Marsibillo, e Teresa, a distraída e dentuça, porém doce maltês. Pelo que entendi, a sra. Marsibillo estava para se mudar da vizinhança. "Já não é mais seguro aqui", lembro-me de ouvi-la dizer, todavia Mary simplesmente a desdenhara. Tinha seu "fiel cão de guarda" para protegê-la. Afinal, nas palavras da velha senhora, ela não decidira me chamar de Connel — um bom nome irlandês para os corajosos e ferozes — a troco de nada. Ou assim ela pensava.

Mary desejou boa sorte à amiga e subimos os degraus do prédio que chamávamos de lar.

Uma vez lá dentro, ela desprendeu minha guia e coleira, para que eu pudesse correr até o fim do corredor e esperá-la perto de nosso apartamento. Essa era nossa pequena brincadeira.

Entretanto, antes mesmo de chegar a nossa porta, o cheiro já havia me distraído. Do que seria?

Não era dos pãezinhos que Mary assava toda manhã de domingo para levar ao padre

Timothy, que, julgando pelo seu tamanho, não precisava deles.

Tampouco do ensopado que ela cozinhara para o jantar e dividira comigo.

Ou daquele bocadinho de uísque que ela gostava de acrescentar ao café.

Eu sentia cheiro de perigo. Forte e evidente. A velha senhora rapidamente passou por mim,

arrastando os pés. Estava com pressa de urinar. Por causa de um dos seus "porcaria de rim".

Tentei avisá-la para se afastar, ela não me deu ouvidos. Estava "seletivamente surda" e escutava apenas o que queria. Mary girou a chave na fechadura e entrou no apartamento. — Está vendo, Connel, não tem ninguém.. Antes mesmo que pudesse terminar a frase, uma mão cobriu seus lábios, um braço agarrou-a com força pela cintura e empurrou-a contra a porta, forçando-a a fechá-la.

O Estranho me pegara tão de surpresa que, por um instante, fiquei ali parado. Fitando-o...

Era o homem mais alto que eu jamais havia visto.

Rosto comprido e barbado. Faces encovadas. Um chapéu enterrado de tal forma na cabeça que seus olhos escuros pareciam ainda mais penetrantes.

...enquanto minha Mary se debatia em suas garras. Eu tinha de salvá-la. Era o que deveria fazer.

Não me importava quão grande ele fosse. Quão forte. Quão mau. AFASTE-SE DELA!, lati outra vez e outra vez.

— Feche sua matraca! — ele rosnou, entredentes.

Eu estava prestes a atacá-lo no pé quando, com um chute rápido nas minhas costelas, o

Estranho me derrubou. Caí no chão. Atordoado. Uma massa disforme e indefesa.

Furiosa, Mary lutou para se libertar. Balançava a cabeça com tanto vigor, que seus óculos voaram. E então, de alguma maneira, conseguiu morder um dos dedos do Estranho. Presumo que com muita força, porque ele gritou de dor.

— SUA MALDITA VACA VELHA!

O sujeito soltou Mary para olhar a ferida. Por sua vez, ela virou-se e o acertou nos genitais com a bolsa.

— Vou lhe ensinar a não machucar meu cachorro! Seu rato imundo!

O Estranho, encurvado, não estava feliz.

— E eu vou lhe ensinar a não se meter comigo! — ele berrou, tirando uma faca do bolso e

enterrando no peito de Mary De novo e de novo.

Os joelhos de Mary se vergaram enquanto ela caía no chão, perto de mim. O casaco ensopado de sangue. Cutuquei-a com o focinho. Será que ela estava bem? Seus olhos estavam abertos, porém vazios. A pele tão branca quanto os cabelos. Deslizei a língua em sua pele. Fria ao toque. Cutuquei-a de novo. Ela não se mexeu. Olhei para o Estranho, de pé sobre nós dois.

O QUE VOCÊ FEZ COM ELA? O QUE VOCÊ FEZ COM A MULHER QUE EU AMO?

Ele ergueu a faca e me ameaçou, cortando o ar ao num redor.

— FECHÊ ESSA MATRACA DE MERDA OU EU A FECHAREI PARA VOCÊ!

Mas recusei-me a parar de latir.

Então ele se jogou sobre mim. Consegui escapular.

Temendo que ele pudesse ter mais sorte da próxima vez, corri como o diabo.

Pulei do tapete para o sofá e deste saí pela única janela do apartamento, a qual o bandido deixara convenientemente aberta.

Aterrissei no beco, sobre um monte de lixo.

Bem na hora em que o caminhão de lixo passava...

Eu não podia deixar isto acontecer de novo.

Não com Jen.

Não com Bob.

Os dois haviam me salvado de meu passado, agora era meu dever salvá-los de seu presente.

Silenciosa e rapidamente, aproximei-me do Estranho, rastejando.

Silenciosa e rapidamente, enterrei meus caninos na sua perna.

Com força.

Com muita força.

Até sentir a carne romper.

— O QUÊ... — ele berrou, curvando-se para segurar a perna.

Não sendo o tipo de desperdiçar uma ótima oportunidade, pulei e mordi o rato imundo bem na bunda. Com força. Com muita força.

— MILES!

Quis correr para Jen e Bob, mas ainda tinha negócios a terminar.

O Estranho virou a cabeça. Narinas frementes. Olhos estreitados. Boca espumando.

— VOU PEGÁ-LO, SEU INÚTIL!

Porém este inútil era por demais artiloso.

QUERO VER VOCÊ TENTAR!

Dei voltas e mais voltas ao redor do homem. Correndo para um lado e depois para o outro.

Evidentemente frustrado, o Estranho jogou-se sobre mim, mantendo a faca afiada na mão.

Saí do caminho. Ele tropeçou, perdeu o equilíbrio...

FELIZ ATERRISSAGEM, IDIOTA!

...e caiu de cara no chão, a faca escapando-lhe da mão.

Enquanto o Estranho se movia para agarrá-la, dois homens desgrenhados e mal-vestidos pularam das sombras.

— PARADO! — gritaram, exibindo seus distintivos brilhantes. — POLÍCIA!

O Estranho tentou levantar-se, sem dúvida com a intenção de sair em desabalada correria, mas foi dominado.

— SOLTEM-ME!

— Você está preso! Leia os direitos desta escória, Ted.

— Com prazer, sargento.

— Vocês não vêem que estou sangrando? Aquele cachorro me mordeu. Quero prestar queixas. O maldito cão provavelmente me passou a raiva.

Provavelmente o contrário, pensei. Muito mais provavelmente o contrário.

Capítulo XXXIX

Eu poderia ter pensado em uma maneira melhor de passar a noite.

Claro que os policiais foram realmente simpáticos e aquele hambúrguer, com certeza, um bônus. Mas agora eu só queria ir para casa e me aconchegar debaixo das cobertas com Jen e Bob.

Estávamos prestes a deixar a delegacia, quando uma moça pequenina, parecendo uma poodle com os cabelos encaracolados empilhados no alto da cabeça, latiu para nós.

— Desculpem-me, sinto incomodá-los. Sei que é tarde. Sou repórter policial do *Post* e acabei de escutar essa história impressionante sobre seu cachorrinho.

Ela me olhou por um instante.

— Uau, eles não estavam brincando quando disseram que você era uma coisinha.

QUEM VOCÊ ESTÁ CHAMANDO DE COISINHA?

— Não rosne para a senhora — pediu Jen. — Desculpe-me, ele está exausto e um pouco irritadiço.

— Tudo bem. Acredite-me, posso entender. Se vocês não se importarem, eu gostaria de lhes fazer algumas perguntas e tirar uma foto de... Qual é o nome dele?

— Miles — falou Bob. — O nome dele é Miles.

Capítulo XL

J

en deu um gritinho de excitação e mostrou o jornal a Bob. O queixo dele praticamente caiu até a metade do peito.

— Caramba! Miles! Sua foto está na primeira página do *Post*.

Considerando a animação de Bob, supus que não fosse uma coisa ruim.

— "Cachorrinho de cinco quilos ajuda a polícia a prender o acusado de matar Mary Sparks..." — Bob leu alto.

Epilogo

i, rapaz, você demorou bastante! Jen agachou-se para soltar minha guia, tateando aqui e

Eali.—O que é isto?

E então seus olhos quase saltaram das órbitas.

— OH... MEU... DEUS!

O que eu tinha feito agora, pensei. Calmamente, Bob entrou na sala. Um grande e satisfeito sorriso no rosto.

— Alguma coisa errada?

Jen tirou a fita atada ao redor de meu pescoço. E a balançou diante do rosto dele.

— Ah, ah, ah... isto é o que eu acho que é? Porque se for. . Isto é...

— Não sei. Posso dar uma olhada?

— Claro.

— Obrigado. Hum. Parece que talvez seja. É, talvez. Tamanho certo. Brilho suficiente. Bela limpidez. Lapidação Lucinda. Na minha opinião, quase profissional, eu diria que você tem razão. É o que você acha que é.

E então, como se houvesse perdido o equilíbrio, Bob ajoelhou-se diante de Jen. Preocupe-me que ele houvesse se machucado e, assim, corri para ajudá-lo.

— Não se preocupe, parceiro. Creio que posso assumir daqui em diante.

Assumir o *quê* e para *onde?*, perguntei-me, inteiramente confuso.

— Sabe, outro dia, depois de terminada a sessão de fotos de Miles para a revista *People*, ele e eu tivemos uma longa conversa. E ele decidiu que já estava na hora de eu pedi-la,

Jen Levy...

Bob tomou a mão dela entre as suas e, antes mesmo de terminar a frase, Jen já havia lhe respondido.